

**MIA COUTO** Novo romance: o mais 'desafiador'

Entrevista de Luís Ricardo Duarte. Pré Publicação. A crítica de Agripina Vieira PÁGINAS 8 A 10

JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

JL

Ano XXXV • Número 1175 • De 14 a 27 de outubro de 2015  
• Portugal (Cont.) €2,80 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos



Mia Couto

# JOÃO LOBO ANTUNES

## O cérebro, o espírito, as palavras

Entrevista de M<sup>a</sup>. Leonor Nunes  
e crítica ao próximo livro  
por Miguel Real

PÁGINAS 23 A 26

### JL/Educação

Conferências, colóquios  
e congressos sobre  
os problemas da(s)  
Escola(s). Entrevistas  
com , e texto de,  
Carlos Fiolhais,  
Margaret Raymond,  
David Rodrigues,  
M. Carmelo Rosa  
e R. Queirós de Melo

Camões \* Agenda Cultural



## > BREVE ENCONTRO <



### Nuno Faria Território e fotografia em Guimarães

Portugal que ficou no retrato, do séc. XIX até hoje: são centenas de imagens impressas e projetadas, numa exposição que cruza a fotografia e os olhares de fotógrafos, geógrafos, etnólogos, arquitetos, sobre a paisagem portuguesa. *Os Inquéritos [à Fotografia e ao Território]: Paisagem e Povoamento* inaugura-se a 17, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG).

A lendária expedição à Serra da Estrela, empreendida pela Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1881, com Martins Sarmento, um trabalho pouco conhecido de Carlos Relvas, são exemplos dos passos pioneiros no mapeamento fotográfico. Uma exposição que, como diz ao JL o curador Nuno Faria, diretor artístico do CIAJG, através da multiplicidade de olhares vai, sem propor uma “tese”, mas apresentando uma imagem poliédrica, “problematizar a construção da nossa identidade”.

**JL: Inquéritos vai dar-nos o retrato do país real ao correr do tempo?**

Nuno Faria: Não se trata apenas de uma exposição que se debruça sobre o território como objeto de estudo. Em primeira instância, é de fotografia. Queremos inquiri-la, através de uma série de levantamentos, feitos ao longo de um século, enquanto modo de estabelecer um olhar. O retrato não é só daquilo que as imagens mostram, mas também daqueles que as fizeram, no sentido em que há também uma vontade de auto-descoberta. É comum a todos o prazer de descobrir e da caminhada. E muitos fizeram o mesmo caminho, andaram pelas mesmas paisagens. Abrigos de pastores, por exemplo, em alturas diferentes, foram fotografados por Orlando Ribeiro, Duarte Belo ou Pedro Tropa.



**Porque se interpela especificamente a fotografia?**

Interessou-nos não como disciplina, mas como uma prática comum, como instrumento. Daí, convocar várias abordagens da arquitetura à geografia. Portanto, o inquérito é tanto à fotografia como ao território, enquanto modelo. Quisemos apresentar um conjunto amplo de imagens, documentos, projetos, que de diversas formas e em diferentes épocas, fizeram esse retrato do país.

**Tudo parte da expedição à Serra da Estrela de 1881.**

E é a primeira vez que, em Portugal, a fotografia, no campo mais científico tem lugar. Isso é simbólico e tem ressonâncias míticas noutras gerações, embora existam poucas imagens. Houve depois muitas missões e é curioso que continue a existir essa pulsão de fotografar o território, onde vivemos, concreto e ao mesmo tempo abstrato.

**Hoje com visões mais críticas?**

A paisagem também é ideológica. E é natural que alguns trabalhos tenham um sentido crítico sobre a forma como o território vai mudando e as opções feitas. Vamos ter fotografias do geógrafo Álvaro Domingues, que criou mesmo o conceito de paisagem transgénica. Julgo que a exposição vai envolver muita curiosidade, porque dá corpo a um imaginário fortíssimo.

**Em que sentido?**

A época em que vivemos é de dúvida e isso potencia a intensidade do interesse sobre estes projetos. Quanto mais ameaçados nos sentimos em relação à maneira como vivemos e queremos viver, mais nos interessamos por este lugar que é o território, onde vivemos e que espelha as nossas escolhas. *Inquéritos* vai lançar um olhar sobre o modo como nos construímos e sobre a nossa identidade. **JL MARIA LEONOR NUNES**



**Helena Almeida Em Serralves** *A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra*, uma retrospectiva de Helena Almeida, inaugura a 16, no Museu de Serralves, Porto. Trabalhos de pintura, fotografia, desenho e vídeo, de meados dos anos 60 até hoje, entre os quais, as famosas pinturas “habitadas”, séries fotográficas de referência e outras raramente vistas, permite seguir o percurso da artista, nascida em 1934, um dos mais inovadores e estimulantes da nossa contemporaneidade. E ainda, a partir de 17, no Teatro S. João, uma sequência de 20 fotografias suas, *Sem título*, de 1994. Até Janeiro, seguindo depois a mostra para Paris e Bruxelas.

### VAI ACONTECER

#### ESTREIAS NO D. MARIA

*Ricardo III*, de William Shakespeare, segundo Tonam Quito, estreia-se amanhã, quinta-feira, 15, na sala Garrett, do Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa. António Fonseca, Márcia Breia, Miguel Loureiro, Miguel Moreira, Miguel Sobral Curado, Paulo Pinto, Raquel Castro, Romeu Runa, Sofia Marques, Teresa Sobral, e o próprio Tónan Quito, que assina a encenação, integram o elenco. Fica até 9 de Novembro. Na sala estúdio, estreia, a 22, *Entraria nesta sala...*, espetáculo com texto de Ricardo Neves-Neves, que revisita o universo das comédias do cinema português dos anos 30 e 40. É uma produção da Primeiro Sintomas, com encenação de Sandra Faleiro.

#### O "NOVO" NA CULTURGEST

*Novo* é o título e também o tema da nova criação de João de Brito e Yola Pinto, que estará em cena, na Sala 6 da Culturgest, em Lisboa, até ao próximo domingo, dia 18. As mudanças que acontecem no corpo de uma pessoa são o meio de expressão dessa novidade, em pequenos gestos que se transformam em algo de novo. João de Brito interpreta, enquanto Yola Brito encena. A concepção plástica é de Irina Raimundo, com desenho de luz, som e vídeo de Nuno Figueira. As sessões decorrem às 10 horas, durante a semana, e às 16, no domingo, com pausa ao sábado.

#### FESTIVAL VERÃO AZUL

De 15 de outubro a 28 de novembro, realiza-se a sexta edição do Festival Verão Azul. De 15 a 25 de outubro em Lagos e Portimão, e de 14 a 28 de novembro em Loulé e Faro. O Festival começa no Teatro Municipal de Portimão com o espetáculo de Ana Borrhalho & João Galante, “Só há uma vida e nela quero ter tempo para construir-me e destruir-me”. Nove curtas, pelo Fuso-anual de vídeo-arte, serão exibidas no Centro Cultural e no Laboratório de Atividades Criativas, em Lagos. Há, ainda, uma oficina para escolas do primeiro ciclo da Companhia Caótica. O festival encerra com o concerto do Benjam Clementine, no Teatro das Figuras de Faro.

#### LANÇAMENTO DE INVISUALIDADE

*Invisualidade*, de Carlos Vidal, uma obra que resulta da tese de doutoramento do historiador de arte, docente da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, edição Fenda, é lançada a 26, às 18, no Teatro da Politécnica, espaço dos Artistas Unidos, em Lisboa. A apresentação está a cargo de Silvina Rodrigues Lopes, António Bracinha Vieira e Jorge Silva Melo, além do autor, que vai refletir sobre a feitura do livro de nove centenas de páginas, em que aborda, e confronta quatro artistas: Caravaggio, Rembrandt, Velázquez e Bruce Nauman.



## FÓLIO – Festival Literário Óbidos, uma cidade de escritores

¶ Afirmam que não são apenas um festival literário e a programação confirma-o. O Folio – O Festival Literário Internacional de Óbidos tem a sua primeira edição entre os próximos dias 15 e 25, com 200 autores, portugueses e estrangeiros, com especial destaque para os do universo da língua portuguesa (Ana Paula Arnaut, António Mega Ferreira, Eduardo Lourenço, Filipa Martins, Francisco José Viegas, Gonçalo M. Tavares, Gregório Duduvier, Hélia Correia, Javier Cercas, João Tordo, Karla Suarez, Mário Zambujal, Mia Couto, Pedro Mexia, Reinaldo Moraes, Ricardo Araújo Pereira, Richard Zenith ou Rachel Kushner). Em vários espaços, vão falar de livros e de literatura, num ambiente que se quer de festa, durante e entre sessões. "Folio é o primeiro capítulo de um projeto ambicioso", afirmam os diversos curadores convidados pela organização da Câmara Municipi. "É nele que se está a escrever a história de uma Vila Literária que se vai transformar num dos lugares obrigatórios para a literatura mundial. O Folio é onde se apresenta Óbidos Vila Literária. É a sua capa e o maior cartaz."

A ambição do projeto é demonstrada pela variedade do formato, que vai além das habituais mesas-redondas e conferências. Na verdade, o Folio é constituído por vários encontros, que se cruzam e misturam na ideia de "festa literária". Em Folio autores, que tem curadoria de José Eduardo Agualusa, reúnem escritores de várias nacionalidades em entrevista e debates à volta de um tópico ou um livro. "A intenção é surpreender os leitores, juntando autores muito conhecidos e outros ainda não tão divulgados



Elefante Salomão A Literatura nas ruas de Óbidos, também em teatro

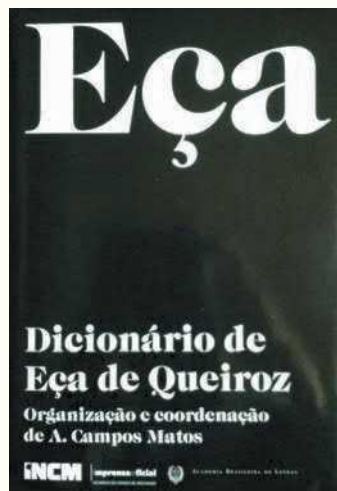
em Portugal, mas de reconhecida qualidade, discutindo temas atuais". O objetivo é que a discussão se alastre às "ruas e às praças de Óbidos durante todos os dias e noites do festival". Em A Folia, com curadoria de Anabela Mota Ribeiro e Nuno Artur Silva, abre-se a página da música, teatro cinema, exposição, aulas, maratonas de leitura e conversas, com um triângulo bem acentuado: Portugal – África – Brasil. Entre outros espetáculos, destaque-se o de António Zambujo e Mayra Andrade a cantar Caetano Veloso, o de Cristina Branco e Trio de Mário Laginha a partir de Chico Buarque e o de Kalaf e Toty Sa' Med a revisitarem a poesia angolana dos anos 60 e 70.

Ao longo dos 11 dias, ainda há espaço para o Folio Educa, com coordenação de Teresa Calçada e Maria José Vitorino, que pretende mostrar

como "a leitura e a literatura estão sempre envolvidas com todas as outras áreas da vida, da sociedade". Esta secção tem uma organização temática – "Música e Literatura", "Matemática e Literatura", "Artes Cénicas e Literatura", "Filosofia e Literatura" – com a participação de vários estudiosos e agentes do sector. Sem esquecer a formação, esta rubrica terá ainda um seminário internacional. O Folio terá ainda um conjunto muito significativo de atividades dedicadas à ilustração, comissariadas por Mafalda Milhões, com colaboração de Dora Batalim SottoMayor. Maria Keil é a artista homenageada. Por último, em o Folio Paralelo, coordenado por José Pinho, iniciativas de editoras, institutos e outras entidades presentes no encontro, com lançamentos de livros, sessões de autógrafos e conversas (com autores e sobre a atualidade). JL

## Dicionário de Eça, de novo e também no Brasil

¶ Vai chegar às livrarias portuguesas a 3ª edição (ilustrada, revista e ampliada) do Dicionário de Eça de Queiroz, organização e coordenação de A. Campos Matos, o especialista queiroziano, autor também de parte importante e que a ele tem dedicado muitos anos de labor. Mas esta 3ª edição (a 1ª e a 2ª, aumentada, da Caminho, saíram em 1988 e em 1993, estando há muito esgotadas, sendo de 2000 um seu Suplemento) é da Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, tendo também as "chancelas" da Imprensa Oficial do Governo do Estado de São Paulo e de Academia Brasileira das Letras – porque vai ser comercializada também no Brasil, através daquela entidade paulista. Trata-se de um volume único, de 1472 páginas, no qual



à matéria das anteriores edições se acrescenta nova colaboração: 82 verbetes de 30 autores. Uma cuidada edição, que pelo facto de ter distribuição também no Brasil – onde como se sabe o "culto" por Eça ultrapassou o verificado em Portugal –, lhe dará nova repercussão. Como se nota no colofon, é verdade que "a narrativa queiroziana, além de constituir uma fonte ilimitada de prazer, é um poço sem fundo de novidades e surpresas, mesmo para aqueles que têm Eça como autor de cabeceira". O que resulta também do "facto de a sua obra ser enorme, cerca seis mil páginas, e o seu estilo encantatório ocultar por operosa e calculada simplificação, profundos e recônditos sinais que se revelam apenas a releituras atentas". JL

## EDITORIAL

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



## O ensino da literatura portuguesa no Brasil

Como na página 6 se noticia, no Brasil começou-se já a assinalar e 'comemorar' os cem anos de Cleonice Berardinelli. Essa excepcional figura de professora, mulher de cultura, especialista de literatura portuguesa, em particular Camões e Fernando Pessoa, símbolo de brasileira lusófila a que o nosso país tanto deve, só atinge o centenário a 16 de agosto do próximo ano. Mas assim o quiseram, muito bem, os seus inúmeros amigos, admiradores e discípulos (só na Academia Brasileira de Letras tem cinco ex-alunos). Desta forma, há todo um ano para sublinhar as várias vertentes da importância da sua obra e do seu exemplo.

Mas à inigualável D. Cleo, já muitas vezes presença no JL, em devido tempo voltaremos, associando-nos àquelas 'comemorações' – que não podem deixar de ter, e decerto terão, expressão em Portugal. Agora quero apenas destacar como ela contribuiu como ninguém para o ensino da, e o interesse pela, literatura portuguesa no Brasil, para a formação de tantos e tantos dos seus professores, que já formaram outros professores, e estes formaram outros ainda... Aliás, a profª Cleonice continua a dar "aulas" de várias espécies e até não há muito algumas mesmo 'formais', dentro ou fora da Universidade...

Vem isto a propósito da homenagem que se consubstancia, como ali é noticiado, em ser-lhe dedicado o congresso da Cátedra Jorge de Sena, com o título "Há 100 anos Orpheu canta para Cleonice". Ora, não me recordo de ver em Portugal nenhum congresso, ou similar, mormente em qualquer universidade, em que tantos escritores portugueses e suas obras tenham sido objeto de intervenções – de estudo, análise, debate. O que vai ser esse congresso é impressionante e mostra a amplitude, a pujança,



**No centenário de D. Cleo, um Congresso mostra como os nossos escritores são estudados no outro lado do Atlântico**

Tentando não falhar nenhum, vejamos então sobre que autores portugueses há intervenções específicas, várias sobre alguns deles, em especial Eça e Pessoa. Seguindo a ordem das várias mesas, e das comunicações que as integram, temos: Luís de Camões, Fernando Pessoa, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Jaime Batalha Reis, Camilo Castelo Branco, Bernardim

Ribeiro, Gil Vicente, Fernão Lopes, Manuel Alegre, Gastão Cruz, Sophia de Mello Breyner, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Ruy Belo, Herberto Helder, Fernando Namora, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, Vergílio Ferreira, David Mourão-Ferreira, Mário Cláudio, António Ferro ("o excluído de Orpheu"), Almada Negreiros, Almeida Faria, José Saramago, Helder Macedo, Gonçalo M. Tavares, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Raul Brandão, António Nobre, Agustina Bessa-Luís, Maria Gabriela Llansol, Mário de Sá-Carneiro, André Falcão de Resende. Isto, claro, fora muitos outros escritores a propósito destes, ou em intervenções de caráter geral, naturalmente referidos. Será preciso acrescentar alguma coisa?...

**Prémio Nobel da Literatura** Não conheço a obra de Svetlana Alexiévich. Mas pelo que sobre ela tenho lido, não oferece dúvida que é uma obra essencial e profundamente jornalística, que nos dá a dramática realidade sobre que escreve através de múltiplos testemunhos, vozes, de gente concreta, identificada – com a qualidade de escrita e de construção narrativa que o melhor jornalismo exige, mas sem a (re)criação ficcional que caracteriza a literatura em sentido "estrito" (e estreito?). Assim sendo, e sem prejuízo do que o jornalismo representa na obra de um Nobel como Gabriel García Márquez, poder-se-á porventura dizer que este Prémio é uma espécie de "consagração", ao mais alto nível, da tese segundo a qual o grande jornalismo é também, é sempre, literatura. JL



## &gt; BREVES &lt;

❗ **XVII ENCONTRO DE POETAS DO MUNDO LATINO**, com a presença dos poetas António Carlos Cortez, Eduardo Chirinos, Omar Lara, Fernando Fernández, entre outros, na Cidade do México, de 20 a 28 de outubro.

❗ **JAMESON URBAN ROUTES 2015**, no Music Box Lisboa, com La femme, Telepathe ou Suuns & Jerusalem In My Heart. De 22 a 24 e de 30 a 31 de outubro.

❗ **4.º ENCONTRO DE FADO DA AMADORA**, recebe Natália Escoval, Hélder Moutinho, Cristina Nóbrega e Dina do Carmo, nos Recreios da Amadora de 15 a 18.

❗ **ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA**, interpreta obras de Wolfgang Amadeus Mozart e Antonín Dvořák, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, a 15, às 18 e 30.

❗ **VIOLONCELO STRADIVARIUS CHEVILLARD**, classificado como Tesouro Nacional, cedido para o concerto de apoio aos refugiados, na Fundação Gulbenkian, a 18, às 19.

❗ **DA INQUIETUDE À TRANSGRESSÃO: EIS BOCAGE...**, exposição no âmbito dos 250 anos do nascimento de Bocage, com visitas guiadas, na Biblioteca Nacional de Lisboa, a 16 e 30 de outubro, as 16 e 30.

❗ **DO SOFRIMENTO À FELICIDADE** - livro de Rossana Appoloni, apresentado no Teatro A Comuna, a 17, às 17 e 45, com a atuação dos Doutores Palhaços Remédios do Riso.

❗ **SILENCE SPEAKS: MASKS, SHADOWS AND PUPPETS**, de Francisco Capelo, apresentado no Museu da Marioneta, hoje, 14, às 18 e 30.

❗ **ORQUESTRA DE GUIMARÃES**, com a oboísta Samuel Bastos, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor, a 16, às 22.

❗ **TENDÊNCIAS TECNOLÓGICAS GLOBAIS: UM MUNDO MELHOR?**, segunda conferência do ciclo "Os Futuros de Portugal", no Auditório de Serralves, com intervenções de Andrea Ricci e José Manuel Fonseca de Moura, a 15, às 21 e 30.

❗ **O RUMO DA IMPROVISAZÃO**, Catarina Melo, exposição de pintura, na Casa do Sal, sede da Associação Cultural - Oficina D'Angra, Angra do Heroísmo, a 16, às 21.

❗ **A TUNÍSIA À BEIRA-TEJO**, mostra de pintura contemporânea, em exposição até 18 de outubro, no Museu do Oriente em Lisboa.

❗ **FESTIVAL INTERNACIONAL DE MARIONETAS DO PORTO**, no Teatro Nacional São João, até 17 de outubro. Complementado por "Ecombros", a 15 e 16 de outubro, às 21h00 e por "Punch & Judy", peça de Rod Burnett, a 17, às 11 e às 16.

❗ **MÚSICA POR UMA CAUSA**, concerto de apoio aos Refugiados, com a Orquestra e o Coro Gulbenkian, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a 18, às 19.

## Graça Morais e Jorge Listopad no Teatro da Garagem

❗ *Graça: suite teatral em três movimentos*, um espetáculo dedicado a Graça Morais, estreia amanhã, quinta-feira, 15, no Teatro Taborda, em Lisboa. É a nova produção do Teatro da Garagem que inaugura um ciclo de "teatro documental", segundo o encenador e dramaturgo Carlos J. Pessoa, que dirige a companhia. Com textos da pintora e do escritor Antonio Tabucchi, a peça surge de um encontro "feliz" com a artista e ao abrigo de uma antiga colaboração com o Teatro Municipal de Bragança. "A obra de Graça Morais é política, como assume, e nela há um empenhamento cívico em causas que considera importante refletir na sua arte. E isso agrada-me muito", adianta o encenador ao JL. "Também entendo que a arte é política, tenho dificuldade de a entender desvinculada de um compromisso com os outros e com a tentativa de pensar sobre a sociedade em que vivemos. E nessa medida foi fantástico trabalhar neste espetáculo, uma oportunidade de admirar a sua pintura e dar-lhe a relevância que merece".

Foi no atelier de Graça Morais, vendo a pintora a trabalhar, enquadramento filmado



Graça Morais Nome de peça com textos seus e de António Tabucchi

que integra a *Suite*, que Carlos J. Pessoa imaginou a peça e o que seria a sua encenação, o seu desenvolvimento em palco. As quatro telas que a pintora estava a criar, a série *O sofrimento de Vénus*, sobre a violência familiar, vão estar expostas no

teatro, também a partir de 17. "Ver o seu processo criativo foi marcante e senti uma afinidade especial com um quadro que estava no atelier, sem perceber bem porquê. Foi assim que Graça me mostrou o texto de Tabucchi, que depois usámos",

explica ainda. "O quadro, *A caminhada do medo*, é sobre a questão das migrações, que infelizmente se agudizou na Europa nos últimos tempos. São temas como este, que está na ordem do dia, que marcam o seu trabalho e que permitiram um diálogo muito interessante na construção do espetáculo". As interpretações são de Ana Palma, Beatriz Godinho, Maria João Vicente, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro.

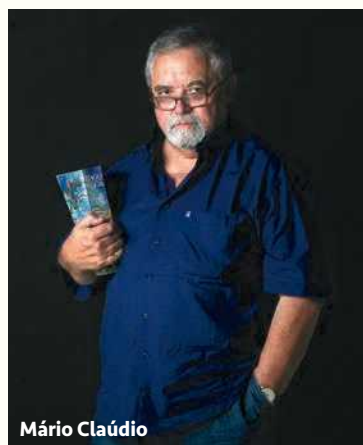
Carlos J. Pessoa adianta, por outro lado, que a *Suite teatral* permitiu também um "pouso de escrita" na rotina criativa e dramaturgica do Teatro da Garagem, habitualmente assente nos seus textos. "É uma forma de repensarmos a companhia numa outra modalidade", salienta. Continuando a pegar em textos alheios vão apresentar de seguida *Para uma encenação de Hamlet*, de Jorge Listopad, uma "meditação incrível", escrita no final dos anos 70, com estreia prevista para 15 de novembro. "São pessoas vivas, com obras muito importantes e com quem podemos conversar, fazendo uma espécie de documentários em cena", diz. "É um teatro sobre pessoas que nos tocam". JL

## Escritaria homenageia Mário Cláudio

❗ Mário Cláudio é o escritor homenageado no Escritaria, o singular Festival Literário da Câmara Municipal de Penafiel, que centra a atenção num único autor. A vida e a obra do autor de *Amadeo* vão estar, assim, em debate entre os próximos dias 15 e 18, reunindo amigos, leitores e estudiosos. Entrevistas ao vivo, exposições, arte pública, teatro de rua, conferências, sessões de cinema e lançamentos de livros compõem o programa, que decorre maioritariamente na biblioteca e museu municipais da cidade.

O lançamento do romance *Astrologia*, na sexta-feira, dia 16, às 21 e 30, no Museu Municipal, é o primeiro grande momento da edição deste ano. A obra, com edição da D. Quixote, será apresentada por Gabriel Magalhães, prof. e ensaísta da Universidade da Beira Interior. Antes, o encontro é preenchido com várias atividades de arte pública e teatro.

Na quinta, dia 15, há Dança e



Mário Cláudio

Ritmo interpretadas e encenadas pela Universidade Sénior. Às 17 e 30, inaugura-se a exposição antológica *Mário Cláudio - Muitas Vidas Numa Vida*. Às 21, na Escola Superior da Saúde, no Campo Académico de Penafiel, a Tuna recebe os convidados que, às 21 e 30, podem acompanhar a inauguração

de outra mostra, esta intitulada *Mário Cláudio - A Natureza que eu Leio*.

No dia seguinte, 16, às 10 horas, iniciam-se as intervenções de teatro de rua pelo Andaime, que há vários anos anima as edições do Escritaria. Às 10 e 30, nova inauguração, desta vez da exposição *Mário Cláudio - Biografias da Alma*. Da parte da tarde, decorrem as cerimónias de descerramento da silhueta do escritor no mural Escritaria e de uma frase sua na praça com o nome do encontro.

As conferências em torno da obra do autor de *Tocata para dois Clarins* realizam-se no sábado, 17, às 15, encerrando o dia com uma entrevista ao vivo, às 21 e 30, ambas no Museu de Penafiel. Para o último dia fica o lançamento do volume *Lídia Jorge, Vida e Obra*, com o essencial da edição do ano passado, com intervenções de Conceição Brandão e António Carlos Cortez, e a estreia, às 17 e 30, de um docu-

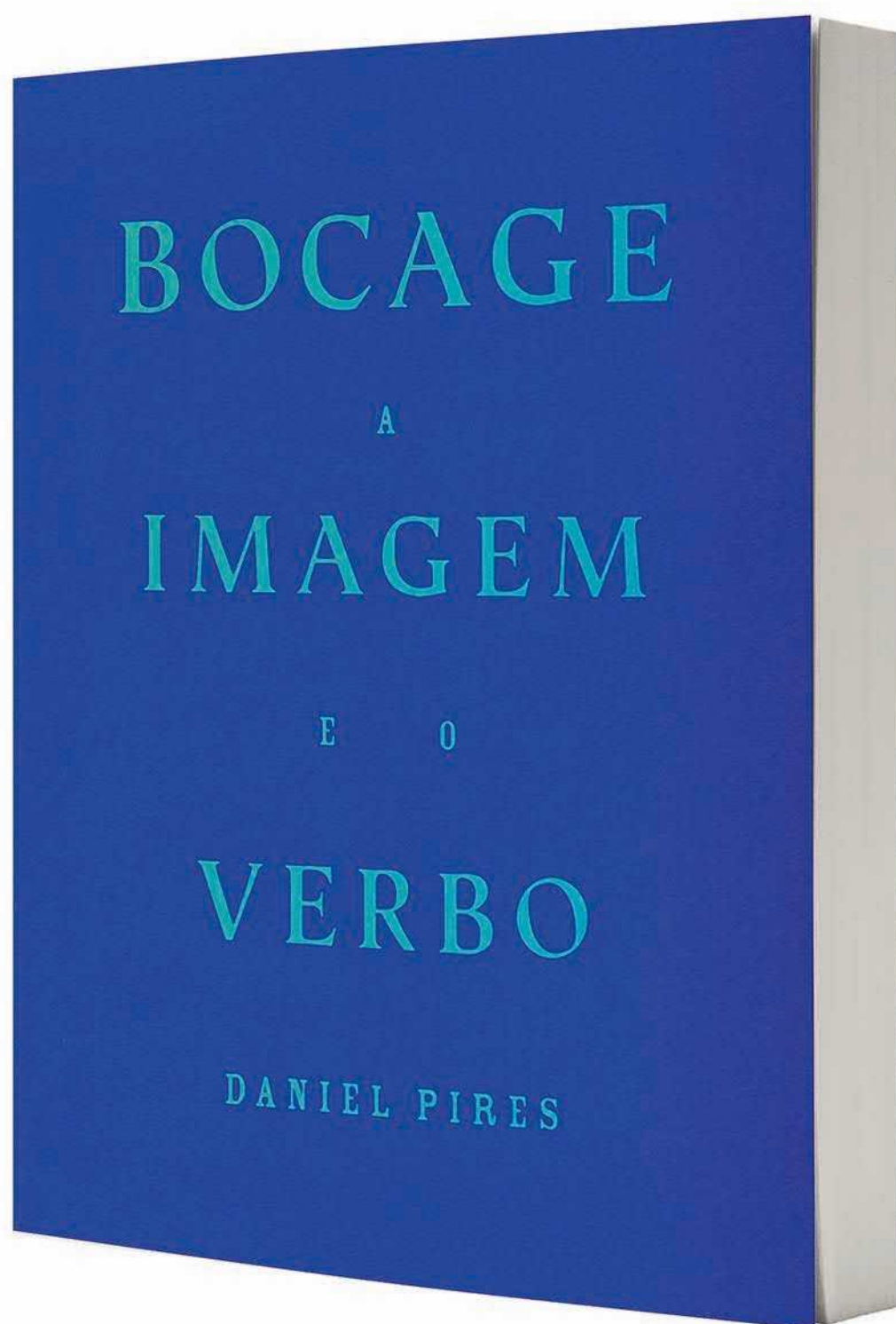
## Prémio VGM: 230 concorrentes

❗ O Prémio de Poesia Vasco Graça Moura 2015, instituído pela editora Modo de Ler, de José da Cruz Santos (JCS) teve o surpreendente número de 230 obras concorrentes. Por esse facto, aquela editora viu-se forçada a alterar a data da decisão do júri, que será agora 15 de dezembro, devendo a entrega do Prémio e a publicação da obra ocorrer na primeira semana de março de 2016. Recorde-se que a Editorial Inova, daquele mesmo editor (editor que já publicou mais de 350 livros de poesia), e de que a Modo de Ler é "sucessora", foi a primeira chancela de VGM. E JCS, além de ter feito algumas belas edições de obras do escritor, promoveu no Porto o primeiro colóquio que lhe foi dedicado e a primeira homenagem que lhe foi prestada. JL

# Todo o Bocage

A sua obra estende-se por vários géneros, da sátira à lírica, da erótica à intervenção social, tão apreciado pelas classes letradas do final do século XVIII, como vigiado pela Academia e pela Inquisição. Arauto da liberdade individual e defensor de uma moral consentânea com a natureza humana, Bocage é uma das mais singulares personagens da literatura portuguesa.

***Bocage – A Imagem e o Verbo***, do historiador Daniel Pires, é uma imponente enciclopédia sobre a vida e obra do poeta e ainda da sua memória na cultura erudita e popular contemporâneas, desde a literatura à música, às artes visuais e ao teatro, numa primorosa edição da **Imprensa Nacional-Casa da Moeda.**





❗ **ROMY CASTRO** - exposição/filme e conferência em Paços de Ferreira, nos Paços do Concelho e no Museu Municipal do Móvel, sob o título "A Terra Como Acontecimento". Sábado, 17, às 17 horas. Exposição patente até 3 de janeiro.

❗ **LES VOYEURS**, exposição de Mário Rita, na Galeria Miguel Justino, até 24 de outubro.

❗ **A CIDADE PARADIGMÁTICA**, congresso internacional, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, entre os dias 15 e 17 de outubro.

❗ **EXÚVIA**, inauguração da exposição de escultura de Rui Chafes, no Palacete Barão da Trovisqueira (Museu Bernardino Machado), Vila Nova de Famalicão, a 17, às 18 e 30.

❗ **GHOSTS**, exposição do Hangar, Centro de Investigação Artística, Lisboa, com inauguração a 22, às 19.

❗ **FESTIVAL CAÓTICA**, conta com teatros, oficinas e filmes, dirigidos aos jovens e famílias, em Loulé, entre os dias 16 e 18 de outubro.

❗ **UM ANO. UM TEMA**, projeto do Museu de Lamego, com gravura do desenhador, gravador e pedagogo Joaquim Carneiro da Silva, alusiva à "Lamentação", durante este mês.

❗ **MISTERIO DEL CRISTO DE LOS GASCONES**, peça de Ana Zamora, no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, a 17, às 21 e 30. Bilhetes de 5 a 10 euros.

❗ **DJ QUESADILLA**, Islam Chipsy, hoje, às 22, na Galeria Zé dos Bois.

❗ **UM HORIZONTE DE PROXIMIDADES**, exposição da coleção António Cachola, no Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, a 16, às 21 e 30.

❗ **VIAGEM LITERÁRIA**, com José Luís Peixoto e Pilar Del Río, no Palácio de D.Manuel, Évora, a 18, às 17.

❗ **UMA HISTÓRIA DAS FARMÁCIAS**, livro dos jornalistas Carina Machado e Paulo Martins, no Convento do Beato, a 15, às 18 e 30.

❗ **ENCONTROS DA REVISTA MILITAR - 2015**, A Centralidade Geoestratégica de Portugal, Colóquio, no Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa, a 22.

❗ **S DE SAUDADE, PERFILADOS DE MEDO [INSTALAÇÃO ANTOLÓGICA DE UM ARQUIVO INTERMITENTE]**, de Paulo Mendes, no Palácio Vila Flor, a 17, pelas 16 e 30.

❗ **VICENTE E DORA FERREIRA DA SILVA: UMA VOCAÇÃO POÉTICO-FILOSÓFICA**, livro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, apresentado na Casa da América Latina, a 16, às 18 e 30.

❗ **RATOS E HOMENS**, de John Steinbeck, no Auditório Municipal Lourdes Norberto, em Linda-a-Velha, termina nos dias 16 e 17 de outubro, às 21 e 30.

## Costa Pinheiro (1934-2015) O pintor que acreditava na humildade criadora



Costa Pinheiro "Um imaginativman"

❗ Disseram dele que era um "poeta" que pensava através de "dimensões plásticas", ou um pintor que se filtrava através da poesia. A essas classificações respondia, na autobiografia que escreveu para o JL: "São definições que fazem parte de um edifício onde não tenho intenções de entrar!". E acrescentava: "Tenho-me por um imaginativman que continua a ter respeito pela humildade criadora, a ser sensível às formas de expressão humanizadas, que continua a acreditar no indivíduo, como aquilo que ele é: um fenómeno

como o nosso planeta e o cosmos, criador de máquinas e utensílios, de leis e de estruturas contraditórias..." Um dos artistas mais importantes do século XX português, co-fundador do grupo KWY, autor de séries como os Reis, Fernando Pessoa heterónimo, do Citymobil ou de Os Descobridores para a estação de metro Alameda, António Costa Pinheiro morreu aos 83 anos, em Munique, cidade onde viveu grande parte da sua vida e afirmou o seu percurso artístico. Nascido em Moura, em 1932, mudou-se com os pais para Lisboa, aos 10 anos, tendo

estudado no Liceu Camões e depois na Escola António Arroio. Em 1956, fez a sua primeira exposição individual na Galeria Pórtico. No ano seguinte teve uma bolsa de estudo do governo da Baviera e foi estudar para Munique, com Lourdes Castro e Gonçalo Duarte. Seguiu-se Paris, com uma bolsa da Gulbenkian, e uma progressiva projeção do seu trabalho no estrangeiro. Maior durante décadas do que aquela que tinha entre nós.

Inovador e vanguardista na sua expressão plástica, foi também um dos pioneiros na internacionalização da arte portuguesa. Em 1958, em Paris, fundou a revista KWY, com Lourdes Castro, René Bértholo, João Vieira, José Escada, Gonçalo Duarte, Christo e Jan Voss, um grupo marcante na época. Depois de ter sido preso pela Pide, quando voltava ao país, em 1961, acabaria por fugir do Portugal salazarista, dois anos mais tarde, fixando-se na Alemanha. Só regressaria depois do 25 de Abril, e criou um atelier, no Algarve, vivendo então entre os dois países.

Uma mostra da sua pintura, com trabalhos inéditos, pode atualmente ser vista na Galeria São Roque, em Lisboa. **JL**

## 'Há 100 anos Orpheu canta para Cleonice'

❗ É a 28 de agosto do próximo ano que Cleonice Berardinelli completa os seus vivíssimos cem anos. Mas as comemorações do centenário da notável universitária brasileira, prof<sup>a</sup> emérita das Universidades Federal e Pontifícia do Rio de Janeiro, grande especialista de literatura portuguesa, sobretudo de Camões e Fernando Pessoa, já começaram – e irão prolongar-se, com múltiplas manifestações, até àquela data. Agora mesmo tem uma das suas maiores e mais expressivas manifestações: o IV Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena, que ontem, 13, começou no Rio de Janeiro e se prolonga até sexta-feira, 16, com um vasto programa, muitas dezenas de intervenientes e centenas de participantes, presta-lhe homenagem, desde logo tendo como título "Há 100 anos Orpheu canta para Cleonice"; homenagem que, formalmente, deve ter ocorrido ontem, na sessão de abertura, no Palácio de S. Clemente, residência do embaixador (agora do cônsul) de Portugal.

O Congresso é, aliás, inteiramente dedicado à literatura portuguesa (ler comentário de JCV, na p. 3), sendo logo a primeira mesa preenchida por comunicações sobre Camões, de Helder Macedo, e sobre Pessoa, de Fernando Cabral Martins. Carlos Reis, Isabel Pires de Lima, Maria Fernanda Abreu e Ernesto de Melo e Castro são os outros portugueses que intervêm nos trabalhos. "Cleonice, leitora de Literatura Portuguesa", também é tema de comunicação – e a comissão organizadora é constituída por Luci Ruas, Teresa Cerdeira, Monica Figueiredo e Rafael Santana. As sessões decorrem na Academia Brasileira de Letras, na Fundação Casa de Rui Barbosa e na Faculdade de Letras da Universidade Federal. **JL**

## Em Paris, debate sobre as artes da língua portuguesa

❗ "As artes da língua portuguesa" é o título do colóquio a realizar em Paris, por iniciativa, e na sede, do Centro Cultural Gulbenkian, nos próximos dias 21 e 22, reunindo estudiosos, artistas e escritores de várias formações e procedências. A proposta é discutir "que artes se podem fazer em português que não de pudessem fazer em outra língua"; "como as linguagens artísticas se apropriam da língua portuguesa e a recriam"; "como se pode defender a língua portuguesa no contexto hostil da globalização".

Participam nas sessões (entre as 9 e 30 e a s 17 e 30) do colóquio, comissariado por Paulo Filipe Monteiro: João Pina Cabral, Maria Helena Carreira, Dulce Maria Cardoso, Michel Chandeigne,

Andreia Pinto-Correia, Maria José Fazenda, Nuno Galopim, Fernando Cabral Martins, Rui Vieira Nery, Maria do Rosário Pedreira, Luísa Sobral, Eugénia Vasques, Paulo Werneck e Rui Zink. Ainda no dia 22, às 18 e 30, Maria-Benedita Basto apresentará a tradução francesa de Os transparentes, de Ondjaki, que estará presente.

Entretanto, ainda antes, a 16, também na Gulbenkian parisiense, entre as 9 e 30 e as 17 e 30, haverá outro colóquio, sobre "Mulheres esquecidas das artes e das letras em Portugal (séculos XIX e XX)". E a 19, às 18 e 30, no mesmo local, Rui Vieira Nery falará sobre "O fado português: raízes, itinerário histórico, renovação contemporânea". **JL**

## G. d'Oliveira Martins na Fundação Gulbenkian

❗ O até agora presidente do Tribunal de Contas, além de presidente do Centro Nacional de Cultura, e há longos anos colunista do JL, Guilherme d'Oliveira Martins (GOM), foi escolhido para o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo já sido, a seu pedido, exonerado pelo Presidente da República daquele alto cargo, que ocupava há cerca de dez anos, com geral aprovação. GOM vai substituir Eduardo Marçal Grilo, 73 anos, ministro da Educação no primeiro governo de António Guterres, há longos anos quadro da Fundação, e seu administrador desde 2000, que chegou ao fim do mandato.

Recorde-se que GOM, 63 anos, jurista e ensaísta, foi deputado em várias legislaturas, e ministro da Educação, das Finanças e da Presidência, igualmente em governos do atual Alto Comissário das

Nações Unidas para os Refugiados, que é também administrador, mas não executivo, da Fundação.

Sublinhe-se ainda que na próxima primavera chega ao fim o mandato do presidente da Gulbenkian, Artur Santos Silva, que de acordo com os atuais Estatutos não pode ser reconduzido, dado ter mais de 70 anos. E entre os nomes que 'circulam', sem qualquer confirmação, para o poder substituir (a eleição é dos próprios administradores, devendo ser escolhido um deles), destacam-se exatamente os de António Guterres, caso não venha a ocupar um ainda mais alto cargo na ONU, e o de Guilherme d'Oliveira Martins, que agora entra para o Conselho. Diga-se ainda que Guterres, o mais 'desejado', e previsivelmente 'vitorioso', candidato a Presidente da República pelo PS, não aceitou sê-lo. **JL**

# Prémio Nobel da Literatura Svetlana Alexievich: as 'vozes' da jornalista

“Atrai-me sempre esse pequeno espaço – a pessoa... Uma pessoa. Na verdade, é aí que tudo acontece”. Assim se poderia resumir a linha de força da obra de Svetlana Aleksievitch, jornalista bielorrussa que acaba de ser distinguida com o Prémio Nobel da Literatura, atribuído na passada quinta-feira. Para os membros da Academia Sueca, estamos perante uma escrita “polifónica” que ergue, no seu conjunto, “um memorial ao sofrimento e à coragem na nossa época”. E é através das experiências, dos testemunhos, das memórias e depois das vozes de pessoas, de muitas pessoas, que Svetlana dá conta do que foi a história do século XX europeu e, em particular, da União Soviética e da Rússia. Jornalismo e não ficção que tocam as fronteiras da Literatura, num trabalho de reescrita de centenas de entrevistas, em que o autor se esconde por trás das suas personagens reais.

Não é a primeira vez que o Nobel da Literatura distingue um jornalista ou até quem só tenha escrito não ficção. Basta lembrar os casos de Gabriel García Márquez (jornalista de muitos romances) e de Winston Churchill (distinguido pelas suas memórias). E a escolha de Svetlana nem foi totalmente surpreendente, já que estava nos primeiros lugares das casas de apostas e tinha sido referenciada em anos anteriores. Os seus livros, no entanto, desafiam convenções e géneros, num estilo único. “Aleksievitch conseguiu criar uma obra convincente e informativa, mas num estilo que é próprio, ao mesmo tempo sóbrio e indignado, de uma complexidade delicada e subtil, com o qual denuncia implacavelmente os horrores mais intoleráveis e atrozes”, escreveu o ensaísta e escritor Alberto Manguel na edição do passado domingo do jornal *El País*, de Espanha. “Os seus livros dão voz a quem foi condenado ao silêncio: as vítimas pertencentes a comunidades minoritárias, os soldados obrigados a combater em campanhas injustas e impossíveis, aos mortos”, acrescentou.

Para António Pescada, tradutor da única obra da nova Prémio Nobel da Literatura publicada em Portugal, *O Fim do Homem Soviético* (Porto Editora, 472 pp, 19,90 euros), de onde tiramos a citação de abertura deste texto, a força da escrita de Svetlana também reside nessa dimensão de denúncia. “São histórias terríveis de pessoas reais”, sublinha.



Svetlana Alexievich Um jornalismo literário e empenhado

“Sobre ela diria que é Dostoievski mas mais duro”. A tradução deste livro revelou-se, por isso, uma “experiência dolorosa”, num confronto com o passado recente. Com a experiência de versões portuguesas de Tolstoi e Dostoievski, entre outros, Pescada explica esse incómodo com o facto de Svetlana não tomar partido. “Depois de um intensíssimo trabalho de pesquisa, de recolha de informação e de entrevistas, ela dá voz a várias pessoas que expressam pontos de vista muito diferente entre si.”

O entusiasmo por esta abordagem à literatura é partilhado pelos dois editores portugueses da jornalista bielorrussa. Guilherme Pires, responsável pela *Elsinore*, que já tinha garantido o direitos de publicação de *Voices from Chernobyl*, considerada uma das suas obras mais importantes, sublinha a recriação da memória. “Ausentando-se do texto, Svetlana socorre-se do monólogo para a torrente de memórias, num trabalho que transforma em literário o que de início é um texto de não ficção.” O fundo jornalístico nunca desaparece e é ele, aliás, que permite interrogar o nosso tempo: “Todos os seus livros são sobre a Rússia e a União Soviética, sobre conflitos e acontecimentos

do passado que ajudam a compreender o presente.”

Manuel Alberto Valente, editor da Porto Editora, foi alertado para *O Fim do Homem Soviético* por ter sido considerado o “melhor livro estrangeiro” publicado em França, em 2013. “Fiquei absolutamente convencido de que estávamos diante de uma obra que tinha de ser editada em Portugal”, disse à Lusa. A aposta revelou-se certa. Pelo segundo ano consecutivo tem no seu catálogo o vencedor do Prémio Nobel, depois de em 2014 ter festejado a atribuição a Patrick Modiano. “Há nela sobretudo uma análise do perfil do homem russo”, sublinha. “Todos nos convencemos que, com a queda do império soviético, haveria da parte do povo um sentimento de satisfação pela conquista da liberdade, pelo fim de uma regime ditatorial, e o que ela reflete neste livro, através de centenas de testemunho, é que não foi isso que aconteceu”. Na sua opinião, este livro pode ajudar a perceber a liderança de Vladimir Putin. “Na verdade, houve um grande desencanto no povo russo e uma espécie de saudade dos tempos gloriosos em que a Rússia era de facto um grande império universal. Isso explica, como Svetlana mostra perfeitamente, o recrudescimento, entre os jovens, de um grande culto

de Estaline e de uma grande ambição de que a Rússia possa voltar a ser o espaço geográfico dominante no mundo”.

Svetlana Alexievich nasceu em 31 de maio de 1948, em Ivano-Frankivsk, na Ucrânia, na altura sob o domínio da União Soviética, embora tenha crescido na Bielorrússia, país do seu pai. Coursou jornalismo na Universidade de Minsk, entre 1967 e 1972, iniciando mais tarde colaborações em diversos jornais e revistas. Voz crítica e independente, viu-se forçada ao exílio, em 2000, devido às perseguições do presidente Alexander Lukashenko. Regressou à Bielorrússia em 2011, a Minsk, onde vive e recebeu a notícia da Academia Sueca. Estava a passar a ferro quando lhe telefonaram e como só fala russo teve dificuldade em perceber logo do que se tratava. “Fantástico”, disse quando decodificou a mensagem.

Autora de reportagens e de contos, Svetlana Alexievich deve ao escritor bielorrusso Ales Adamovich o incentivo para criar o seu próprio estilo, que já foi descrito como “romance coletivo” ou “coro épico”. “Procurei durante muito tempo o género que correspondesse à forma como vejo o mundo. E escolhi o género das vozes humanas”, afirmou numa entrevista. “Construo os meus livros a partir da rua. Neles, diversas personagens reais falam sobre os diferentes acontecimentos do seu tempo: a guerra, o afundamento do império soviético, Chernobyl, e todos juntos refletem nas suas palavras a história do país, a história comum. A velha e a mais recente. E a de cada um, a história do seu pequeno destino humano”.

História e memória cruzam-se, assim, em vários relatos baseados no passado recente da esfera de influência da antiga União Soviética. Em *War's Unwomanly Face* aborda a participação das mulheres da II Guerra Mundial. O mesmo conflito é retratado em *The Last Witnesses*, centrado nos horrores vividos pelas crianças. Usando sempre o mesmo artifício literário, debruçou-se ainda, entre outras temáticas, sobre a invasão soviética do Afeganistão, em *Zinky Boys*, e o desastre de Chernobyl, em *Voices of Chernobyl*. Tanto Manuel Alberto Valente, quanto Guilherme Pires, manifestaram interesse em prosseguir a publicação da obra da escritora bielorrussa, esperando chegar a mais acordos com os agentes na Feira do Livro de Frankfurt, que decorre até ao próximo dia 18.

“Atualmente, a humanidade está muito diversificada e demorei a perceber como é misteriosa a história de uma vida ou a documentação da sua história, até porque é o que nos aproxima mais da realidade”, afirmou Svetlana Alexievich. “E a realidade sempre me atraiu, como um íman. Ela tortura-me, hipnotiza-me, quero capturá-la na minha escrita”. JL



**Atrai-me sempre esse pequeno espaço – a pessoa... Uma pessoa. Na verdade, é aí que tudo acontece**

**Construo os meus livros a partir da rua. Neles, diversas personagens reais falam sobre os diferentes acontecimentos do seu tempo e todos juntos refletem nas suas palavras a história do país e a de cada um**

**A realidade sempre me atraiu, como um íman. Ela tortura-me, hipnotiza-me, quero capturá-la na escrita**



# Mia Couto

## Novo romance, novos desafios

Com *Mulher de Cinza* Mia Couto dá início à primeira trilogia da sua obra, que acompanha os últimos dias de Ngungunyane, figura mítica da história moçambicana, personalidade difícil de conhecer e por isso mesmo sedutora e literária. Pela dimensão da empreitada e complexidade de fontes e testemunhos orais que recolheu, tornou-se o romance mais desafiador de quatro décadas de literatura. Dia 17 nas livrarias, o JL antecipa o primeiro volume de *As Areias do Imperador*, uma edição da Caminho, entrevistando o escritor, que estará em Portugal para o lançamento do romance e para participar no Festival Internacional de Literatura de Óbidos, e pré-publicando o início do primeiro capítulo, a que junta a crítica de Agripina Carriço Vieira

Luís Ricardo Duarte

# D

Documentos, relatórios militares, estudos e entrevistas. Poucos livros exigiram de Mia Couto um trabalho prévio tão vasto. É verdade que já percorreu várias vezes Moçambique de uma ponta à outra como jornalista, biólogo e escritor, sempre em busca de histórias e memórias, prestando atenção à palavra do outro e à oralidade. Neste caso, porém, o próprio tema já se lhe apresentava com contornos ficcionais. A figura que escolheu para o seu novo romance é por si uma personagem literária. E em territórios de falsidades, reinvenções e fantasias todo o cuidado é pouco quando o feiticeiro não quer se engolido pelo feitico.

Ngungunyane foi um imperador que dominou o sul de Moçambique na segunda metade do século XIX. Fez frente à coroa portuguesa, que nunca conseguiu perceber a verdadeira dimensão da sua força. Mas não se opôs apenas ao poder colonial. Para a sua afirmação foi ainda decisiva a forma como soube jogar com as divisões entre as várias tribos locais, a quem também impôs a sua hegemonia. Capturado em 1895, numa campanha liderada por Mouzinho de Albuquerque, e depois deportado para os Açores, onde viria a morrer, em 1906, é ainda hoje um nome a quem não se pode atribuir um único significado. Para uns, foi um nacionalista, precursor de uma Independência que só chegaria muitas décadas depois. Para outros, foi o líder de um império criado à custa de muito sangue.

A Mia Couto, que nos seus livros tem revisitado vários as-



Mia Couto "A terra é sempre, desde o meu primeiro livro, uma personagem, alguém com voz própria"

petos do passado e da atualidade moçambicanos, da Guerra Civil ao caso das leões que atacaram populações no norte do país, interessou precisamente a ambiguidade que a figura de Ngungunyane suscita e que se estende também à época em que viveu. Se os militares e políticos portugueses divergiam em relação à estratégia a seguir, as tribos africanas também guerreavam entre si. A voz que guia o escritor é, por isso, a da terra, que continua sonâmbula, como num dos seus romances mais emblemáticos. É nela que se enterram e é dela que se desenterram memórias e identidades. Neste caso, até armas, como se a guerra fosse uma semente com vida própria.

Dividido em três partes, *As*

*Areias do Imperador* começa com este volume, *Mulheres de Cinza*, estando a publicação dos restantes prevista para 2016 e 2017. Um relato colossal que tem início na pequena escala, a de uma aldeia no meio de Moçambique, perto de Inhambane, onde ecoam os movimentos das tropas portuguesas e de Ngungunyane. Com a chancela da Caminho e nas livrarias no próximo dia 17, *Mulheres de Cinza* marca, assim, o regresso ao romance de Mia Couto, moçambicano, 60 uma das vozes mais poderosas e originais da literatura de língua portuguesa, distinguida, em 2013, com o Prémio Camões. Já com uma vasta obra, a cada vez maior projeção mundial que tem conquistado, inclusivamente em universos mais difíceis, como o da



**A História é feita de muitas e pequenas histórias, que são as que nos interessam a nós, escritores, e julgo que a todas as pessoas também**

língua inglesa (foi finalista do Man Booker International Prize), exige ao escritor muitas viagens. "Para terminar esta trilogia tenho de me esconder, refugiar-me numa ilha qualquer, quem sabe nos Açores,

onde morreu Ngungunyane", adianta ao JL. Imperador e escritor juntos nas areias da memória. E da escrita.

**Jornal de Letras: É possível a um escritor fugir de uma figura tão complexa e atraente como Ngungunyane?**

Mia Couto: Com Ngungunyane tem-se uma relação de atração e de estranheza ao mesmo tempo. É, no sentido literal do termo, uma personagem, alguém que está para além dos vários mitos que se criaram. Se a atração é fácil de explicar, a estranheza funciona como um alerta. A primeira seria um convite à escrita, a segunda um 'desconvite'. Além disso, há muitos livros sobre ele. Já tinha essa noção quando iniciei a recolha de informação, mas não a consciência da verdadeira quantidade de documentos produzidos.

**Foi por isso que este livro se tornou um projeto de muitos anos?**

Sim. Percebi que tinha de fazer pesquisa em dois domínios: um de origem portuguesa, outro moçambicana, com depoimentos e memórias da oralidade. É curioso notar que, tanto de um lado, como do outro, se construíram falsidades e conveniências. Em Portugal, engrandeceu-se uma figura que de facto tinha uma dimensão suficientemente forte para pôr em causa os interesses do país no final do século XIX. No entanto, quando os portugueses o capturaram e enfrentaram de maneira vitoriosa, Ngungunyane já estava perdido, sugado, vazado por dentro. Foi sem dúvida um ato destemido de Mouzinho de Albuquerque, que não tinha noção dessa fragilidade, mas na realidade o imperador acabou por ser capturado sem qualquer oposição. Os seus apoios e lealdades tinham ruído. Ao mesmo tempo, Portugal tinha de fazer a prova da sua capacidade militar e política, porque de outra forma perderia margem de manobra nos conflitos então existentes com outras potências coloniais. Havia, por isso, que engrandecer esta figura e criaram-se muitos mitos e lendas sobre o grande poder de Ngungunyane. Quanto maior é o poder, maior é a façanha.

**Para um escritor que trabalha tanto nas zonas de fronteira é, como disse, uma personagem literária quase feita...**

Sem dúvida. E ainda há o lado moçambicano, que serve de contraponto. Depois da Independência, também houve a necessidade de criar heróis da resistência anti-colonial. Aqui também se fez um trabalho de ficção imenso, mais ideológico do que histórico, construindo uma figura que se dizia nacionalista. Ora Ngungunyane nunca pensou nesta nação chamada Moçambique. A que proclamava como sua, era o chamado Estado de Gaza, no sul do país. São construções de parte



a parte. É como se já estivesse a trabalhar sobre ficção.

**Que têm tanto peso como os documentos históricos?**

Exatamente. Escrevi este romance em diálogo com outras ficções, percebendo que tinha de ter essa distância em relação à fonte histórica, que nem sempre tem falsidades. Há registos com fundamentos de verdade, apoios factuais, que tomei a sério. E alguns são muito curiosos. Um dos livros que usei foi a correspondência entre militares e políticos da época, com organização, seleção e comentário de Marcello Caetano [*As Campanhas de Moçambique em 1895 Segundo os Contemporâneos*], que dá conta de claros conflitos, já que havia abordagens muito diferentes aos problemas e interesses portugueses. Como sempre, havia militares duros e políticos mais interessados em soluções negociadas. Ou seja, havia choques entre pessoas, divergências absolutamente antagónicas, pequenas traições. O contacto com essa realidade foi muito inspirador para mim, porque com este trabalho também quero mostrar que a História é



Mia Couto "Não saberia escrever um romance épico ou histórico no sentido clássico do termo"

feita de muitas e pequenas histórias, que são as que nos interessam a nós, escritores, e julgo que a todas as pessoas também. Há por vezes uma releitura do passado a partir do tempo presente, o que dá origem a mistificações e grandes discursos. As fontes ajudaram-me a partir para o pequeno discurso e a desconstruir o edifício solene da História que aprendemos na escola.

**Entre esses esforços de esclarecimento e mistificações, o que representa hoje na sociedade moçambicana Ngungunyane? É possível ligá-lo à construção da identidade do país?**

Com alguma dificuldade. Ngungunyane liderou um império que, como todos os impérios, teve muitas conquistas pelo sangue e pelo massacre. Há, por isso, uma memória que também é negativa. Quando

se tentou, no tempo do Samora, reabilitar a sua imagem, surgiram logo dificuldades, a primeira por se tratar de um assunto muito recente - tudo em Moçambique é muito recente - com gente ainda viva, que se lembrava do que se passou, que dizia que não tinha sido bem assim. Não é fácil criar uma mistificação à volta deste herói e fazer com que seja aceite por todos.

**Mas é uma figura muito presente?**

Não tanto como se pensa, fruto de conflitos atuais da sociedade moçambicana (que resultam da resolução incompleta de conflitos mais antigos) que ainda estão muito presentes. Não há, como houve depois da Independência, uma vontade de o reivindicar. Tem-se a noção que isso desencadearia algumas resistências. Mas não é uma pessoa malquista a nível nacional, tem praças, ruas e escolas com o seu nome.

**Este romance surge numa altura em que outras figuras africanas têm sido recuperadas, incluindo por escritores. No caso lusófono, José Eduardo Agualusa escreveu sobre a Rainha Ginga. Como vê esta coincidência e que significado lhe atribui?**

Haverá seguramente uma importância que até nos escapa a nós, escritores. Em Moçambique, estamos ainda na gestão da nossa própria identidade, o que é bom, não problemático, oxalá que ficassemos sempre assim. É, no entanto, preciso reconhecer que não há identidade que não se crie também nas costas da memória. São duas pernas de um mesmo corpo, uma que é a identidade presente, a outra as escolhas e a invenção da própria memória. E já que nos estão a propor uma memória que é pobre, de uma só visão e leitura, o escritor tem vontade de mostrar que há várias memórias e que o tempo tem leituras diferentes.

**A VOZ DA TERRA**

**Apesar de lidar com grandes figuras, o romance é centrado numa pequena aldeia. Porquê?** Tenho de caminhar por alguém que eu conheça, mesmo que seja só por essa falsidade que é a invenção da escrita. Não saberia escrever um romance épico ou histórico no sentido clássico do termo. Faço a minha história em diálogo com as outras histórias.

# PRÉ-PUBLICAÇÃO

## Mulheres de cinza

Todas as manhãs se erguiam sete sóis sobre a planície de Inhanime. Nesses tempos, o firmamento era bem maior e nele cabiam todos os astros, os vivos e os que morreram. Nua como havia dormido, a nossa mãe saía de casa com uma peneira na mão. Ia escolher o melhor dos sóis. Com a peneira recolhia as restantes seis estrelas e trazia-as para a aldeia. Enterrava-as junto à termiteira, por trás da nossa casa. Aquele era o nosso cemitério de criaturas celestiais. Um dia, caso precisássemos, iríamos lá desenterrar estrelas. Por motivo desse património, nós não éramos pobres. Assim dizia a nossa mãe, Chilcazi Makwakwa. Ou simplesmente a mame, na nossa língua materna.

Quem nos visitasse saberia a outra razão dessa crença. Era na termiteira que se enterravam as placentas dos recém-nascidos. Sobre o morro de muchém crescera uma mafurreira. No seu tronco amarrávamos os panos brancos. Ali falávamos com os nossos defuntos.

A termiteira era, contudo, o contrário de um cemitério. Guardiã das chuvas, nela morava a nossa eternidade.

Certa vez, já a manhã peneirada, uma bota pisou o Sol, esse Sol que a mãe havia eleito. Era uma bota militar, igual à que os portugueses usavam. Desta vez, porém, quem a trazia calçada era um soldado nguni. O soldado vinha a mando do imperador Ngungunyane.

Os imperadores têm fome de terra e os seus soldados são bocas devorando nações. Aquela bota quebrou o Sol em mil estilhaços. E o dia ficou escuro. Os restantes dias também. Os sete sóis morriam debaixo das botas dos militares. A nossa terra estava a ser abocanhada. Sem estrelas para alimentar os nossos sonhos, nós aprendíamos a ser pobres. E nos perdíamos da eternidade. Sabendo que a eternidade é apenas o outro nome da Vida.



► Mia Couto **MULHERES DE CINZA** Caminho, 408 pp, 18,80 euros

\*\*\*  
Chamo-me Imani. Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna «Imani» quer dizer «quem é?». Bate-se a uma porta e, do outro lado, alguém indaga - *Imani?*

Pois foi essa indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta.

Diz-se em Nkokolani, a nossa terra, que o nome do recém-nascido vem de um sussurro que se escuta antes de nascer. Na barriga da mãe, não se tece apenas um outro corpo. Fabrica-se a alma, o *moya*. Ainda na penumbra do ventre, esse *moya* vai-se fazendo a partir das vozes dos que já morreram. Um desses antepassados pede ao novo ser que adote o seu nome. No meu caso, foi-me soprado o nome de Layeluane, a minha avó paterna.

Como manda a tradição, o nosso pai foi auscultar um adivinho. Queria saber se tínhamos traduzido a genuína vontade desse espírito. E aconteceu o que ele não esperava: o vidente não confirmou a legitimidade do batismo. Foi preciso consultar um segundo adivinho que, simpaticamente e contra o pagamento de uma libra esterlina, lhe garantiu que tudo estava em ordem. Contudo, como nos primeiros meses de vida eu chorasse sem parar, a família concluiu que me haviam dado o nome errado. Consultou-se a tia Rosi, a adivinha da família. Depois de lançar os ossículos mágicos, a nossa tia assegurou: «*No caso desta menina, não é o nome que está errado; a vida dela é que precisa ser acertada.*»

Desistiu o pai das suas incumbências. A mãe que tratasse de mim. E foi o que ela fez, ao batizar-me de «Cinza». Ninguém entendeu a razão daquele nome que, na verdade, durou pouco tempo. Depois de as minhas irmãs falecerem,



Ngungunyane O imperador dos chamado Estado de Gaza

levadas pelas grandes enchentes, passei a ser chamada de «a Viva». Era assim que me referiam, como se o facto de ter sobrevivido fosse a única marca que me distinguiu. Os meus pais ordenavam aos meus irmãos que fossem ver onde estava a «Viva». Não era um nome. Era um modo de não dizer que as outras filhas estavam mortas.

O resto da história é ainda mais nebuloso. A certa altura o meu velho reconsiderou e, finalmente, se impôs. Eu teria por nome um nome nenhum: *Imani*. A ordem do mundo, por fim, se tinha restabelecido. Atribuir um nome é um ato de poder, a primeira e mais definitiva ocupação de um território alheio. Meu pai, que tanto reclamava contra o império dos outros, reassumiu o estatuto de um pequeno imperador.

Não sei por que me demoro tanto nestas explicações. Porque não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra, sou dos VaChopi, uma pequena tribo no litoral de Moçambique.

A minha gente teve a ousadia de se opor à invasão dos VaNguni, esses guerreiros que vieram do sul e se instalaram como se fossem donos do universo.

Diz-se em Nkokolani que o mundo é tão grande que nele não cabe dono nenhum. ■■

Neste 1º volume, os movimentos do imperador e da coroa portuguesa surgem mais como ecos.

Sim, mas isso também faz parte da distribuição da história que fiz pelos três volumes. No segundo, Ngungunyane já aparece em pessoa, com um discurso direto mais claro.

**O romance foi logo pensado como uma trilogia?**

De início pensei que conseguia fazer tudo num só livro, mas aos poucos comecei a ficar fascinado e incapaz de encontrar um filtro para os pequenos episódios à volta destes conflitos. A certa altura deparei-me com um livro que terminaria muito gordo.

**Fugiu ao seu controlo?**

Completamente. Mas a partir de certa altura também me interessei que a história fosse contada em parcelas. Pareceu-me que algumas temporalidades marcavam um fecho. Este primeiro volume é construído sobre a terra. É certo que são as mulheres que contam a história e que elas se desvanecem em cinza, algo ainda menos material e fixo, mas é esse elemento que domina o livro até as personagens entrarem no mar e embarcarem na viagem que os vai trazer, a Ngungunyane e às outras personagens, para Portugal (contínente) e depois para os Açores.

**É da terra que tudo nasce, de facto. Até as armas.**

A terra é sempre, desde o meu primeiro livro, uma personagem, alguém com voz própria. É um ser vivo que não é exterior à nossa condição humana, antes a continuação do nosso próprio corpo, história e família.

**Além de ter recorrido a vários documentos, fez também muitas entrevistas. A escrita deste romance foi uma experiência muito diferente das experiências anteriores?**

Foi completamente diferente e uma briga enorme, um desafio que no início quase me fez desistir. No fim, contudo, gostei muito. Gosto de todos os meus livros, mas talvez ainda mais deste. Tive de aprender a escrevê-lo. Quando fui fazer as entrevistas de campo já tinha lido dezenas de textos, sabia o que ia procurar. Mas a oralidade ganha sempre uma dimensão fantástica. Se quisesse, podia estar sempre a escrever este livro, seguindo de memória em memória, passando de história para história.

**Recorda, numa nota inicial, que alguns consideram que as ossadas que Portugal devolveu a Moçambique em 1985 não passam, afinal, de areia. O que lhe sugeriu essa imagem que tomou como título geral da trilogia?**

É a metáfora do que é um império. Diz-se que os pés são de barro, aqui foram de areia. É nela, como na terra, que se guarda a memória do que fomos e do que somos. **JL**

## NAS MARGENS DO TEXTO

**Agripina Carriço Vieira**

# A história dos que não têm escrita

Um novo livro de Mia Couto é sempre um acontecimento. Este que agora vai chegar às livrarias, o primeiro romance depois de em 2013 ter recebido o Prémio Camões, apresenta-se como a primeira parte de uma prometida trilogia, *As Areias do Imperador*, que propõe uma revisitação da história do fim do chamado Estado de Gaza (vasto território no sul de Moçambique) e do homem que o governou, Ngungunyane, o último dos seus imperadores.

Se na sua obra – poética, romanesca ou ensaística –, Mia tem empreendido um questionamento da representação literária das identidades do seu país, retratando ficcionalmente as vivências decorrentes da experiência colonial que marcou de forma indelével a construção da nação, nunca esse exercício se tinha centrado tão claramente em acontecimentos da História moçambicana. Neste *Mulheres de Cinza* o entrecho alicerça-se não só na observação atenta e crítica da realidade social, mas também numa aturada pesquisa historiográfica de um acontecimento, patente nomeadamente nas citações de textos de literatura de viagens ou de documentos que pontuam a efabulação e nas inúmeras menções a personagens referenciais e a factos datados e comprovados pela historiografia de Moçambique e de Portugal.

O diálogo entre a História e a escrita literária da nação é aliás assumido numa curiosa nota Introdutória que, para além de apresentar a obra, desafia, de modo subtil e gracioso, os seus leitores a acompanhá-lo num exercício que quer, antes de mais, ser um divertimento. Vale a pena ouvir o autor: “Esta narrativa é uma recreação ficcional inspirada em factos e personagens reais” (p. 9). Uma leitura mais apressada poderia levar-nos a ler o que, seguindo a doxa, seria expectável aí encontrarmos: uma recriação ficcional. No entanto, a subversão discursiva que caracteriza a escrita de Mia tem o poder de deslocar sub-repticiamente a intencionalidade autoral, distanciando o texto da canónica recriação literária da História.

O entrecho de *Mulheres de Cinza* constrói-se sob o signo da dualidade, através de uma



Mia Couto ‘Observação atenta e crítica da realidade social, mas também aturada pesquisa historiográfica’

alternância de vozes, de focalizações e de registos discursivos que colocam em paralelo a narrativa intimista e afetiva de Imani, a jovem de etnia VaChopi que reside no território controlado pelo reino de Portugal, e as cartas que o sargento Germano de Melo, o militar português destacado para capitanear o posto de Nkokolani, aldeia onde vive Imani e a sua família, manda, ou julga mandar, ao conselheiro José d’Almeida, descobrindo já no final que o diálogo epistolar entretido tem de facto por interlocutor o tenente Ayres de Ornelas.

Nesta viagem de leitura entre os relatos circunstanciados dos factos, que vão tomando novos contornos, assumindo um cunho mais confidencial e intimista à medida que a solidão do sargento aumenta, e a narrativa impressiva da Imani, onde dá conta dos desejos de ser mulher, da ambivalência de sentimentos em resultado de viver espalhada entre as heranças dos antepassados e as influências de matriz europeia, jogam-se os argumentos da condição pós-colonial, retratando uma sociedade eminentemente mestiça que constrói a sua identidade no contacto de culturas. Alternadamente, a narrativa coloca lado a lado as vozes e os pontos de vista do colonizador e do colonizado, do dominador e do dominado, do militar, repre-

do seguinte modo: “As diferenças entre os meus irmãos traduziam os dois lados da fronteira que separava toda a nossa família” (p. 59); e isto apesar de reconhecer que “éramos produto dessa mistura de histórias e culturas” (p. 25).

As questões da busca identitária e da incessante problematização das escolhas culturais e sociais empreendidas pelas personagens ao longo das suas existências perpassam ao longo de todo o texto, quer do ponto de vista dos processos de assimilação, quer dos casos de cafrealização. Assim, o sargento Germano é surpreendido à sua chegada a Nkokolani com as atitudes e observações do cantineiro, considerando que “ele já era um preto, um pouco mais pálido apenas” (p. 122), “os raros sinais da nossa presença são adulterados graças a pessoas da laia do cantineiro” (p. 94).

Ao invés, a aculturação dos residentes africanos é percebida como algo de benéfico, apenas lhe causa estranhamento e até desagrado o conhecimento que alguns africanos têm da escrita: “Sinto como uma invasão o domínio que eles possam ter da escrita” (p. 313). Esta exceção é sintomática da importância atribuída à escrita enquanto instrumento primordial de apropriação identitária que permite ao sargento “senti[r-se] vivo e capaz de sonhar” (p. 172) e que usa “para arrumar e expedir as tresloucadas visões” (p. 246).

O poder da palavra escrita é igualmente reconhecida pelos habitantes da aldeia, mesmo por aqueles que não advogam a assimilação, como a Tia Rosi, a feiticeira da aldeia, para quem “as palavras escritas são grandes feitiços, capazes de poderosas magias” (p. 111). Também o pai de Imani experiencia o poder da palavra escrita quando derruba os seus inimigos escrevendo e inscrevendo, como se de um memorial se tratasse, os nomes dos mortos na terra.

Porém, é já no final que Imani descobre a verdadeira dimensão do domínio que adquiriu da escrita, surgindo-lhe como uma revelação: “Agora entendo: aprendi a escrever para melhor relatar o que vivi. E nesse relato vou contando a história dos que não têm escrita” (p. 404). A apropriação da escrita do colonizador constitui-se assim como um ato de poder do colonizado face ao domínio colonial que faz dele sujeito e objeto da sua própria história.

Constituindo-se como um poderosíssimo libelo contra a guerra que “fizera da Terra um cemitério”, transformando os campos em imensos depósitos de mortos e de armas, *Mulheres de Cinza* deixa-nos um retrato fascinante, a várias vozes, de um país em busca de si, mas deixa-nos igualmente a promessa de novas e aliantes viagens por terras do Estado de Gaza. **JL**



**Constituindo-se como um poderosíssimo libelo contra a guerra, *Mulheres de Cinza* deixa-nos um retrato fascinante, a várias vozes, de um país em busca de si, e novas e aliantes viagens por terras do Estado de Gaza**

sentante do poder imperial, e da jovem africana que repudia a guerra, encenando textualmente a impossibilidade da verdade unívoca, dando conta dos argumentos dos dois lados do conflito.

Apesar de a maioria dos habitantes de Nkokolani se ter aliado aos portugueses na luta contra o Império de Gaza, alguns recusaram essa aliança, engrossando as forças de Ngungunyane. A opção por campos diferentes da guerra, sustentada por opções identitárias antagónicas (de rejeição da cultura europeia ou de assimilação) é causa de desavenças e querelas familiares que encontra na família de Imani um exemplo paradigmático, sintetizadas pela jovem





**PALAVRA DE POESIA**

**António Carlos Cortez**

# Nuno Júdice As fábulas da poesia

¶ Para iniciarmos uma leitura crítica deste novo livro de Nuno Júdice (NJ), *A Convergência dos Ventos*, talvez se justifique convocar a ópera de Monteverdi, precisamente intitulada *L'Orfeo*, que se estreou no Carnaval de Mântua em 1609 e se publicou em Veneza em 1609. A referência a Orfeu, na ópera do compositor italiano, vem a pretexto de um facto que, na obra de Júdice, cada vez mais se impõe: à semelhança da orquestração daquela ópera barroca, que surpreendeu, à época, pelo inusitado recurso aos instrumentos musicais diversos (violinos, oboés, dois órgãos, trombetas, violas...), igualmente NJ mantém um vivo diálogo com uma tradição erudita ocidental, o qual exige o domínio de uma pletora de recursos expressivos, como se cada livro se aproximasse de uma ópera, ou de um singular libreto.

Desse libreto resulta clara uma

conceção de poesia como texto complexo, onde cabe toda a história e cultura humanas, com reenvios constantes para episódios mitológicos, livros formadores de uma personalidade literária, filmes, casos, opiniões, *natura* e uso... É nesse sentido que os poemas de Júdice, heteróclitos, plurais na expressão de uma ideologia, vão da respiração longa, em jeito de prosa, à alusão política, nos momentos mais irónicos, com textos mais curtos, como se a crítica incisiva, posto que irónica, só pudesse ser dita de forma mais breve.

Da sua poesia poderíamos dizer o que o próprio poeta diz de Holderlin: há um uso poético da loucura, isto é, a escrita judiciana não pode deixar de convocar essa energia criadora do texto. Assim, o poeta é figurado, em diversos momentos de *A Convergência dos Ventos* como um ser singular, excepcional. Note-se, por exemplo,



Nuno Júdice

como no poema «A Partir de uma imagem de Santa Teresa de Ávila» (p.70) se diz que aquele que escreve tenta «reconstruir a agonia do corpo» para explicar «a revelação de um inexprimível». Só ao poeta é concedida a mesma experiência mística de Teresa de Ávila: a «pura emoção procura-se» na experiência da escrita, no «plano de duas linguagens»: nas palavras, permitindo a «compreensão do instante em que o sagrado é absorvido/ pela carne» e «na expressão/ do rosto, e nos olhos que se dirigem para o mais/ fundo do ser». NJ refere-se ao processo epifânico do poema: absorver e compreender, por palavras, uma dimensão

sagrada que o real parece ocultar, ao mesmo tempo que o poeta sabe que a aprendizagem do ver – como ensinaram os gregos e, entre nós, Cesário e Caeiro – depende da direção que olhar se dirige à essência do viver humano.

*A Convergência dos Ventos* não deixa de ser, pois, um volume onde se misturam as mais diversas perspectivas sobre o que é do mundo e do homem. De «Austeridade», texto em clave irónica, onde se convoca Mnemósina – uma hodierna mulher que «acendia um cigarro/ no outro» e foge da troika para evitar «pagar o excesso/ de musas para baixar o meu défice de memória» (p.63) a um poema

como «Proposta para uma boa execução da prisão preventiva», está em causa, neste livro, condenar os absurdos vários, o desconcerto universal, que define o humano.

Na verdade, indo das referências culturalistas (mas sem ser mero culturalismo), a textos sobre a nossa pobre Europa e a nossa pobre vida lusitana, este livro comprova a vitalidade de um autor que, desde 1972, insiste em fazer da escrita a fábula de uma «entrega à pura imaginação dos sentidos», como diz «Embarque» (p.44). Como Wallace Stevens, Júdice sabe que o assunto da poesia é, no fim de contas, a própria poesia, e é Orfeu o poeta que desce aos infernos da tradição literário-cultural a que pertence, unindo tempos e vozes na ficção, recorrendo a todos os instrumentos do idioma nesta época sem deuses que desçam as nossas dessacralizadas avenidas. JL



► **Nuno Júdice**  
**A CONVERGÊNCIA DOS VENTOS**

D. Quixote, 88 pp., 11 euros

**BANDA DESENHADA**

**João Ramalho Santos**

# Testosterona

¶ Há prazeres e admirações (secretos ou menos), que tendem a ser rotulados como “masculinos” (embora essa seja uma posição misógina), e que poderiam ser classificados como (mais) ofensivos, se não estivessem algo disfarçados. Como a violência extrema de alguns desportos organizados, ou em histórias “hardboiled” onde a amoralidade tem um toque de decência que evita o nihilismo extremo. Frank Miller ou Martin Scorsese poderiam ser citados neste contexto.

O multifacetado escritor de policiais norte-americano Donald Westlake (1933-2008) criou um pseudónimo que reflete bem esse modo de estar. Publicado em 1962, *The Hunter* foi o primeiro dos livros de “Richard Stark”, a maioria protagonizada pelo criminoso profissional Parker. O estatuto icónico do livro é marcado por duas adaptações

cinematográficas (*Point Blank*, de John Boorman, com Lee Marvin, 1967; *Payback*, de Brian Helgeland, com Mel Gibson, 1999), embora sempre com modificações ao original, justificadas porquanto o que importa é o tom. Um tom de inexorabilidade que marca a vingança de um (super) criminoso traído pelos seus comparsas (incluindo a mulher), e que é captado brilhantemente pelo canadiano Darwyn Cooke em *Parker: o caçador* (Devir).

Cooke gere diferentes mecanismos nesta adaptação. Há sequências “clássicas” em banda desenhada, interligadas com momentos de texto ilustrado onde é dado espaço à prosa, e ainda cenas em que o desenho consegue expressar sozinho as subtilezas da história, sobretudo depois das coordenadas estarem definidas. Por outro lado, o estilo lembra as rein-

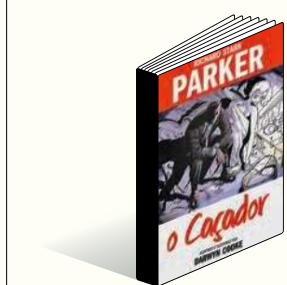


terpretações pseudo-retro da “linha clara” franco-belga, em que o estilo de Hergé ou Jacobs foi recriado por novos autores, adaptado a personagens mais complexas, e sobretudo a protagonistas cujo posicionamento era mais dúbio do que “Tintin”. Para além da influência de nomes clássicos da BD norte-americana do policial/horror (como Alex Toth), com o seu estilo angular Cooke evoca Serge Clerc, Yves Chaland ou Daniel Torres. E o uso do preto e branco matizado, e não das cores planas habituais na linha clara, modifica totalmente o modo como o leitor aborda o

desenho, reforçando o tom sombrio, num registo visual que lembra uma versão mais negra da série televisiva *Mad Men*.

Narrativamente a história desenvolve-se sem surpresas. Contra tudo e contra todos Parker vai paulatinamente ajustando todas as suas contas, recorrendo a todos os meios e surpreendendo quem julga estar a lidar com apenas um homem isolado “normal”. Tal com como as personagens de Frank Miller em *Sin City* Parker é um super-herói em espírito, que não em poderes ou uniformes. Claro que há danos colaterais

(sobretudo mulheres), e Parker fica chateado com isso. Mas nada o para. Podia ter morrido no fim? Podia, e a história funcionava na mesma. Mas era inútil, porque a personagem é sobretudo uma ideia, um golem para si mesmo, que assim vive para segregar testosterona noutras histórias. *Parker: o caçador* é um livro muito bem feito, visualmente soberbo, que glorifica o modo como se pode ser um sacana e, ao mesmo tempo, ter princípios que elevam a personagem acima dos outros sacanas. Porque há três defesas universais para os sacanas: jurar que nada de útil se faz sem sacanice, declarar toda a gente sacana, e apontar sacanas piores. O mundo, em resumo. JL



► **Argumento e desenhos de Darwyn Cooke, adaptando obra “The Hunter” de Richard Stark (Donald Westlake).**

**PARKER: O CAÇADOR.**

Devir, 140 pp., 20 euros.



## Três romances para o outono

Autores provenientes do universo anglo-saxónico continuam a ser uma das grandes apostas da *rentrée* e este outono confirma-o. Aqui fica, entre outras hipóteses, o registo de três romances. Começamos pelo de Michel Faber, escritor nascido na Holanda mas criado na Austrália. *O Livro das Estranhas Coisas* é o seu sexto romance e tem como protagonista Peter Leigh, missionário sempre disposto a conquistar novos fiéis. Um dia bate-lhe à porta a viagem da sua vida, que será também a sua maior experiência: ir para o outro lado do mundo contactar com fervorosos leitores

de *Bíblia*. Ao partir deixará tudo para trás, incluindo a mulher. Ao fim e ao cabo, a grande conversão terá de ser a sua.

De Teju Cole, a Quetzal publica *Todos os Dias São Bons para Roubar*, depois de ter lançado, em 2013, *Cidade Aberta*. Trata-se da estreia literária do escritor nascido nos Estados Unidos da América, filho de pais nigerianos. Com contornos autobiográficos, esta é a história de um jovem nigeriano que vive em Nova Iorque e decide regressar a Lagos em busca das suas raízes. A viagem é curta, mas a deambulação intensa. Procura as mudanças

► **Michel Faber**  
**O LIVRO DAS ESTRANHAS COISAS**

Tradução de Inês Dias, Relógio d'Água, 496 pp, 24 euros

► **Teju Cole**  
**TODOS OS DIAS SÃO BONS PARA ROUBAR**

Tradução de Helder Moura Pereira, Quetzal, 184 pp, 16,60 euros

► **John Edward Williams**  
**BUTCHER'S CROSSING**

Tradução de Tânia Canho, D. Quixote, 304 pp, 17,90 euros



no país onde nasceu, mas descobre que a América mudou-o ainda mais. No encontro com os amigos, familiares e até com uma ex-namorada descobre afinal uno, embora diverso.

Por último, na D. Quixote, sai mais um romance de John Edward Williams, escritor norte-americano que tem vindo a ser revalorizado pelos seus pares, depois de uma rejeição crítica no seu tempo (nasceu em 1922 e morreu em 1994) bastante discreta. *Butcher's Crossing* é anterior a *Stoner*, já publicado em Portugal, e centra-se num ex-estudante de Harvard que se fartou da vida universitária e se mudou para o velho Oeste. Quer procurar o seu "eu inalterado", pelo que uma expedição com caçadores de búfalos torna-se, assim, uma viagem iniciática. JL

### FIÇÃO

## Rubem Fonseca



Com *O Selvagem da Ópera*, a Sextante prossegue o seu trabalho de republicação em Portugal da obra de Rubem Fonseca, escritor brasileiro e uma das vozes mais estimulantes da literatura de língua portuguesa dos últimos 50 anos. Misturando géneros e glosando outras obras, Rubem Fonseca reconstitui (e reinventa) a vida de António Carlos Gomes, mítico compositor, nascido em 1938 e falecido em 1896. Além de ter sido o primeiro brasileiro a ver uma obra sua a ser tocada no Teatro alla Scala, de Milão, centro do mundo da música clássica de então, foi autor de uma vasta e variada obra, muito famosa na época mas hoje votada ao esquecimento. Mas eis que ela ressurgiu pela pena do autor de *Agosto* e *A Grande Arte*. Os seus muitos casos amorosos, a atribulada viagem até Itália, a proteção do imperador, o reconhecimento dos seus pares e a pujança da ópera do século XIX apimentam um relato que ora se aproxima do argumento de cinema, ora da biografia, ora do romance.

► **Rubem Fonseca**  
**O SELVAGEM DA ÓPERA**  
Sextante Editora, 288 pp, 16,60 euros

## Sérgio Rodrigues

Do Brasil, outro romance, este de Sérgio Rodrigues, que com *O Drible* venceu o Grande Prémio PT de Literatura. Tem como protagonista o futebol, ou melhor, o futebol é pretexto para se falar de tudo, incluindo a ditadura que se viveu no Brasil durante as décadas de 60, 70 e 80. Tudo se passa durante a Copa de 1970. Neto é um revisor de livros de auto-ajuda, talvez por isso (ou não) é homem amargo e desencantado. Murilo Filho é um famoso cronista desportivo dos anos dourados do fu-

tebol brasileiro. Os dois vivem neste início de milénio, mas ainda estão presos a esse mundial de futebol de boa memória, onde se apresentou a melhor seleção canarinha de todos os tempos e um jogador sem igual: Pelé. Os dois são pai e filho e apesar de tudo o que os separa, sobretudo desde que a mãe e mulher de ambos se suicidou, não deixam de se encontrar, todas as semanas, para desfiar histórias e delírios. Entre jogos e jogadas, para lá da propaganda ditatorial, há um segredo familiar que se destapa. Depois dos dribles, é tempo de rematar à baliza.

► **Sérgio Rodrigues**  
**O DRIBLE**  
Companhias das Letras, 256 pp, 15,90 euros

## Helena Malheiro

A par da sua obra ensaística, centrada sobretudo em David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen, Helena Malheiro tem vindo a publicar alguns volumes de ficção. À sua estreia no romance, *A Morte das Imagens*, de 1986, seguiram-se dois livros de contos: *Pescadores de Estrelas* e *O Tamanho do Mundo*. Regressa agora com uma nova narrativa longa, intitulada *A Matéria dos*



*Sonhos*. Ao correr das páginas, o leitor acompanha a redescoberta interior de uma mulher através do confronto com os seus livros e as suas memórias. "Já

há um mês que tenho metade dos caixotes por abrir, uns em cima dos outros, encostados às paredes da sala. Mas tenho-me aberto aos poucos dentro de mim. Todos os dias desço um pouco mais fundo." A descoberta será maior ainda a partir do momento em que Ana se muda para a sua casa e em que surge *A Princesa Encantada*, personificação de todos os sonhos da narradora.

► **Helena Malheiro**  
**A MATÉRIA DOS SONHOS**  
Chiado Editora, 186 pp, 12 euros

## Martz Inura

Eis um livro muito curioso, que na forma é uma ficção, mas no conteúdo é investigação e sabedoria histórica. Apaixonado pela obra de Alexandre Herculano, Martz Inura, pseudónimo literário de Emídio Ferreira de Aguiar, inventa um diálogo com o escritor e historiador, colocando perguntas

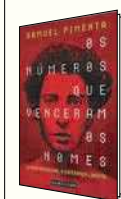


que são respondidas pelas palavras do próprio Herculano. Destaque para a força das descrições, a seleção dos excertos e as muitas

hipóteses colocadas por Ferreira de Aguiar, que iniciou a sua atividade literária, em 2004, com *Sinfonias Incompletas*, a que se seguiram outros volumes de poesia. No romance, lançou *Um Sonho Secular*, *Viagem ao Fim do Império* e *Esperancidade*. "À *Sombra de Herculano* é uma entrevista imaginária, uma conversa ao sabor do tempo com Alexandre Herculano", afirma Guilherme d'Oliveira Martins no prefácio. "O autor pretende, fundamentalmente, dar os traços fundamentais desta personalidade fascinante, agindo como jornalista que, para além da fronteira dos tempos, vai ao encontro de quem não pode deixar de merecer a atenção de quem queira compreender a cultura portuguesa".

► **Martz Inura**  
**À SOMBRA DE HERCULANO**  
Âncora, 408 pp, 23 euros

## Samuel Pimenta



Os *Números que Venceram os Nomes* é o primeiro romance de Samuel Pimenta, autor nascido em 1990 e que, em 2012, foi um dos selecionados do Prémio Jovens

Criadores, do Clube Português de Artes e Ideias. A narrativa passa-se num futuro distante em que a existência de Deus foi comprovada "matematicamente". Nem tudo, no entanto, são rosas. Uma ditadura global impôs a sua severa disciplina: todos são controlados e descaracterizados, ao ponto dos homens e mulheres serem reduzidos à condição de números. Decisiva missão terá *Um Nove Um Seis* - a de salvar a Humanidade. A vontade de cumprir essa tarefa começa no hospício em que se encontra internado. No seu quarto, na cama ao lado, um velho conta-lhe lendas da resistência e histórias de pessoas que escrevem poesia.

► **Samuel Pimenta**  
**OS NÚMEROS QUE VENCERAM OS NOMES**  
Marcador, 176 pp, 15 euros

## Lars Gustafsson



Nova tradução, agora de Afonso Cruz e Mélanie Wolfram, de *A Morte de um Apicultor*, a celebrada obra do escritor sueco Lars Gustafsson. Como indicia o título, Lars Westin,

um professor universitário, está a morrer. Tem em casa a carta enviado pelo hospital com a sua sentença, mas adia a leitura. Tem um cancro, mas recusa-se a enfrentá-lo sem resistência. À impessoalidade do internamento clínico, prefere o seu próprio espaço, o seu território. É então que surge a Apicultura, como arte de aprender a viver. "A morte de um enxame sente-se quase como a morte de um animal. É uma entidade que deixará saudades, como se fosse um cão, ou, pelo menos, um gato. Mas a morte de uma abelha deixa-nos completamente indiferentes. Deitamo-la no lixo, e já está. É

## A arte de António Lagarto

São 250 peças para ilustrar 30 anos de trabalho. A exposição *De Matrix a Bela Adormecida* celebra a arte de António Lagarto, um dos mais conceituados cenógrafos e figurinistas portugueses. À mostra patente no Museu do Design e da Moda, junta-se este catálogo, com a chancela da IN/CM, que junta textos de vários especialistas. Bárbara Coutinho, diretora do MUDE, escreve sobre a "cartografia" da exposição. Seguem-se ensaios de Eugénia Vasques (*Uma Melancolia Sumptuária*), João Carneiro (*Matar. Impressionar. Representar*), Manuela Bronze (*Encantatória Lição*), Anabela



► **Vários Autores**  
**ANTÓNIO LAGARTO - DE MATRIX A BELA ADORMECIDA**  
IN/CM, 260 pp, 27 euros

Becho (*O Mundo Todo. Os Figurinos de António Lagarto e a Moda*), Paulo Morais-Alexandre (*Ser e Ter: o Teatro de António Lagarto*). O volume inclui ainda depoimentos de uma trintena de atores, atrizes e outros profissionais do espetáculo, além da reprodução de todas as peças expostas. Em discurso direto, António Lagarto conversa com Mariana Sá Nogueira e assina um texto introdutório, no qual afirma: "De *Matrix a Bela Adormecida* convoca o super-herói, o fantástico do conto de fadas, a crueza da tragédia... Estas figuras representam. Mas representam num outro enquadramento, como é o representar numa pintura, numa escultura, num palco ou arena, num teatro, num filme ou numa banda desenhada." JL



curioso que a atitude das abelhas seja exatamente a mesma", escreve Lars Westin num dos seus cadernos. "Será que sentem o mesmo que eu, que a individualidade e a inteligência são características do enxame, e não de cada uma das abelhas?"

> Lars Gustafsson

**A MORTE DE UM APICULTOR**

Tradução de Afonso Cruz e Mélanie Wolfram, Marcador, 192 pp, 15 euros

**POESIA**

**Uma coletânea da marquesa de Alorna**

❗ A marquesa de Alorna (Leonor de Almeida Portugal - 1750/1838) foi uma grande figura do seu tempo, aliás com um percurso de vida riquíssimo e multifacetado, que

tem designadamente um magnífico romance que lhe é dedicado e disso mesmo bem ilustrativo: As luzes de Leonor, de Maria Teresa Horta. Como poeta, com o pseudónimo de Alcipe (que lhe foi 'inventado' por Filinto Elísio), tem uma larga obra, de que em vida só deu a conhecer uma pequena parte, divulgada em manuscritos, não obstante isso sendo bem conhecida. E "a sua obra completa em verso teve uma única edição promovida pelas suas filhas em 1844", como assinala a especialista Vanda Anastácio (VA), responsável pela organização, introdução e nota biobibliográfica desta antologia, *Obra Poética*, agora saída na muito útil e oportuna Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, dirigida por Carlos Reis, que assina também uma "nota prévia". Antes desta, sublinha ainda VA, foi publicada em Portugal só uma antologia da lírica de Alcipe, em 1960, e no Brasil uma edição crítica dos sonetos, em 2008. Para "desfrutar da leitura dos seus versos o leitor de hoje deverá dispor-se a empreender uma espécie de viagem mental ao Portugal do Século das Luzes, situar os elementos mais datados dos seus versos no tempo longo da História e deixar-se tocar por esses outros aspetos que não perderam atualidade", sublinha ainda a prefaciadora.

> Marquesa de Alorna

**OBRA POÉTICA**

Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 336 pp, 13,50 euros

**OUTROS**

**Conversas com Amélia Rey Colaço**

❗ Vítor Pavão dos Santos (VPS), além de talvez o melhor conhecedor



da vida e percurso artístico, e biógrafo, de Amélia Rodrigues, a que dedicou mais do que um livro, é um homem profundamente ligado à história

do teatro português, desde a revista ao "teatro declamado" - aliás, fundou e durante 19 anos dirigiu o Museu do Teatro. Amélia Rey Colaço (1898-1990) foi uma grande atriz, encenadora, "senhora" do teatro português, designadamente à frente da Companhia do Teatro Nacional D. Maria (companhia com o seu nome e do marido, Robles Monteiro), que desempenhou um importante papel durante várias décadas do século XX. VPS foi também um profundo conhecedor e admirador da "senhora D. Amélia", como era chamada pelos que com ela trabalhavam, além de seu amigo e 'conviva'. Pelos vistos ao longo do tempo conversaram muito, e VPS foi tomando as suas notas. O resultado está neste *O veneno do teatro ou conversas com Amélia Rey Colaço*, no qual nos dá uma cuidada e completa biografia da sua carreira, traça o seu perfil e reproduz essas longas e interessantes conversas sobre a sua vida, o que fez no teatro, as grandes figuras que conheceu, bem como as suas opiniões, episódios curiosos, etc., etc.

> Vítor Pavão dos Santos

**O VENENO DO TEATRO OU CONVERSAS COM AMÉLIA REY COLAÇO**

Bertrand, 376 pp, 18,80 euros

**Victor Bandarra**



❗ É filósofo popular e malandro do Alto da Ajuda, em Lisboa. Tem sempre uma tirada na ponta da língua e uma máxima para fechar a conversa. E está sempre atento à atualidade. Eis *Zé dos Pneus*, a personagem criada pelo jornalista Victor Bandarra para alimentar as suas crónicas dominicais no *Correio da Manhã*. Esses textos - episódios, histórias, contos dos dias que passam - surgem agora reunidos em livro. Para o redator-principal da TVI, que começou no *Diário Popular* e passou depois pelo *Expresso*, *Tal & Qual* e agência *Lusa*, escrever estas crónicas foi uma outra forma de tirar as medidas ao país. Portugal ao espelho, sem filtros e sem colarinhos brancos. "A Democracia Portuguesa ostenta um coração do tamanho de um bordel: dá para muitos, sobretudo para quem tem, ou ambiciona ter, conta calada nas ilhas Caimão" - assim falava Zé dos Pneus, que desapareceu (com o fim das crónicas) em maio deste ano. Ressuscita agora, com direito a capa, contracapa e lombada.

> Victor Bandarra

**ASSIM FALAVA ZÉ DOS PNEUS**

Gradiva, 264 pp, 12 euros

**Joana Ruas Olhar sobre Timor**

❗ Com *Os Timorenses (1973-1980)*, terceiro volume da tetralogia *A Pedra e a Folha* - em que se inclui *Batalha das Lágrimas* e *Crónicas Timorenses* - Joana Ruas pretende dar o seu "testemunho da vivência de uma época e prestar homenagem a quantos contribuíram para a Libertação do Povo Timorense." Jornalista cultural e tradutora na Radiofusão Portuguesa e no jornal *Nô Pintcha* da República da Guiné Bissau, Joana Ruas nasceu no distrito da Guarda mas foi muito nova para Timor. *Corpo Colonial*, *O claro vento do mar* e *A pele dos séculos* são outros dos romances de que Joana Ruas é autora. Um romance que nos ensina onde, quando, porque e como se desenvolveu este momento da história de Timor-Leste.

**Jornal de Letras: Timor tem sido a paisagem dos seus livros mais recentes. O que a liga tão fortemente, também ao nível literário, ao país e à sua cultura?**

Joana Ruas: A paisagem dos meus livros é humana quer a ação se passe em Timor-Leste, na Guiné ou em Portugal. Fui muito nova para Timor e estive em Viqueque, uma vila do interior que em 59 havia sido palco de uma grande revolta que iria marcar a história recente do território. Contudo, a minha infância angolana tornou o meu convívio com a população, timorense, chinesa e mesmo goesa muito fácil, o que me ajudou muito naquele isolamento. A fonte da minha inspiração literária teve por motivação dar um testemunho desse convívio fraterno entre pessoas de culturas diferentes.

**Na série "A Pedra e a Folha" tem abordado momentos chave da Resistência Timorense. Em "Os Timorenses" foca-se nos anos de 1973-1980...**

Abordo a partir de 1973 a influência a nível local dos progressos da oposição portuguesa ao regime do Estado Novo com factos significativos como O Congresso de Aveiro e a ida de muitos milicianos contestatários para as colónias. Do lado timorense dá-se igualmente um grande intercâmbio com os políticos timorenses exilados ou integrados nas Forças Armadas Portuguesas nos teatros de guerra africanos. A partir de 1974 com a Revolução dá-se o processo de descolonização que, tendo sido frustrado pelo golpe da UDT e, posteriormente, pela invasão indonésia do território, dá início à Revolução Maubere e à luta contra o invasor. Em 1980, com a derrota militar das FALINTIL e a mor-



Joana Ruas "Resistir é Vencer"

te de Nicolau Lobato e da maior parte dos membros do Comité Central da FRETILIN, a Resistência muda de estratégia, o que implicou uma nova complexidade no processo histórico timorense.

**O livro tem dois pólos muito fortes: o do relato histórico e o ficcional. Como encontrou as histórias pessoais que conta neste livro?**

*Os Timorenses (1973-1980)* é um relato histórico em que a participação heroica do povo timorense é dado através da construção de personagens ficcionais, que foram construídas a partir de testemunhos pessoais que recolhi ao longo da minha militância pela causa da libertação do povo timorense e no território.

**Este é um romance que apresenta muitos sonhos desfeitos. Qual a lição a retirar da história timorense?**

Resistir é Vencer. **JL DANIELA MARQUES**



> Joana Ruas  
**OS TIMORENSES (1973-1980)**

Sextante Editora, 616 pp, 19,90 euros

**registo**

> Anna Premoli, **Deixa-me Odiar-te**, tradução de Catarina Mourão, Noites Brancas, 312 pp, 16 euros  
*Um amor no contexto laboral, entre Jennifer e Ian, dois responsáveis de duas equipa do mesmo banco. Passaram os últimos anos a discutir mas um projeto obriga-o a cooperar e a conhecerem-se melhor.*

> Pilar Eyre, **A minha cor preferida é ver-te**, tradução de Ana Maria Pinto da Silva, Planeta, 280 pp, 18,85 euros

Finalista do Prémio Planeta de 2014, este é o relato de uma experiência pessoal que passa por invenção romanesca. Num agosto igual a muitos outros, Pilar Eyre conhece um correspondente de guerra francês. Vivem 33 dias intensos, até ele desaparecer. Este livro é a história de uma procura.

> Philippa Gregory, **A Maldição do Rei**, tradução de Mário Dias Correia, Planeta, 560 pp, 20,95 euros  
*Uma guerra entre cortesãos no tempo dos Tudor. Margarida está votada a uma vida de sombras,*

mas não se resigna. A morte do monarca leva-a à corte do jovem Henrique VIII, mas aí terá de escolher entre a obediência ao Rei ou à Rainha.

> José María Mendiluce, **Pura Vida**, tradução de Tânia Sarmiento, ASA, 272 pp, 16,90 euros  
*Funcionária da ONU, cansada da rotina, Ariadna pede transferência para a Costa Rica, onde espera viver mais intensamente. E não se engana. Mas um novo amor obriga-a a repensar as suas prioridades e a enfrentar as suas contradições.*

# DocLisboa

## Um mundo de cinemas

Duzentos e trinta e seis filmes, de 40 países, 43 estreias mundiais e 46 filmes portugueses. O DocLisboa decorre, de 22 de outubro a 1 de novembro, na Cultugest, São Jorge, Cinemateca Portuguesa, Cinema Ideal, entre outros espaços da capital. O sérvio Željimir Žilnik terá uma retrospectiva inédita, a Grécia e o terrorismo estarão em destaque. O JL percorre o programa e publica um depoimento de Cíntia Gil, uma das diretoras do festival, sobre a recém falecida Chantal Akerman, a grande cineasta francesa que foi homenageada pelo DocLisboa, em 2012

Manuel Halpern

# E

Era uma realizadora de afetos, com a capacidade de universalizar o interior, a francesa Chantal Akerman faleceu, aos 65 anos, em Paris. Vai inevitavelmente marcar esta edição do DocLisboa, mais uma vez organizada pela Apordoc. Ela que foi, em 2012, a realizadora homenageada, e mantinha uma relação de amizade com a direção do festival. Na programação, ainda antes da sua morte, o Doc incluía a projeção do seu mais recente filme *No Home Movie*, e ainda um documentário sobre a sua obra, *I don't Belong Anywhere - The Cinema of Chantal Akerman*, de Marianne Lambert.

Além da omnipresente Chantal o festival, na solidez de 13 edições, tem um vasto programa, onde se sente o respirar do mundo, com uma homenagem ao sérvio Željimir Žilnik presente no festival, um foco no cinema grego, outro dedicado ao terrorismo e muito mais. Vale a pena descortinar o que o Doc 2015 tem para nos oferecer. Secção por secção.

### COMPETIÇÕES

As secções competitivas são o prato forte de qualquer festival que se prevê. O Doc, este ano, apresenta uma novidade formal, não fazendo distinção entre curtas e longas metragens. São apenas filmes. Na competição internacional estão representados 17 países e uma extraordinária diversidade de propostas. Há seis estreias mundiais e várias primeiras obras. E também um filme português.



*Bella e perduta*, de Pietro Marcello Filme de abertura do DocLisboa

A *Glória de Fazer cinema em Portugal*, de Manuel Mozos. Uma curta de metragem de apenas 17 minutos que revela um pequeno tesouro de um colecionador: o projeto de uma produtora de José Régio e Alberto Serpa idealizada no final da década de 20. O realizador, que recentemente estreou o seu documentário em homenagem a Bénard da Costa, reforça assim o seu estatuto de cineasta cinéfilo.

Entre as estreias mundiais, destaca-se *Alo Cherrie*, de Danielle Abid, onde a realizadora libanesa traça o retrato da Líbia enquanto filma a sua própria mãe a conduzir e a falar ao telefone. *When I Die, I Won't stay dead*, de Billy Woodberry, sobre o poeta Bob Kaufman, terá estreia simultânea em Lisboa e na Vienne. Igualmente sobre um poeta, Martin Verdet, em *I hit the road*, inspira-nos na obra Franck Veneille.

Em *Il Solengo*, de Alessio Rigo de Righi e Matteo Zoppis, conta a misteriosa história de um eremita, num filme só com personagens masculinas. *Little Prince*, de Olga Privolnova, é um invulgar retrato de família que parte de um filme caseiro, muito mau, que o pai está a fazer a partir de *O Príncipezinho*, de Saint-Exupéry. *Aragane*, a primeira obra de Kaori Oda, é um claustrofóbico mergulho à exploração mineira no Japão,

Do Bangladeche chega-nos *Last Man in Dhaka Central*, de Naeem Mohaiemen, a terceira parte da trilogia *The Young Man Was*, sendo que as outras vão passar no festival fora de competição. Conta a incrível história de um ativista holandês que incentivou uma rebelião contra o regime do Bangladeche e acabou preso.

Na sessão inaugural, *Bella e perduta*, de Pietro Marcello, uma subtil e bela viagem pela Itália profunda.

“

**Além da omnipresente Chantal o festival na solidez de 13 edições, tem um vasto programa, onde se sente o respirar do mundo**

A competição nacional conta com oito filmes em estreia sobre os quais recai grande expectativa. É um dos momentos mais altos do festival a começar logo por *Portugal - Um Dia de Cada vez*, assinado por João Canijo em parceria com a sua atriz de eleição Anabela Moreira. A primeira parte de um longo projeto que prevê uma

viagem de Portugal de Norte a Sul, retratando um país empobrecido e triste. Para já, ficamo-nos pelo norte, entre Trás-os-Montes e Alto Douro.

Encontramos o Portugal profundo em *Rio Corgo*, de Maya Kosa e Sérgio da Costa, com o selo de garantia da O Som e a Fúria. Um documentário numa aldeia perdida no norte do país, com uma qualidade estética assinalável. Ainda mais distante fica o novo filme de Paulo Abreu, *Raimundo*, como um sucessivo jogo de camadas que acaba por retratar o fantástico universo de Raimundo Bicudo, um realizador açoriano com sofisticadas teorias sobre a visita de extraterrestre ao arquipélago. Miguel Seabra Lopes e Keren Akerman estão de volta ao Doc, focando-se novamente nos doentes psiquiátricos, desta vez no Hospital Júlio de Matos. Em *Talvez Deserto Talvez Universo*, com extrema delicadeza, envolvem-nos um universo sensível. Tiago Siopa viaja até ao bairro operário de Setil, um antigo entroncamento ferroviário, onde se construiu um bairro para os trabalhadores da CP. O galego Iván Castiñeiras Gallego viaja até Manaus para descobrir os contrastes entre a selva urbana e selva amazónica. E Miguel Clara Vasconcelos e Carlos Conceição apresentam novas versões dos seus filmes já estreados no último Curtas de Vila do Conde.

### CHANTAL, WISEMAN E HEARTBEAT

Como é habitual fora de Competição e de secção estão alguns dos filmes mais aguardados. As quatro obras são de realizadores que já foram homenageados no Doc e que o festival pretender continuar a acompanhar. Além do já referida *No Home Movie*, de Chantal Akerman, podem encontrar-se grandes obras. Frederick Wiseman prossegue a sua diáspora americana, debruçando-se desta vez sobre o cosmopolitismo do bairro de Queens, em Nova Iorque, onde convivem 127 nacionalidades, em *Jackson Heights*. Em trânsito pela América, Albert Maysles, Lynn True, Nelson Walker, Ben Wu, David Usui viajam no Empire Builder, o mais famoso comboio de longa distância dos Estados Unidos. O bielorrusso Sergei Loznitsa, um dos mais fascinantes realizadores da atualidade, regressa o documentário, através de uma viagem aos momentos finais do regime soviético, em *The Event*. E, na sessão de encerramento, *El Butón de Nacar*, de Patricio Gauzman, uma viagem ao Chile contemporâneo.

A sessão de abertura da secção Heartbeat conta com dois filmes portugueses. A



## Recordar Chantal Akerman

Cíntia Gil

Olha em redor:  
como tudo revive à tua volta!  
Pela morte! Revive!  
Fala verdade quem diz sombra.

Paul Celan, in *De Limiar em Limiar*

Chantal Akerman começou a filmar aos 18 anos. Saiu da escola de cinema e fez *Saute ma ville* – onde se ensaiou a si própria, corpo central do seu cinema, lugar de proveniência de todo ele. Um corpo carregado da história passada, com um imenso sonho de se misturar com o mundo e fazer sair de si a expressão livre, aguda, dessa memória que o habita e desse desejo que o faz avançar. Todo o cinema de Chantal Akerman será marcado por essa memória e esse desejo – a vida é demasiado concreta para ser simplificada. A metáfora é um escamoteamento da força vital do dia-a-dia que traz consigo a história do mundo, jogando-a nos gestos mais simples. Depois disso, os seus filmes eram como ecrãs porosos e sensíveis entre o seu corpo que se procurava, e o mundo que era desejado com a voracidade absoluta de quem integrava em si todas as suas contradições como matéria afetiva e cinemática.

Em Nova Iorque, *Hotel Monterey* – um espaço pleno de memórias, numa fantasmagoria em que a pintura, o silêncio, o tempo compõem os elementos de um filme que é chave na compreensão da construção das imagens por Chantal. Não se tratam de imagens que procuram a forma do tempo naquele espaço, mas sim imagens cuja forma provém da intuição dessa temporalidade. Chantal tinha a capacidade rara de intuir no presente a sua porta de entrada para a memória, e dá-la como expressão da sua imersão no mundo.

Se *Hotel Monterey* revela uma sofisticada materialização de temporalidades coexistentes no espaço, num trabalho pictórico e de ritmo notável, *Je, Tu, Il, Elle* traz o corpo como elemento central ao seu cinema – o corpo elemento vivo, senciente, pleno de afetos, desejos, projeções, pesado pela história, à procura do seu tom. Encontramos outros elementos da poética de Chantal – o seu corpo em cena, alimentando-se (de açúcar), para libertar as palavras, os movimentos, os gestos da sua espera e da sua procura. Chantal é uma jovem mulher que deseja, que se dirige a um interlocutor indefinido, que conhece o amor ainda sem objeto, e o seu corpo é pleno desse amor desejante. Chantal sai, viaja com um homem, acaba na cama



de uma mulher, numa das mais belas cenas de amor alguma vez filmadas.

Se *Jeanne Dielman* é visto como a grande obra da sua vida – e de facto Chantal mudou o cinema aos 25 anos – estes filmes anteriores são, no entanto, dois momentos em que se descobria uma cineasta única. Chantal comia o mundo, os filmes, os livros, e todos eram matéria para um corpo que procurava um lugar seu. A procura do lugar e a errância, uma história antiga, de gerações, que Chantal assimilou no seu cinema – não a procura do lugar de pertença, mas do lugar de onde o mundo nos pode falar melhor e a vida pode ser vista mais claramente.

Pediram-me um texto sobre o que foi receber a Chantal no DocLisboa em 2012. E assim como não se pode separar a vida de Chantal dos seus filmes, não se pode separar a minha memória de Chantal da minha descoberta dos seus filmes. Há alguns, raríssimos, artistas cuja presença intensifica, densifica o que sabemos da sua obra. Não a explica, não a simplifica, mas complexifica, dá-lhe ainda mais fundo. Este era o caso de Chantal.

A sua presença no DocLisboa foi exigente – exigiu de nós presença total, verdadeira, sem convenções ou jogos de estilo. O festival era apenas o lugar onde as nossas vidas estavam a acontecer, mas o mais concretamente importante eram precisamente as nossas vidas. Chantal trouxe filmes, trouxe instalações. Instalou-as numa tensão intuitiva com as obras, o espaço, as imagens a serem construídas. Chantal tinha com as imagens e os sons uma relação de corpo inteiro. Parecia que as imagens tinham cheiro e o som era imagem. Ensinou-nos que para estar com o outro há que estar livre, não esperar do outro mais do que o presente, e pôr nesse presente todos os sentidos. O seu último filme diz isso – Chantal acompanha o presente da mãe, seja no seu espaço de infância, pleno de afetos e memórias, seja pelo skype. A morte chega porque o presente passa, mas entretanto fez-se um filme que diz do amor e da proximidade, da distância do que nos é insuportável e indizível, do silêncio entre aqueles que se intuem totalmente. A mãe e a filha. JL

começar logo por Tiago Pereira, incansável pesquisador, documentador e divulgador da música portuguesa, com largas centenas de vídeos gravados e disponibilizados gratuitamente no seu portal "A Música Portuguesa a Gostar dela Própria". O realizador faz um filme autorreflexivo em que se questiona porque faz o que faz, com o feliz título *Porque não sou o Giacometti do séc. XXI*. Esta sessão inaugural complementa-se com *Celeste*, o filme em que Diogo Varela Rodrigues traça o perfil da sua ave, a fadista celeste Rodrigues, irmã de Amália.

Dentro da secção, destaques para todos os gostos.

apresenta-nos *A tragédia de Carmen*, e o seu olhar sobre Bizet.

### RISCOS E CORISCOS

A secção Riscos inclui filmes que se situam no território de fronteira, alargando-se mesmo às chamadas ficções do real: filmes que embora não sejam formalmente documentários têm um lado documental. mas também outros que se situam em fronteiras experimentais, questionando por vezes o próprio género. Albano Martins, diretor dos Encontros de Fotografia de Coimbra, constrói, em *Life Goes On*, um filme a partir das imagens que recolheu do

retrospectiva inédita, muito completa, que envolveu um grande trabalho de pesquisa, pois a obra de Žilnik é muito fragmentada, em parte por ter cedido os créditos a entidades coletivas. "Ele foi um dos grandes pioneiros do cinema direto – afirma Cíntia Gil – E fê-lo, não por uma questão formalista, mas por ser a melhor forma de alcançar aquilo que queria transmitir". O realizador, sempre subversivo, também cumpriu a estranha façanha de ser censurado no bloco de leste e no ocidente, servindo-se da sua formação em Direito, para se defender processualmente contra as acusações aos seus filmes. Paralelamente é feita



El botón de nácar, filme de encerramento, de Patricio Guzmán (em cima) A Glória de Fazer Cinema em Portugal, de Manuel Mozos (em baixo)

Gonzalo García Pelayo visita a copla espanhola, Frank Scheffer mergulha de novo no extraordinário mundo musical de Frank Zappa, Phase II The Big Note. Hervé Martin-Delpierre leva-nos até à eletrónica francesa dos Daft Punk. Paulo Abreu traça um retrato de Phil Mendrix, personagem transversal do rock português, dos Chinchilas aos Irmãos Catita. Nicholas Klotz, com dois retratos de grandes músicos: Robert Wyatt e Ornette Coleman. E o encenador Peter Brook

seu amigo, o grande fotógrafo norte-americano Robert Frank. Também em destaque a ficção *Alias Maria*, de José Luis Rugeles, que acaba por ser um retrato original do conflito colombiano, através da história de uma guerrilheira com um bebé recém-nascido. E também da Colômbia, *A Terra e a Sombra*, de César Acevedo, uma violenta denúncia de caráter ecologista.

O grande homenageado deste ano é o lendário realizador sérvio Željimir Žilnik. O DocLisboa organizou uma



### A secção Riscos inclui filmes que se situam no território de fronteira, alargando-se mesmo às chamadas ficções do real

uma retrospectiva da filmografia de Karpo Godina, o seu assistente. Quer Žilnik quer Godina vão estar em Lisboa para masterclasses.

Este ano o DocLisboa faz um enfoque na Grécia sem se centrar particularmente na situação atual do país. "Já debatemos a crise grega noutras edições do festival", explica Cíntia Gil. Desta vez, há uma perspetiva histórica mais alargada, revelando o que o cinema grego tem oferecido ao mundo, em obras como *O Thiasos*, de Theo Angelopoulos.

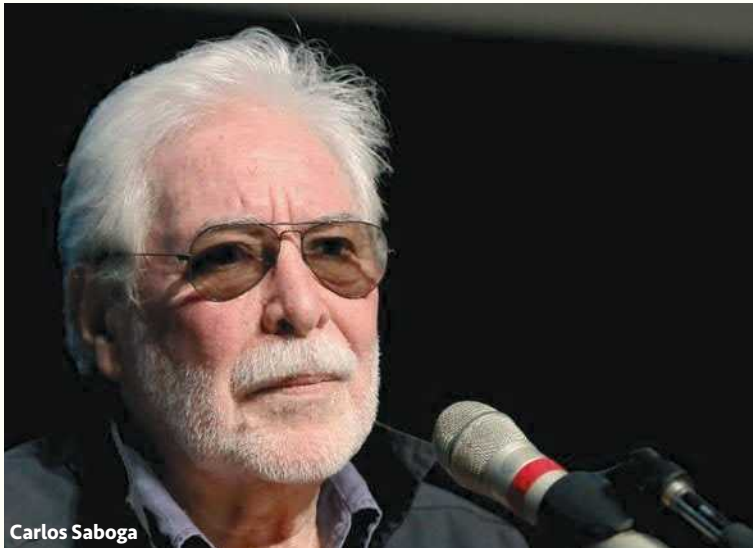
Em paralelo um programa com o sugestivo título "I don't throw bombs, I make films" – Terrorismo, Representação, o título é retirado de *A Terceira Geração* de Fassbinder. Uma homenagem ao cinema de 'guerrilha', sobretudo de esquerda, com obras de, entre outros, de Margarethe Von Trotta, Christiane Petzold, Kōji Wakamatsu, Bernardo Bertolucci ou Alan Clarke.

Como é habitual, há ainda as secções Verdes Anos, dedicado a filme-escola, e Cinema de Urgência Esta última versa sobre vídeos de momentos, guerras, e temas quentes da atualidade, muitas vezes filmados por telemóvel. A secção costuma ser de entrada livre, desta vez a Apordoc pede aos espetadores que tragam mantimentos para doar a uma associação de apoio aos refugiados. JL



# Carlos Saboga

## Portugal, porto de (des)abrigo



Carlos Saboga

Exilou-se em França durante o Estado Novo e por ali ficou a viver. Agora, em *Hora Incerta*, retrata a história de dois franceses que, fugidos da II Guerra Mundial, procuraram exílio em Portugal. Estreia amanhã, quinta-feira, 15, o novo filme de Carlos Saboga um dos mais requisitados argumentistas portugueses que descobriu tardiamente a vocação de realizador. Aos 78 anos, assina a sua segunda obra.

**JL: Depois de uma longa carreira de argumentista, em 2013, estreou-se na realização com *Photo*. Tinha 76 anos. Agora está de regresso com esta *Hora Incerta*. Anda em busca do tempo perdido? Apanhou-lhe o gosto?**

Durante muito tempo vivi sem papéis no estrangeiro. Consegui trabalhar no cinema de forma clandestina, mas seria difícil passar à realização. Quando estive uma situação estável, achei que era demasiado velho. Resignei-me. Até que o Cunha Telles me propôs realizar um filme. Disse-me: "Eu sou mais velho que tu e ainda estou a realizar". Escrevi então um argumento, mas ele não conseguiu produzir, porque recusaram o subsídio do ICA. Depois foi o próprio Cunha Telles que propôs o Paulo Branco. O Paulo arranhou o dinheiro em França, e realizei o filme.

**Sente que o trabalho do argumentista é ingrato? Sente falta de um maior controlo sobre o filme?**

Depois da *Nouvelle Vague* o argumentista deixou de ter importância. A *Nouvele Vague* nasce, com razão, contra a ilustração do argumento. A partir daí caiu-se

no seu oposto. E ninguém fala dos argumentistas hoje em dia, apesar de ser a partir deles que começam os filmes. Além disso, quando se escreve um argumento tem-se inevitavelmente uma visão sobre um filme, e depois acaba inevitavelmente por se sobrepor a visão do realizador.

**O argumentista de cinema não tem o mesmo estatuto do dramaturgo...**

Nos primeiros Oscars nem sequer havia prémio para o argumento... Há sempre um sentimento de frustração, exceto em casos raros em que se trabalho muito proximamente com o realizador. A presença do argumentista na rodagem é em geral indesejada pelos realizadores, pois pensam que vamos estar lá a fiscalizar se todas as palavras escritas são ditas. Isso raramente acontece.

**Em *Uma Hora Incerta*, mergulha novamente no passado. Acha que o Estado Novo é um período particularmente rico em termos de 'histórias' e pouco explorado no cinema português?**

É pouco explorado. Não penso que o cinema retenha de resgatar a História, mas há uma temática que se perde. Por exemplo, uma das personagens mais importantes da sociedade portuguesa da época era o agente da Pide. Havia o receio constante de que o empregado de café fosse um informador. É uma personagem ficcionalmente interessante. Como vivi numa família de opositores ao regime, ouvia falar da Pide desde sempre. Outra razão para fazer este filme é circunstancial: usa um só décor, para tornar o filme mais barato.

**E a temática da guerra?**

A minha escola foi o cinema. Na Figueira da Foz, onde crescia, via dois filmes por dia. Não tinha dinheiro, mas pedia a uma senhora que entrasse sozinha para me levar pela mão, fingindo que era seu familiar. Daí vem um grande fascínio também por esse cinema de guerra. Lembro-me de uma cena em que o atirador norueguês atinge o soldado que ia erguer a bandeira nazi, e o público a aplaudir de pé. Lembro-me também dos refugiados que chegavam a Portugal em massa.

**Entrando mais diretamente no filme... O Vargas é um agente da Pide relativamente atípico. Não é o polícia mau e bruto, tem uma**

conscientes e puramente platónicos. A Ilda quer ser reconhecida como filha. A história de amor da Ilda pelo pai leva-a ao crime.

**E OS DOIS IRMÃOS?**

Esses sei de onde vêm. Baseei-me nos filhos de Thomas Mann, Klaus e Erika, que tinham uma relação deste tipo. Uma relação íntima, quase de gémeos. Fugiram da Alemanha e estiveram por aí. Klaus, que foi um feroz antinazi, por ironia suicidou-se depois do fim da guerra. Eu também fui exilado. E sei que persiste nos exilados um certo sentimento de culpa, por ter abandonado a luta. Ele tem esse sentimento. A irmã já não: defende que a única maneira de ganhar é sobreviver.

**Há muitos mitos à volta dos refugiados em Portugal, mas nem sempre são reais.**

Tive um projeto com o António Pedro Vasconcelos, que nunca chegou a concretizar-se. Mas, na altura, documentei-me muito sobre os refugiados célebres que passaram por aqui. Vinham de sítios onde a opressão era terrível com grandes riscos para as próprias vidas e chegavam aqui e havia sol e abundância de comida. Tinha-se o sentimento de ser livre o que é uma incrível contradição, pois o país vivia sob uma opressão terrível. Por isso é que no filme se fala sobre isso, com referências à tortura e ao Tarrafal.

**A sua experiência pessoal, do exílio em França, foi-lhe útil?**

Sem dúvida, até porque sou casado com uma judia, de modo que conheço bem a comunidade judaica francesa. Identifiquei-me também com o povo perseguido, porque a minha família também foi perseguida, mas por motivos políticos. Não queria que estas personagens fossem judeus convencionais, sentem-se mais enquanto simples indivíduos, como muitos judeus alemães que estavam integradíssimos, que inclusive tinham feito a I Guerra Mundial.

**As histórias dos refugiados têm um eco bem audível no presente...**

Esta história começa mas nunca acabou. Eu passei a fronteira a salto, com uma equipa de cinema, atravessei os Pirenéus a pé. Frequentava o café Saint Claude, que estava cheio de exilados gregos, espanhóis e portugueses. Eram exilados europeus e facilmente integráveis. Toleravam-nos. Vivi também com exilados brasileiros na Argélia. Vivi mais tempo fora do que aqui. Vivi sempre



**Para mim é prioritário realizar, porque cheguei atrasado e tenho pouco tempo de vida. Se eu soubesse que realizar era tão gratificante teria tentado fazê-lo antes**

**forte dimensão humana e até revela fascínio por publicações de esquerda.**

A minha ideia no início do filme é que ele se apaixonaria e sequestraria a refugiada francesa, assim como acontece naqueles casos terríveis na Áustria. À medida que fui escrevendo a personagem modificou-se. Resultou num tipo muito ambíguo, atraído pelo comunismo, que guarda no cofre o *Avante!* e *Que Fazer*, de Lenine. O comportamento não tem nada ver com o que ideologicamente se espera de um Pide. Foi inspirado em alguns casos de que tomei conhecimento. Ele faz a I Guerra Mundial e depois é convidado a ingressar a polícia. O Vargas é um terceiro exilado, um exilado do interior. Entra em contraste com o outro Pide que é mais convencional. Mas tudo gira em volta da Ilda que, tal como no primeiro filme, é alguém que procura um reconhecimento, uma filiação.

**Há dois jogos incestuosos, por um lado entre pai e filha, por outro entre os irmãos franceses...**

Funcionam em espelho. São in-

## Uma Hora Incerta

Em *Photo*, o seu filme de estreia, Carlos Saboga abria o universo à vastidão do mundo, num evasivo retorno ao passado, na tentativa de ajustar contas com um regime já extinto, a propósito de uma diátribe familiar. Em *Uma Hora Incerta*, Saboga fecha-nos numa casa, limitando o espaço a uma intriga romanesca, com personagens fortes e bem desenhadas, em que se misturam exilados políticos, com exilados físicos, íntimos e sentimentais. As personagens movem-se habilmente segundo as suas motivações, algumas com objetivos claros, outras traçando um caminho nas mutações ao longo do filme.

O tema dos refugiados, que faz ricochete na atualidade, é acima de tudo um pretexto, materializado na história de um casal de irmãos franceses, que na sua fuga aos horrores da II Guerra Mundial se vê confrontada com os agentes da PIDE. Mas na sua essência é um jogo de amores platónicos e palpáveis levados até à última consequência. Há a inexplicável paixão de Vargas pela francesa, justificada apenas pela riqueza dúbia da personagem, que leva a protegê-la pondo-se em causa a si próprio, e que contrasta com um incorrespondido desprezo. Há a insinuação incestuosa da francesa pelo irmão. Mas há sobretudo a obsessão de Ilda (excelente interpretação de Joana Ribeiro) pelo pai, em busca do reconhecimento filial, que se torna o verdadeiro motor do filme.

*Uma Hora Incerta* é efetivamente um filme que convence pelo argumento, desenhado em ambiente fechado, que proporciona um estilo de intriga próximo de uma peça de teatro. Profundo e eficaz.

enquanto estrangeiro. Não sou nem francês, nem português. Contudo, acho terrível o que está a acontecer agora. Um episódio muito mais grave. Há uma resistência europeia que não havia na altura.

**E agora? Qual será o seu próximo filme?**

Tenho dois projetos. Um entre França e Portugal, outro mais ousado que seria feito em França e Itália. Para mim é prioritário realizar, porque cheguei atrasado e tenho pouco tempo de vida. Se eu soubesse que realizar era tão gratificante teria tentado fazê-lo antes. JL



OLHARES

Rocha de Sousa

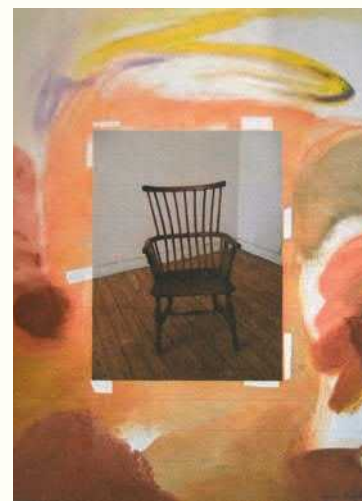
# Teresa Magalhães Utensílios ocasionais

Temos seguido, desde há muito, o percurso artístico, de pintora, de Teresa Magalhães (TM), das galerias à SNBA, da Gulbenkian à Fundação Arpad Szenes. Agora, replicando o uso de certos objetos, tanto na sua consistência real como na sua existência pictórica. Houve um tempo, não muito distante deste, em que o deslizamento das manchas plásticas apertava espaços onde diferentes fotografias, de diversos quotidianos — mulheres a fitar-nos num acaso de rua, grupos de amigos, a difusa histórica de um certo espaço urbano — tematizava, com os seus prosaicos assuntos, o nosso passeio contemporâneo face à vibração das tintas e os rostos, as caixas, as cadeiras, um talvez arbitrário espólio de coisas que podiam ter existido em milhares de casas de centenas de cidades.

Muitas daquelas coisas fortuitas que fizeram parte de um dos levantamentos instaladores de TM,

colados no campo entre uma pintura abstrata que parecia ter-se saturado dessa agitação caseira, ora lassa, ora vibrante, são de novo, ressuscitadas, apresentadas na sala do Museu, inteiras, antigas ou velhas, em parte por restaurar, fingindo-as novas, como que para prolongarmos a existência de várias gerações, sonhos, brincadeiras saudosas.

"No atelier de Teresa Magalhães" é o nome desta exposição, um título bem indicador dessa espécie de santuário onde os artistas fazem as suas experiências e cultivam, por vezes, complexos ofícios, alimentando sonhos e sofrendo dúvidas, esperas, lassidões. O atelier é, sem dúvida, um lugar privilegiado: porque, além do mais, é em grande parte nele que a profissão se cumpre e os encontros geram novas ideias. Lugar de festa ou de solidão, museu contingente, museu vivo — tantas vezes o limite, enfim, do acervo inteiro deixado



Teresa Magalhães Duas das obras expostas

por quem ali conferiu mobilidade e representação à vida.

A artista guardou, como obra definitiva, as peças e os painéis da sua exposição anterior, feita nos termos atrás sintetizados. E guardou também grande parte dos objetos e fotografias utilizados naquela saudação a diversas memórias. O projeto, entretanto, junta os dois percursos, com cuidados específicos, numa criteriosa montagem. E antes de tudo, o convite por e-mail mostra-nos como que uma bela peça de pintura/fotografia, noticiando o critério de há tempos: a cadeira pressupõe um espaço livre, no canto de uma sala, e a pintura (vista depois na exposição) dar-nos-

—á o privilégio de um certo encontro, como os bailarinos de louça, a Marilyn Monroe em louça, retratos emoldurados, encontros de família, um espelho redondo, os bonecos de várias infâncias e pinturas e taças e um "menino" tombado, olhos abertos para uma vida quase eterna.

Este percurso recompõe-se, de outra forma, na perspectiva da parede, apontando o seu vértice. Os nossos olhos são convidados a fazer um *travelling* à frente, aceitando paragens e pausas para fitarem as peças de frente, suspensas do seu destino, entre o encantatório das memórias e a encenação dos objetos ressuscitados. Esse trabalho pode

parecer que começa sem nenhuma coisa inicial dentro dele, uma cadeira ou um armário que nos supera em altura. Porque se tais formas não existirem para figurar ali, consoante um projeto de rerepresentação memorialista, o que conta vem apenas do lado histórico de TM, uma intensa manipulação das tintas, anteriormente cedendo ao gosto de complexos entrosamentos gestuais, retas, curvas, manchas, colagens com essa pele vinda de outro lado, de um quadro experimental, de uma forma em escala diferente.

Agora parece que o braço da pintora se alongou, instrumentalizado por maiores espaços, vogando ainda em circularidades, vazios retos, uma certa ideia de perspectiva como no caso da montagem com a fotografia do armário. À distância, as manchas da pintura parecem formar chão, enquanto uma diagonal aponta a perspectiva, a horizontal que limita o chão onde a peça de interior se aconchega no canto e parece real, a contrapor-se a espaços quentes e frios, quase suporte de paisagem vista através de um grande vidro. A percepção, contudo, sem maiores proximidades, tem meios para decifrar a fotografia a fingir a coisa e o volume, um resto de casa outrora assim sensata e plácida. ■■

No atelier de Teresa Magalhães, na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, em Lisboa. Até 31 de janeiro de 2016. Das 10 às 13h, e das 14 às 19. Fecha à segunda-feira.

# MÚSICA POR UMA CAUSA

## CONCERTO DE APOIO AOS REFUGIADOS

FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

18

19:00h — M/6

10

Coro e Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz MAESTRO

Pavel Gomziakov VIOLONCELO STRADIVARIUS

A receita de bilheteira reverte a favor da Plataforma de Apoio aos Refugiados.

musica.gulbenkian.pt

GOVERNO DE  
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

PATRIMÓNIO  
CULTURAL

museu nacional da  
música



# Pedro Proença e Andreas Stöcklein

## O azulejo e a palavra

❗ O título em epígrafe é o da exposição que junta Pedro Proença e Andreas Stöcklein, em torno da relação, como evidencia, entre o azulejo e a palavra. Proença, conhecido pintor e ilustrador, fundador do Movimento Homeoestético, autor de vários, Stöcklein, artista plástico alemão radicado em Portugal – palco do 'encontro' a Galeria Ratton, em Lisboa. 'Encontro', que se assume como uma confluência de viagens e integrou a edição deste ano do Bairro das Artes.

"Se não tivesse feito a exposição na Casa Fernando Pessoa, provavelmente não estaria nesta exposição" afirma ao JL Pedro Proença, referindo-se à sua mostra *Os Testamentos de Orpheu*, que ali esteve patente até setembro. Stöcklein, por sua vez, acabara de pintar quase 1000

metros quadrados de azulejo para a Estação Rathaus em Essen, Alemanha. "Precisava de um desfecho que fosse porta... Queria que fosse a minha vontade sem balizamentos a revelar o espaço para um 'conceito'." Uma conversa a duas vozes na Galeria Ratton sobre tradições, fronteiras, desafios, incertezas.

**Jornal de Letras: Como é que se trabalha a palavra no azulejo? Qual é o potencial artístico-visual da letra?**

**Pedro Proença:** Existe uma tradição em Portugal, quer em relação à literatura, quer em relação à letra. Muita gente das artes visuais, como não havia muito passado nesse domínio, foi beber à literatura. E há uma tradição também de artistas que escrevem e de escritores que pintam. Depois o K W Y deu uma

importância à letra, dentro de uma tradição de época. A maior parte dos artistas portugueses recusam qualquer ligação, mas eu, normalmente, não gosto de me desligar das tradições. Sinto-me muito ligado a vários filões, quer literários quer de artes visuais, seja arte popular ou do azulejo – que é uma forma de arte que não é bem popular mas também não é propriamente uma arte culta superior.

**Andreas Stöcklein:** O uso da letra e da palavra no azulejo tradicional é bastante comum, existe desde sempre. Na minha obra a abordagem foi muito diferente. Parti da primeira palavra que parecia natural, que é a palavra 'azulejo', e vi o que podia fazer com ela. O azulejo para mim é o 'indivíduo' dentro do conjunto da sociedade e as lacunas são lugares



Andreas Stöcklein



Pedro Proença

**Expresso**

Liberdade para pensar.

COLECIONE A OBRA ESSENCIAL DE

# FERNANDO PESSOA

Reputados especialistas reuniram para si, a pedido do Expresso, o essencial da obra do mais genial poeta do século XX.



**OFERTA**  
9 LIVROS  
+ CAIXA  
ARQUIVADORA  
COM O  
EXPRESSO

CAPAS DE PEDRO PROENÇA  
COORDENAÇÃO E EDIÇÃO DE IVO CASTRO

- 19 set. *A Mensagem e Outros Poemas* Fernando Pinto do Amaral | 26 set. *Poesia Ortónima* Richard Zenith  
2 out. *Livro do Desassossego* Nuno Júdice | 10 out. *Correspondência e Artigos de Imprensa* António Feijó  
17 out. *Poesia de Ricardo Reis* Ana Luísa Amaral | 24 out. *Poesia de Alberto Caeiro* Rita Patrício  
31 out. *Poesia de Álvaro de Campos* Clara Ferreira Alves | 7 nov. *Prosa Crítica e Ensaística* Miguel Tamen  
14 nov. *Contos Policiais* Pedro Mexia



de incerteza de onde surgem coisas novas, são sentidos que não estão patentes no azulejo propriamente dito. Essa potencialidade sempre me fascinou, e achei bem que as palavras surgissem daí. Depois, comecei a brincar com grafismos, com as juntas, e usei palavras de autores como Eugénio de Andrade e Júlio Pomar.

Ao longo de três anos fiz um registo fotográfico sobre a doca de pesca de Setúbal, onde se reparam barcos e limpam os rolos e as trinças com os restos das tintas. É uma temática que me fascina porque é um 'resto'. E muitas palavras que usei nos azulejos são também restos de conversas. A junta é um resto do azulejo. Não faz parte do azulejo, mas ao mesmo tempo faz. É um bocado de incerteza...

**Num dos textos da exposição, o Pedro escreve que é "como se a visibilidade da letra puxasse mais a brasa à sua sardinha do que o texto." Como é que isso acontece?**

PP: No fundo, a letra em si é uma coisa plástica, é uma imagem. Desde a caligrafia à tipografia – neste caso é caligrafia porque é feita à mão. Mesmo a nossa experiência de caligrafar tem muito a ver com a maneira como as coisas são impressas. Há dias voltei ao Palácio Nacional de Sintra. E reparei que com a maneira como os azulejos são utilizados nalgumas salas parece

que foram retirados de miniaturas visigóticas e passaram, numa época completamente diferente, para uma escala monumental. Como se fossem livros que, de repente, passam a ser salas. E é uma coisa maravilhosa. A letra é um corpo, é uma coisa que nos habita, de certa forma.

**Ao mesmo tempo, o Andreas fala numa 'proximidade ao contrário'.**

AS: Proximidade ao contrário é aproximar-se da linha de meta do lado contrário. Isso está relacionado com um projeto que consistia em pintar quase mil metros quadrados para uma estação de metro na Alemanha, que durou quase um ano e meio. O projeto estava bastante pré-determinado, tinha uma certa forma imaginada, onde depois trabalhava livre e espontaneamente em cada painel. Esse *modus operandis* ficou-me muito entranhado e queria livrar-me dele, tinha que sair dali... Desvincular-me. Como cheguei à meta, queria aproximar-me do outro lado. Estendi uma grande área de azulejo numa mesa e trabalhei primeiro de forma espontânea. Andei por cima do painel de olhos vendados e deixei o corpo escrever. Não há palavras nesse painel mas é uma escrita, um modo de escrita. Só depois é que acrescentei as partes mais formais. Vejo esta expressão como a caligrafia japonesa. **JL.**



MÚSICA

Manuela Paraíso

# Viajar no tempo em São Roque

❖ Ano após ano, a Temporada de Música em São Roque consolida um perfil programático que se define pelo eclectismo e pela qualidade. Vários séculos de história da música pelos dedos e vozes de intérpretes e agrupamentos de referência na cena nacional, em programas que incluem frequentemente repertórios portugueses e primeiras audições modernas ou absolutas. Nesta 27ª edição, a realizar-se entre o próximo sábado, 17, e 8 de novembro, viaja-se entre a música que se ouvia em Lisboa no século XVI e distintas expressões da contemporaneidade na área da música sacra e em ciclos de canções sobre poemas de autores celebrados.

Tal como no ano anterior, o ciclo abre na Igreja de São Roque com o Coro Gulbenkian, que sob a direção de Michel Corboz atua com uma secção de baixo contínuo (dia 17, 21h), oferecendo um programa inteira-

mente constituído por música de Johann Sebastian Bach - compositor que encontra Corelli no programa que a 6 de novembro, 21h, a Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Coro da Universidade Nova de Lisboa levam ao mesmo espaço.

Já é da tradição que se ouça nas Temporadas de São Roque muita música sacra portuguesa e para este ano a programação agendou vários concertos. Um deles, pelo Officium Ensemble (1 de novembro, 16h30, no Convento de São Pedro de Alcântara) evoca a efeméride dos 260 anos do Terramoto de Lisboa, centrando-se na missa de Antoine Brumel *Et Ecce Terrae Motus*, mas trazendo também obras de alguns dos maiores polifonistas portugueses: Duarte Lobo, Estêvão Lopes Morago, Francisco Martins, Estêvão Brito e também Manuel Cardoso e Filipe Magalhães, fazendo-se estes últimos ouvir noutro programa, a 30



Ana Barros e Isabel Sá A 19 de outubro no Museu de São Roque

de outubro (21h, Igreja de São Roque), pela Capella Duriensis, que inclui também um dos maiores vultos da música portuguesa seiscentista, João Lourenço Rebelo.

A 23 de outubro, o Ensemble MPMP recria duas Missas breves dos esquecidos compositores portugueses oitocentistas, Francisco Freitas Gazul e Francisco António Norberto dos Santos Pinto (cujo bicentenário do nascimento se assinala este ano), a elas contrapondo a *Petite messe pas solennelle*, de Eurico Carrapatoso. E no encerramento, a 8 de Novembro, o tempo que a programação reservou para escolas de música oferece, primeiro, uma cantata contemporânea do padre Diamantino Faustino, composta para o Sínodo Diocesano de Lisboa de 2014, em concerto pela Escola de Música Nossa Senhora do Cabo (às 16h30), e a fechar, às 21h, também na Igreja de São Roque, a atuação da

Escola Superior de Música de Lisboa.

A 19 de outubro, às 19h, no Museu de São Roque, a soprano Ana Barros e a pianista Isabel Sá trazem o programa *Palavras oníricas: o surrealismo português*, que parte das *Nove canções de António Ramos Rosa* e dos *Sete poemas de Albano Martins* (duas criações de António Pinho Vargas compostas há quase duas décadas e já consolidados entre o

repertório português de referência), tecendo relações entre elas e o universo de Mário Cesariny, autor dos textos das duas obras em estreia absoluta na temporada: *Ditirambo*, de Edward Luiz Ayres d'Abreu, e os *Cinco Poemas de Mário Cesariny*, de Sérgio Azevedo, ambas compostas para integrar este programa de recital.

Um outro, pelo Duo L'Effetto Ensemble, da soprano Dora Rodrigues e do guitarrista Rio Gama (dia 25, 16h30, Convento de São Pedro de Alcântara), traça uma viagem pela música portuguesa e hispânica dos últimos cem anos, com canções dos contemporâneos Rui Soares da Costa (*O céu, a terra, o vento sossegado*, sobre poema de Luís de Camões) e Paulo Bastos (*Declínio n.º1*, que integra o ciclo *Cinco Índicios de Ouro*, com poemas de Mário de Sá Carneiro, tendo sido dedicada ao L'Effetto Ensemble, que a vai apresentar em estreia absoluta). O

programa inclui também uma canção de António Fragoso com poema de Paul Verlaine ("Sérénade") e peças de Granados, Ginastera e Carlos Guastavino.

Fernando Lopes Graça é outro nome em destaque nesta edição, num recital de piano por António Rosado, que na última década gravou três integrais do compositor, das sonatas, das *Suites In Memoriam Bela Bartók* e das *Músicas Festivas*. A 31 de Outubro (16h30, Mosteiro de Santos-o-Novo), a Sonata n.º 2, a Suite n.º 5 e 3 das *Músicas Festivas* vão ser ouvidas a par de um das sonatas de Mozart que Lopes Graça mais apreciava, a K332 em fá maior.

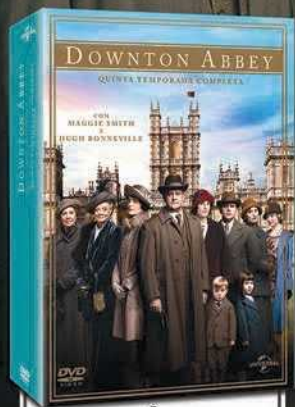
Destaque também para o agrupamento Vozes Alfonsinas, que a 24 de outubro, às 16h30, leva ao Mosteiro de Santos-o-Novo uma leitura da música que se fazia em Lisboa no tempo de D. João III, com repertório da Capela Real e da Sé de Lisboa, que até muito recentemente se mantinha inédito, em articulação com peças profanas que se ouviam na corte - senda essa junção uma prática corrente na vida musical portuguesa de setecentos e oitocentos e dessa forma reconstituída no concerto do Ensemble Bonne Corde (dia 18, 16h30, Convento de São Pedro de Alcântara), que propõe uma seleção de obras sacras de três compositores esquecidos do século XVIII (António Joaquim Miranda, António da Silva Gomes e Oliveira e José do Espírito Santo Oliveira) com peças instrumentais de Mozart, Pleyel e outros. **JL**

PREÇO ÚNICO E EXCLUSIVO CARAS, VISÃO E EXPRESSO

# DOWNTON ABBEY

NOVO QUINTA TEMPORADA COMPLETA

cada DVD  
**5,95€**  
(Cont.)



GRÁTIS  
CAIXA ARQUIVADORA  
COM O PRIMEIRO DVD



VOLUME 1  
NAS BANCAS



VOLUME 2  
21 DE OUTUBRO



VOLUME 3  
28 DE OUTUBRO

COLECIONE OS 3 DVD E DISFRUTE DE CONTEÚDOS EXTRA INÉDITOS

**CARAS**

**VISÃO**

**Expresso**

PARA ENCOMENDAR A COLEÇÃO: LIGUE 214 698 801 (DIAS ÚTEIS DAS 9H ÀS 19H | SÁBADOS DAS 9H ÀS 17H) OU VÁ A ASSINEJA.PT/QUIOSQUE | ASSINANTES -10% + PORTES GRÁTIS



TEATRO

Helena Simões

# Hamlet todo

¶ Era um dos sonhos sempre adiado do encenador Luís Miguel Cintra, à espera da tradução de Sophia, e que finalmente estreou no âmbito da última edição do Festival de Almada, *Hamlet* (1600) de William Shakespeare (1564-1616), em coprodução com a Companhia de Teatro de Almada. Pode ver-se agora em Lisboa, no Teatro da Cornucópia, onde se encontra até ao fim da semana, para voltar depois a Almada, ao Teatro Municipal Joaquim Benite.

Mais uma vez, e como não podia deixar de ser, a visão e o conceito de teatro do encenador são evidentes neste espetáculo, não só pelo rigor na apresentação da versão integral da peça, mas igualmente pela coragem de ousar pensar no palco, através da poética de Shakespeare, a ética do poder e a individuação pela reflexão.

A sua estratégia assentou em dois vetores fundamentais: a primazia do texto pela sua audição na maravilhosa versão de Sophia e a opção dramaturgicamente por um contexto onírico de sonho ou de memória. Daí decorre o corolário da escolha de um ator muito

jovem para protagonista, Guilherme Gomes, que alia uma excelente dicção ao prazer de dizer e também a uma consistente e serena presença em palco. Vestido de veludo preto e camisa branca, o príncipe da Dinamarca sonha o que virá a acontecer ou recorda o que já foi. O mistério ou o enigma de Elsinore surge assim escalpelizado pela elocução especial de um texto filosofante que, se bem dito e bem escutado, pode manifestar-se como chave a abrir e a revelar os segredos bem guardados.

Porém, esta “leitura” partilhada com o público ocorre num contexto plástico muito poderoso: o cenário e os figurinos de Cristina Reis. A cenografia, em acordo absoluto com as mencionadas opções dramaturgicas, enquadra plenamente essas personagens em demanda do real e fornece o aparato concreto e produtor de sentido para essa máquina de morte que a peça constitui. Por sua vez, a encenação e as marcações vêm usar e justificar a cenografia em dois planos: o alto e o baixo, o real e o imagi-



Hamlet, na Cornucópia 'A mais famosa peça de Shakespeare como raramente se vê'

nário, a ação e a reflexão, o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. A possibilidade de entradas e saídas de cena oferece, em vários planos, uma plurissignificação de níveis de ação; a introdução da personagem lunar, leve e cantante (Luís Madureira) estabelece a ligação entre planos a acolher as personagens, tal porteiro do céu ou do inferno. A boa iluminação muito contribui para criar a atmosfera cinzenta, pantanosa e em queda do castelo de Elsinore.

O ano passado já tínhamos visto Guilherme Gomes no papel titular em *Ion*, de Eurípedes. A sua presença neste espetáculo de quatro horas denota um grande trabalho na

compreensão da personagem e no fluxo de consciência a atravessar os longos monólogos, em partilha com o público que pode encantar-se com a candura de uma expressão pura e articulada e a resultar como se pela primeira ouvíssemos as suas reflexões íntimas. O seu alter-ego Horácio, na interessante abordagem de Isac Graça, pode ser uma personagem de um Hamlet futuro, o intelectual cético que não se deslumbra com o poder. Nenhum deles age, suspensos na aparente indiferença entre ser e não-ser.

Todo o elenco foi contaminado pela ideia de reflexão ética, complexificando as suas personagens ou distancian-

do-se delas como observadores das suas ações, a seguirem um guião sobre o qual refletem. Há diferença para as personagens pragmáticas como Cláudio e Polónio, respetivamente Dinis Gomes e Duarte Guimarães, envelhecidos pela maquilhagem a tornarem mais verosímeis os estatutos sociais das suas figuras e sem espaço para a maturação.

Gertrudes tanto é reflexiva como pragmática e daí a sua ambiguidade matricial que encontrou em Teresa Gafeira uma atriz com poder dramático para assumir grande violência justamente pela contenção da sua ação. A Luís Miguel Cintra coube a personagem do primeiro ator na troupe que visita Elsinore e que representa para os monarcas *A Morte de Gonzaga*. Teatro dentro do teatro, *et pour cause*.

Provavelmente a mais famosa peça de Shakespeare como raramente se vê.

> **HAMLET**

de William Shakespeare, Tradução Sophia de Mello Breyner Andresen, Encenação Luís Miguel Cintra, Cenário e figurinos Cristina Reis, Desenho de luz Cristina Reis, Luís Miguel Cintra e Rui Seabra com apoio de Guilherme Frazão, Voz e elocução Luís Madureira, com Alberto Quaresma, Bernardo Souto, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, Guilherme Gomes, Isac Graça, João Reixa, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Madureira, Luís Miguel Cintra, Marques d'Arede, Nidia Roque, Rita Cabaço, Sílvia Vieira, Teresa Gafeira e Tiago Matias. Coprodução Teatro da Cornucópia e Companhia de Teatro de Almada.

Teatro da Cornucópia, quarta às 19h, sexta e sábado às 20h, domingo às 16h. Até 18 de outubro. Teatro Municipal de Almada, quarta e quinta às 20h, sexta e sábado às 21h, domingo às 16h. De 23 de outubro a 15 de novembro.

DANÇA

Daniel Tércio

# Uma geometria do tempo veloz

¶ Rachid Ouramdane leva ao grande auditório do CCB, nos próximos dias 17 e 18 de Outubro, a peça *Tenir le temps*.

Dezasseis corpos em palco, dezasseis corpos que se evitam, se tocam, aceleram, saltam, caminham apenas, descarrilam, se articulam como peças de dominó. Dezasseis corpos que marcam linhas, vetores dinâmicos, que tropeçam sobre si e correm em círculos.

Este é um texto de antevisão - o que envolve inevitavelmente problemas acerca da (im)possibilidade de análise de algo a que ainda não se assistiu. Agora é já amanhã. Comento antes de assistir. Na verdade, *Tenir le temps* foi apresentado no festival Montpellier Danse em julho de 2015 e chega agora a Lisboa. Na impossibilidade de lá ter estado, escrevo sobre o

que será, a partir das palavras do criador.

Quem é Rachid Ouramdane? O coreógrafo de origem franco-argelina tornou-se conhecido nas criações a solo que tratavam questões relacionadas com a tortura, a guerra, o stress pós-traumático e a memória. Nas peças de grupo, como é o caso de *Tenir le temps*, a dimensão (que se adequa bem ao amplo palco do CCB) implica um outro modo de organizar o espaço e os intérpretes. Decorre daqui uma escrita coreográfica mais abstrata. Vejamos: o jogo está feito.

Dezasseis intérpretes em palco. E o jogo introduz uma coreografia sobre a urgência da saturação do mundo, sobre a velocidade do tempo que passa, uma velocidade em constante aceleração. A saturação do mundo? De certo modo,

ao escrever uma antevisão estou a saturar o tempo que passa com o tempo que vem. A partir do visionamento do teaser do espetáculo é possível entrever uma estrutura dramaturgica cuidadosa e uma organização de movimentos que se aproxima do minimalismo. Há ainda porventura (como é importante aqui este porventura) a velocidade da História como matéria de criação. Não propriamente a citação de criadores anteriores, mas sim a captura do testemunho anónimo. Diz Ouramdane: “As minhas peças anteriores, construídas em torno de acontecimentos históricos e políticos específicos, basearam-se frequentemente na recolha de testemunhos de pessoas que, de uma maneira ou de outra, se sentiram um dia esmagadas pela História.” Será ainda isto o que se passa em *Tenir le temps*?

Na escrita coreográfica agora adotada é finalmente possível identificar um processo construtivo que se repete nas peças de grandes grupos. Os corpos desenham linhas e trajetórias em palco, e na escrita dos gestos aprofundam-se os princípios de acumulação. Ora, quando aos gestos se somam novos gestos, em intermináveis réplicas seriais, a realidade pode atingir um ponto crítico. A colaboração com o compositor Jean-Baptiste Julien



Tenir le temps Coreografia de Rachid Ouramdane



**Dezasseis corpos que marcam linhas, vetores dinâmicos, que tropeçam sobre si e correm em círculos**

sublinha este processo acumulativo e o resultado é, nas palavras do coreógrafo, uma temporalidade de “precipitada”.

Estará assim o espetador perante uma geometria variável, porventura reveladora de um certo caos cénico. Uma geometria do tempo veloz.

Em reverse, seguindo a reflexão do coreógrafo, impõe-se a pergunta: nesta nossa velocíssima sociedade contemporânea, quem controla o quê? JL

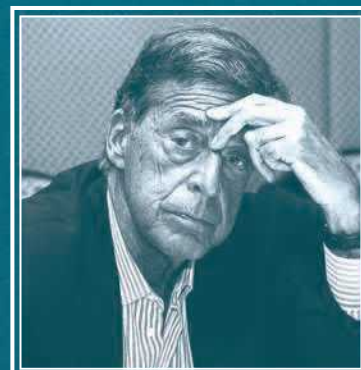


PRÉMIO  
 VASCO GRAÇA  
 MOURA  
 CIDADANIA  
 CULTURAL  
 • 2015 •



**Em homenagem à memória de Vasco Graça Moura, um dos mais notáveis e versáteis protagonistas da vida cultural portuguesa, a Estoril Sol, em parceria com a Babel Editora, institui um Prémio anual com o seu nome, consagrado à Cidadania Cultural.**

O Prémio Vasco Graça Moura visa distinguir um escritor, ensaísta, poeta, jornalista, tradutor ou produtor cultural que ao longo da carreira - ou através de uma intervenção inovadora e de excepcional importância -, haja contribuído para dignificar e projectar no espaço público o sector a que pertença. O Prémio, com o valor de 40 mil euros, será atribuído por um Júri, cuja base é comum ao dos Prémios Literários Fernando Namora e Revelação Agustina Bessa-Luís - ao qual presidiu Vasco Graça Moura - acrescentado pelos representantes da Babel Editora, parceira da iniciativa. As candidaturas deverão ser apresentadas e fundamentadas pelos membros do Júri e por personalidades ou entidades que o desejem fazer.



ESTORIL SOL





## JAZZ

## Refletidas reflexões



■ Nestes dias de voláteis "amizades" virais e virtuais, é duplamente rejubillante identificar uma amizade que exigiu quase três décadas até tornar pública a mágica singularidade do seu plural. Esse insuspeito "nós" gerado no trânsito entre o inefável anímico e a apurada consonância do assombroso piano do mestre Simon Nabatov com o escrupuloso contrabaixo de Mark Dresser - que já se haviam cruzado em formações de maior escala, mas nunca em duo - apresenta-se neste "Projections", tal como sugerido no título, como uma arrebatadora galeria de projeções em tempo real do mais audacioso e desafiante que há no núcleo dos códigos sensoriais que unem os dois instrumentistas. Dois músicos que tocam aquilo que são, mais do que "apenas" aquilo que tocam. A sua personalidade audível, a irreplicável deferência, a categórica confissão, a perene perscrutação, como um espelho das intenções mútuas, refletindo as reflexões da dupla num espaço e num tempo inequivocamente próprio. O escritor e realizador Jean Cocteau condensou de forma assaz definitiva esse gesto quando escreveu, para a sua obra prima "Le sang d'un poète" (1933), que "Les miroirs feraient bien de réfléchir un peu plus avant de renvoyer des images" ("Os espelhos fariam bem em refletir um pouco mais antes de devolver as imagens"). Verdade e consequência: isto é a verdade, realismo puro e duro, aconteceu exatamente assim (ao vivo no clube Loft, em Munique, no último dia de maio do ano passado), e no entanto tudo parece ser uma sua cândida consequência onírica, um inverosímil documento de insondável especulação e venustidade. Sem excessos de qualquer espécie, só inspiração e uma amizade que acredita radicalmente no utópico da arte sonora, acrescentando uma inusitada fraternidade a cada uma das iluminadas notas que aqui se abraçam.

> Simon Nabatov / Mark Dresser  
**PROJECTIONS**

Clean Feed, 2015

BRUNO BÉNARD-GUEDES

## Uma montra de Ninas

■ Uma homenagem, de iniciativa francesa, a Nina Simone. Parte portanto do país adotivo da cantora e pianista norte-americana que era uma permanente órfã espiritual; neste caso um exílio autoimposto e que durou até à sua morte, aos 70 anos em 2003. Todos os temas foram gravados em Paris, os músicos são também eles franceses, mas nas

## CLÁSSICA

## Uma visão privilegiada de Sibelius

■ A integral das Sinfonias de Jean Sibelius, pelo maestro Anthony Collins, com a Orquestra Sinfónica de Londres, constituiu, durante anos, uma espécie de paradigma da interpretação da obra sinfónica do compositor finlandês. Havia o início das primeiras sinfonias, o último andamento da 5.<sup>a</sup>, a magia das duas últimas, a 6.<sup>a</sup> e a 7.<sup>a</sup>, em particular, a "continuidade temática" da derradeira, e sempre a proximidade ao essencial, para que este ciclo fosse citado como exemplo, como escolha. Depois, as gravações de Collins foram dando lugar a outras versões, algumas não menos excelentes. Efetuadas na década de 1950, foram desaparecendo do mercado, tornando-se cada vez mais memória e deixando perder a possibilidade de comparação com versões mais recentes - e mais presentes -, com mais do que merecidos destaques, como as dirigidas por Herbert von Karajan, Lorin Maazel, Colin Davis, Vladimir Ashkenazy, Mariss Jansons, Simon Rattle ou mesmo Osmo Vänskä.

Até agora. Os 150 anos do nascimento do compositor resgatam não só as sete sinfonias, dirigidas pelo maestro britânico, mas também a abertura "Ka-

relia", "Phojola", "Night, ride and sunrise" e a suite "Pelleas et Melisande", dos LP originais. O "tesouro" mereceu uma edição especial em vinil e abre a caixa de 11 CD, recém-editada, dedicada ao compositor e às gravações históricas da sua obra.

Thomas Jensen e Erik Tuksen, com a Orquestra Sinfónica da Rádio Nacional Dinamarquesa, Hans Rosabud e a Filarmónica de Berlim, Pierre Monteaux, Alexander Gibson e Charles Mackerras, com a Sinfónica de Londres, Eduard van Beinum e a Orquestra do Real Concertgebouw, Bertil Bokstedt e a Orquestra da Ópera de Viena surgem à vez, em gravações originais, vindas das décadas de 1950 e 1960, que so-



> Jean Sibelius  
**GREAT PERFORMANCES**

11 CD Decca

brepõem leituras das peças mais emblemáticas do compositor: "Valse triste", "Tapiola", "En Saga", "O cisne de Tuonela", "Lemminkäinen" e "Karelia", a 5.<sup>a</sup> Sinfonia (e o seu derradeiro andamento, um dos exemplos mais evidentes da visão pessoal de Sibelius) e "Finlândia".

O Concerto para violino, op. 47, conta igualmente com duas leituras, por dois protagonistas da época: os violinistas Jan Dámen e Ruggiero Ricci. E o Quarteto op. 56, "Voces intimae", surge pelo histórico Quarteto Griller, de Sidney Griller, com origem nas salas de concerto da década de 1930. As canções, pelas sopranos Kirsten Flagstad e Birgit Nilsson são outros trunfos da edição.

A sequência permite perceber como a obra de Jean Sibelius constitui um corpo único, com vida própria, independente de expressões dominantes da época, traduzindo uma perspectiva muito pessoal da música, das preocupações do compositor e da sua própria pesquisa. A recuperação destas gravações reforça essa visão privilegiada sobre a obra de Sibelius - e sobre a orquestra -, como um só gesto, genial, inspirado e diverso em si mesmo.

JL MARIA AUGUSTA GONÇALVES



vozes (todos os 10 temas são cantados) o assunto é diferente. Há americanos, britânicos, uma suíça, sim três franceses, um nigeriano e até uma sul coreana. As músicas são compostas por Nina ou então a ela associadas pelo facto de a interpretação que fez delas ter marcado indelevelmente esse mesmo tema. Quanto ao álbum propriamente dito, assiste-se a uma generalizada "normalização". Ou seja, seria mais possível ouvir qualquer um destes temas na rádio do que os originais de Nina, mas isso é apenas uma questão de produção ou de apresentação, não propriamente de modernização espiritual das canções. Embora não haja comercialismo bacoco, a música neste disco está mais de acordo com a sonoridade contemporânea, como por exemplo quando se escolhe dar uma forte acentuação à presença dos ritmos e dos graves. Mas isto não é um problema em si mesmo. Dir-se-ia que isso é apenas um reflexo de o disco ser do século 21 e não dos anos '60. O problema é quando se sente que a alma de Nina está a ser plastificada. Por outro lado, há diversas vezes ao longo do disco - que nem é assim tão longo -

um sentimento de má sequenciação. Da faixa 7 para a 8 por exemplo, instala-se uma forte modorra graças à falta de ritmo de ambas as músicas, muito lentas e não particularmente inventivas. Já agora, estamos a falar da leitura monótona da cantora Melody Gardot de *Four women* (7) e de *Plain gold ring* (8) por Youn Sun Nah, que parece de início ter uma ideia boa para o tema, mas que rapidamente se revela repetitiva até à náusea. Também o famosíssimo *I put a spell on you* aparece no disco pela voz de Sophie Hunger, numa versão óbvia, que nada traz de novo, mas que acaba por ser comparativamente bem sucedida. No mesmo capítulo inscreve-se a interpretação do cantor Keziah Jones do espiritual negro Sinnerman, revelando dinamismo, mas demasiado colado à versão de Nina. O disco começa muito bem, com uma versão poética e surpreendentemente otimista de Baltimore pela cantora Lianne La Havas. Hindi Zahara praticamente derrete-se em *Just say I love him* e *Ben Loncle Soul* acerta na salvação de *Feeling Soul*. No entanto, a salvar o disco estão as duas músicas que reservámos para o fim: a tocante versão de *Lilac Wine* pela voz de Camille e o sempre magistral Gregory Porter, num *Black is the colour of my true love's hair* que conta com uma ajudinha de Melody

Gardot - a melhor música do álbum. Em suma, apesar destas duas ótimas músicas, o disco é mais uma montra de vozes do que propriamente uma série de inspiradas recriações. Fica a ideia da homenagem, que é sempre boa, mas ainda por cima numa artista tão inspirada e de gosto musical tão eclético como era Nina Simone, esperava-se uma criatividade mais esfuizante. Além de faltar espessura de conteúdo, a sensação é de que, afinal, havia outras formas de cantar Nina.

Vários

**ROUND NINA - A TRIBUTE TO NINA SIMONE**

2014 Verve / Universal, 53'

ANDRÉ PINTO

## POP

## Deliciosas monstruosidades

■ Quem a ouve cantar Retrato, dos Da Weasel, na coletânea *Voz e Guitarra*, fica com a noção de que Maria João é a rainha Midas do jazz em Portugal. E pouco importa o registo em que se insere, pois vulgarmente vislumbra com a sua voz e capacidade



interpretativa sem rival. Assim é neste projeto Ogre, que apresenta agora a sua segunda aventura,

uma banda de jazz rock experimental, em que tudo é permitido, num ambiente mais duro, em que as linhas melódicas são constantemente desconstruídas. A graciosidade do canto de Maria João, em todo a sua versatilidade jazzística, nos antípodas das cantoras de jazz da moda, encaixa na perfeição no registo destes músicos que fazem tudo menos recriar sons fáceis. Com letras da própria Maria João, há temas fabulosos como *Fiona*, *Arigato*, *Visceral* ou *Jerónimos Tooth*, em que a propósito de nada, a meio da canção, Maria João oferece-nos uma versão surpreendente de *Black Bird*, dos Beatles. Plástico é seguramente um dos melhores álbuns do ano.

> Ogre  
**PLÁSTICO**

Espuma Preta

## Pós-fado



■ É como um carro que, para se tornar mais original, vai sofrendo modificações ao longo dos tempos: tira a capota, tira o chassis, coloca a pedaleira. Até que, observando bem, já não se trata de um carro, mas sim de uma bicicleta. Mafalda Arnauth sempre revelou interesse por outras músicas, construindo um fado aberto e comunicativo, muitas vezes sorridente - contrariando o eterno destino da canção de Lisboa. Os seus álbuns foram aos poucos tornando-se obras conciliadoras de som, pouco se preocupando com os preceitos da tradição, ainda que de alguma forma o fado tenha estado presente. Até que, com a ousadia metamorfose que a caracteriza, acelerando um percurso expectável, lançou este álbum com o grupo AtlantiHda, o seu primeiro álbum pós-fado. Até a guitarra portuguesa desapareceu. O álbum é feito com guitarra clássica, viola braguesa, baixo acústico, violoncelo e bateria. As melodias são dos AtlantiHda, as letras de Possidónio Cachapa. O som está no largo espetro do pop acústico, lembrando vagamente Madredeus. Ultrapasse-se a estranheza, e é um álbum com uma certa irregularidade (tanto a nível melódico como lírico), em que parece faltar algum rasgo para o tornar mais apetecível. Todavia o disco merece ser ouvido, pela sua capacidade de contar histórias e a sua beleza formal (tanto da voz como dos instrumentos).

> Mafalda Arnauth & AtlantiHda  
**MAFALDA ARNAUTH & ATLANTIHDA**

Sony

# João Lobo Antunes

## O cérebro, o espírito e as palavras

O bisturi e a palavra, a escrita cirúrgica: o cirurgião do cérebro sempre na companhia da literatura. Melómano, esteta, pensador humanista, é um dos grandes nomes da medicina portuguesa, Prémio Pessoa 1996, Prémio da Universidade de Lisboa 2013. Jubilado da sua cátedra da Faculdade de Medicina, afastado há dois meses da cirurgia, por doença, revela ao JL que prepara agora as suas memórias – e lança uma coletânea de ensaios, prestes a chegar às livrarias, que configuram uma arte poética e ética: *Ouvir com Outros Olhos*. O JL entrevistou-o e Miguel Real escreve sobre a sua obra e o novo livro

Maria Leonor Nunes

Q

Que fez dele um cirurgião do cérebro? Para responder a essa pergunta, João Lobo Antunes, 71 anos, está a escrever as suas memórias, muitas histórias que recorda do seu passado de décadas de vida médica, com a “vertigem” de quem põe a escrita em dia. E em tudo o que escreve se adivinha, adianta, uma forte e persistente “compulsão biográfica”.

A literatura, de resto, acompanhou-o desde um tempo ainda anterior à Medicina, paralelamente ao estudo metódico, horas a fio, cadenciado pelas badaladas do sino da igreja de Benfica, bairro onde cresceu. E a par da sua prática clínica, escreveu sempre. Ensaios, que o “pudor” “nunca lhe permitiu a tentação da ficção”.

Agora reúne de novo em livro, *Ouvir com Outros Olhos*, um conjunto desses textos, escritos nos últimos anos, alguns inéditos, outros dispersos por várias publicações. Uma edição da Gradiva, do seu amigo Guilherme Valente, em que além da medicina e da literatura reflete sobre as humanidades, a universidade, a ética, o estado social e Portugal. Uma ‘bula’ do seu pensamento, em que avança algumas preocupações. A prescrição é pôr-nos a pensar olhando o mundo com todos os sentidos.

*Ouvir com Outros Olhos* culmina de alguma maneira o ciclo ensaístico iniciado com *Um Modo de Ser* (1996), a que se seguiram *Numa Cidade Feliz* (1999), *Memória de Nova Iorque* (2002), *Sobre a Mão e outros ensaios* (2005), *Inquietação Interminável* (2010) ou a *biografia de Egas Moniz* (também de 2010), o Nobel português da Medicina, entre



João Lobo Antunes “Há todo um processo a fazer de educação da sociedade portuguesa, para criar alguma literacia ética”

outras obras e centena e meia de artigos científicos.

Nascido em Lisboa em 1944, estudou no Liceu Camões, depois na Faculdade de Medicina de Lisboa e no início dos anos 70 demandou Nova Iorque, onde prosseguiu a sua formação em neurocirurgia. O cérebro e as ciências neurológicas são um ‘pergaminho’ familiar, já que o pai também era neurologista – e prof. de Medicina. E filho de peixe... Dois dos seus irmãos seguiram o mesmo ramo, o escritor António Lobo Antunes, psiquiatra, e Nuno Lobo Antunes, neurologista pediátrico, que também já se estreou no romance. A escrita parece ser outra ‘jóia’ de família.

Investigador e cirurgião, João Lobo Antunes regressou a Portugal em 1984, passada mais de uma década nos Estados Unidos, onde se especializou e lecionou na Univ.

de Colúmbia. Foi catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, diretor do serviço de Neurocirurgia do Hospital de Santa Maria – e atualmente preside ao Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV). Uma carreira brilhante, reconhecida e premiada no país e no estrangeiro, a que aliou a intervenção cívica e política. Foi mandatário nacional das candidaturas de Jorge Sampaio e Cavaco Silva à Presidência da República.

Uma vida cheia, uma “guerra vivida com leveza”. É o que diz ao JL, no seu “escritório-reduto”, às Janelas Verdes, o claro outono a entrar sala dentro, de vez em quando com ironia, outras disfarçando uma subtil comoção, sempre a cuidar das palavras. E, sob a mão, que opera e escreve, uma amável humanidade

“

“Quando opero, estou mais próximo do pintor, o bisturi mais perto do pincel do que da chave de fendas”

“Nunca me meti numa guerra que não achasse que tinha possibilidade de vencer. Fui sempre pragmático, apesar dos meus devaneios literários ou filosóficos”

**JL: Em *Ouvir com Outros Olhos* traça, de um modo lato, a sua ‘arte poética’?**

João Lobo Antunes: Assumi sempre a escrita como atividade paralela da minha vida clínica, da qual me retirei bruscamente há uns meses, por causa da doença. E ao longo de todos estes anos em que fui cirurgião do cérebro, recolhi muitas memórias, histórias. Certamente foi a esse manancial, a esse tesouro, que fui buscar muito material para o que escrevi. Aliás, há muitos escritores médicos distintos, quer na nossa língua, quer noutras.

**A proximidade do sofrimento, o conhecimento profundo da condição humana, propiciam a escrita?**

Por exemplo, o poeta William Carlos Williams e o fenomenal Tchekhov reconheceram que o que colheram da sua vida como médicos foi essencial para a obra que construíram.

**No seu caso, carregou a experiência e a escrita fundamentalmente para o ensaio. Porquê?**

Nunca consegui ultrapassar uma barreira, um certo pudor, que me impede de ser um contista, um romancista como Fernando Namora ou o meu irmão António [Lobo Antunes] e tantos outros.

**Que pudor foi esse?**

Qualitativamente, era para mim um salto que não tinha coragem de assumir. Este meu livro está semeado de evocações de pessoas e de episódios, mas acho que nunca seria capaz de escrever uma novela ou um conto.

**E nunca teve essa tentação?**

Não. Mas há no que escrevo uma “persistente compulsão biográfica”. Fui buscar essa expressão à admirável tese de doutoramento sobre Padre António Vieira de Margarida Vieira Mendes, que foi minha cunhada e morreu tão cedo [foi mulher de Miguel Lobo Antunes, mãe de José Maria Vieira Mendes]... Ela dizia justamente que na pregação de Vieira estava sempre presente essa compulsão. É curioso que mesmo quando escrevi sobre ética médica pura me foi apontado, quase como uma crítica, que personalizava muito o que dizia. De facto, a reflexão que fiz sobre temas éticos é a história das minhas inquietações. Ou seja, em que medida os diversos problemas e desafios que se punham à ética contemporânea me faziam vibrar, me interrogavam e deixavam perplexo. A coletânea que fiz dos meus escritos estéticos chama-se mesmo *Inquietação Interminável*. *Ouvir com Outros Olhos* tem também essa perspectiva biográfica. E depois de o ter concluído, lancei-me numa outra aventura.

**Qual?**

Quando cheguei aos 70 anos, perguntei precisamente a mim próprio o que iria fazer, agora que já não





## OS DIAS DA PROSA

Miguel Real

# Neo-humanismo

### BREVE INTRODUÇÃO

**L** De um ponto de vista global, o pensamento de João Lobo Antunes (JLA) pode ser definido como um neo-humanismo que intenta superar a dupla divisão cultural e civilizacional entre Ciências e Letras, legada do século XIX, sobretudo do Positivismo, e entre Tecnologia e Humanidades, legada do último quartel do século XX, combinando harmonicamente as ciências experimentais e as suas aplicações instrumentais (a tecnologia como utilização social da ciência) com a atualização dos valores do humanismo clássico. Este, entendido como valorização das grandes constantes civilizacionais desde a razão grega e o deus hebraico, criadores da Ciência, da Arte, da Religião, da Mística, da Filosofia, é hoje superado (e até negado e esvaziado) por uma onipotente Razão Tecnológica, quantitativa, operativa e instrumental que, segundo JLA, pode ser harmonizada com e deve ser impregnada pelos antigos valores – é o neo-humanismo, que respeita o passado mas recombina a história à luz da atualidade, não o separando do presente, estabelecendo uma continuidade temporal e uma consensualidade reflexiva que reconcilia as três dimensões do tempo.

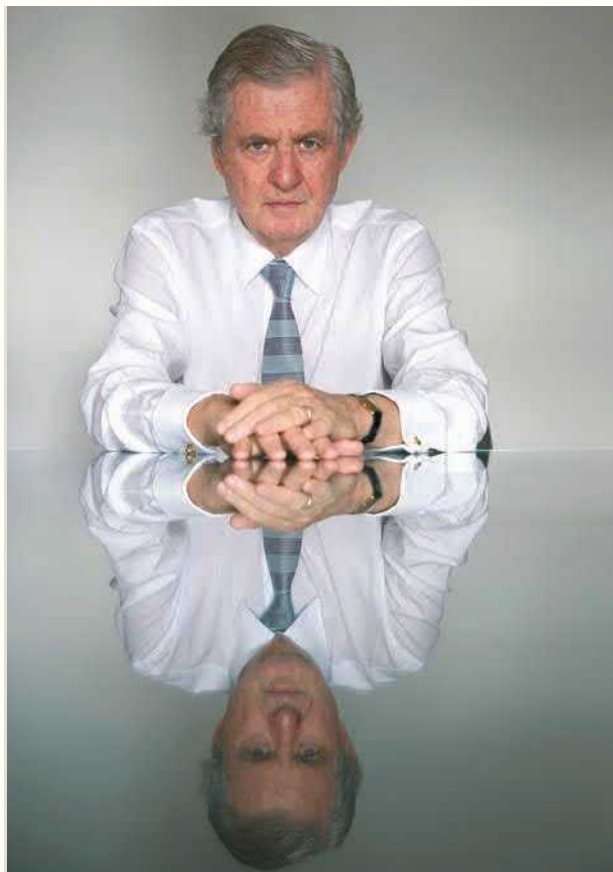
Aplicado à sua área de intervenção, o neo-humanismo consiste em harmonizar uma medicina de caráter experimental com as narrativas vinculadas às humanidades, sobretudo às questões essenciais da humanidade (sentido da vida, a morte, o mal, o sofrimento...), considerando o doente, não apenas como um organismo biológico, um corpo físico gerido por leis bioquímicas, mas também – e sobretudo – como uma pessoa existencial e moral.

De um ponto de vista sintético, o texto em que o autor melhor exprime o seu pensamento é, justamente, o artigo “Perspetivas na Medicina” (in AA. VV., *Século XXI. Perspetivas*, 2004). Nestas curtas páginas, JLA evidencia a existência de “uma nova cultura tecnológica”, emergente na passagem entre os séculos (p. 17), que, de certo modo, anula e supera as duas anteriores (Ciências e Letras), introduzindo a “gestão” (o complexo económico-financeiro) na Medicina, revolucionando esta, substituindo a designação clássica de “doente” por “cliente”, “utente” ou “consumidor”.

O combate de JLA (no sentido bíblico do combate dos “homens justos”), desde a publicação do seu primeiro ensaio, *Um Modo de Ser* (1996), consiste justamente em resgatar os valores humanísticos desde sempre presentes na Medicina, harmonizando-os com os valores científicos e, sobretudo, humanizando o aparato tecnológico enquadrador da nova visão do doente como um corpo desprovido de alma ou espírito. Neste sentido, ele é hoje o resultado vivo de uma tradição humanista que tem percorrido a medicina portuguesa nos dois últimos séculos, na qual se integra Egas Moniz, o Prémio Nobel de quem escreveu a biografia, em 2010.

Grande medo de Lobo Antunes, que o força a refletir e, de certo modo, se encontra no fundo dos seus ensaios: que “a medicina, empolgada pela ciência, seduzida pela tecnologia e atordoada pela burocracia [a “gestão” acima referida], apague a sua face humana e ignore a individualidade única de cada pessoa que sofre...” (*A Nova Medicina*, 2012, p. 10); uma medicina “que ignore a dimensão psicológica, espiritual e até religiosa (...) do sofrimento.” (p. 11).

Devido à sua originalidade e importância reflexiva, sublinhamos a definição do autor de Medicina como “epistemologia moral”, qualificação que é, em si e por si, um autêntico programa de reflexão sobre a teoria e a prática médicas e, de certo modo, se harmoniza com o conteúdo dos ensaios



João Lobo Antunes “Dois textos (sobre JCPires e ALA) que deviam constituir-se como exemplares para todos os cientistas e escritores”



## Ouvir com Outros Olhos de certo modo constitui a síntese e a cúpula do seu pensamento, uma verdadeira cartografia da sua vida e obra

insertos no seu primeiro livro *Um Modo de Ser* (1996). Por isso, não nos admiramos de, neste ensaio, depararmos com pequenos capítulos sobre o “Erro”, a “Alma”, a “Dor” ao lado de outros sobre Deontologia Médica. É “o modo de ser” de JLA pelo qual engravida o conhecimento científico de valores ético-morais, exigindo para cada médico que seja mais do que um mero técnico, seja também um cuidador, uma espécie de protetor compassivo (de compaixão) do doente e um tutor do sofrimento alheio, isto é, alguém que “ouça com outros olhos” (título do novo livro), um verdadeiro médico.

### 2. OUVIR COM OUTROS OLHOS

De certo modo, o seu novo livro, *Ouvir com Outros Olhos. Ensaio*, constitui a síntese e a cúpula do seu pensamento. Nada nele emerge de novidade teórica, mas tudo se torna mais transparente, até pela sua divisão nos seguintes capítulos: “Humanidades”, “Ética”, “Profissão”, “Arte Médica” “Livros”, “Amigos”, “Universidade”, “Portugal” – uma ver-

dadeira cartografia da sua vida e obra. A que talvez faltasse a “Família” para ser absolutamente completa.

Na luta por um novo humanismo, postula a aceitação da “narrativa” na Medicina (Rita Charon) como “contrapeso ao reducionismo da técnica” (p. 28), levando o médico a ser “emocionalmente tocado pelas histórias da doença” (p. 29), estabelecendo uma relação sensível entre ele, os serviços e o doente, vencendo o “positivismo” (p. 31) dominante e recuperando a “dignidade” daquele que foi infetado pelo “medo” da doença (pp. 40 – 41). Na doença, “medo e coragem conhecem-se, mas não se estimam” (p. 41), aquele como uma moléstia psíquica, esta “como a última arma que evita a dissolução do eu”.

No 3º capítulo, “Ética e Sociedade”, JLA recorda com clareza que “o Estado Social somos nós”, refazendo a sua história em Portugal e evidenciando que, a partir da década de 80, na Europa, a conceção estatista “começou a vacilar” (pp. 55 – 56). No campo médico, o Estado Social, assente na “solidariedade” e no “altruísmo” (p. 57), foi invadido, devido aos altos custos da ciência e da tecnologia, por uma “área de negócios cada vez mais atrativa e lucrativa” (p. 58), que força à criação de um “Estado social ajustado às novas circunstâncias”, “criando uma democracia saudável e competitiva” (p. 61).

No mesmo capítulo, disserta sobre “Ética e participação pública” e as suas diversas prática e interpretações, sublinhando, na p. 66, aspetos médicos da “ética do quotidiano”, uma “ética dos sentimentos em que cabem a decência, a amabilidade, a devoção, a fidelidade, a responsabilidade, a generosidade, a compaixão...”. Nas pp. 67/69 – importantíssimo –, enuncia as “questões éticas que mais o preocupam”, que constituem, ao fim e ao cabo, as que devem preocupar o todo da sociedade neste princípio do século, reenfatizadas através de conjunto de questões que devem animar a bioética “pública” na p. 72.

No capítulo relativo à “Profissão”, regista-se uma meditação sobre as relações entre cirurgia e interpretação de música clássica e uma reflexão relativa ao “Relatório sobre as Carreiras Médicas” de 1961. No capítulo seguinte, um dos mais interessantes do livro, uma ponderação sobre o “erro”, retomando, de certo modo, o artigo publicado em *Um Modo de Ser* sobre o mesmo tema. Na p. 107 descreve as várias possibilidades do erro, e, nas seguintes, relaciona-o com o “risco médico”, considerando ser “a abolição do risco uma utopia impossível” (p. 109).

Em “A Medicina e o transcendente”, o autor explicita a sua visão da espiritualidade (p. 115), distinguindo-a da “religiosidade”, e enumera as “três linhas principais” da abordagem entre a religião e a saúde. E dá dois exemplos pessoais (p. 121), alertando para a necessidade de se “estar atento a uma voz interior e responder sem hesitação ao seu comando”.

“Dois Livros” (de José Cardoso Pires e de António Lobo Antunes) e “Dois Amigos” (Fernando Gil e Henrique Bicha Castelo) constituem-se como das partes mais humanas deste livro e merece do leitor uma dupla leitura, a primeira informativa, apreciativa, a segunda reflexiva. Talvez se deva mesmo começar a leitura de *Ouvir com Outros Olhos* por estes textos em que o autor manifesta as suas qualidades de homem da cultura e de homem da ciência, sem faltar ao valor da amizade. Dois textos que deviam constituir-se como exemplares para todos os cientistas e escritores.

Em “O discurso que Bento XVI não chegou a pronunciar...”, JLA prolonga a sua busca de espiritualidade ao abrigo das palavras do Papa, enfatizando a necessidade de manter viva a “sensibilidade pela verdade” (p. 169). No texto seguinte, louva a capacidade de realização académica organizativa na “Fusão da Universidade Clássica e da Universidade Técnica”, sublinhando o seu papel.

Finalmente, o último capítulo, “Portugal”, dois curtos mas significativos textos. O segundo texto, poderia ser vir de introdução a um Programa de Governo de que o primeiro constituiria o conteúdo. Aqui se desenha um Portugal à medida de João Lobo Antunes, isto é, um país humanista, um país equilibrado em todas as dimensões da justiça.

Dotado de um estilo clássico, a sua escrita versátil, tecida de palavras abstratas, mas semanticamente transparentes, dirige-se a um leitor culto, de classe média, letrado mas não erudito, na sua maioria um leitor de formação científica, que não cultiva a frase sofisticada, antes privilegia a clareza e a compreensibilidade imediata como motores do conhecimento. JL

tinha que ir todas as manhãs para o Hospital de Santa Maria, coisa que me dava um enorme prazer. Decidi que ia entreter-me com a minha inteligência. Dito assim, isto pode parecer um pouco pretensioso, mas pensei que iria ser como um mineiro a escavar as recordações, uma exploração da mina da minha experiência, lembrando no fim da vida todas essas histórias e sobretudo divertindo-me. É isso que estou a fazer, a escrever as minhas memórias. A ideia é saber como me fiz cirurgião do cérebro.

**Centra-se nos anos iniciais da sua carreira?**

Desde a altura em que nasci, o meu ambiente familiar, toda a formação, a ida para Nova Iorque, até ao meu regresso a Portugal, para ser professor de neurocirurgia. Tem-me dado muito prazer escrever estas memórias. A ameaça de mortalidade de que a minha vida atravessa neste momento, que tenho encarado com relativo otimismo, faz com que esteja envolvido nessa tarefa quase como uma vertigem.

**Com urgência?**

Com medo de não conseguir chegar ao fim. Nessa memória, a biografia afirma-se com extraordinário vigor e imediata nudez. É a minha história, a visão que tenho de mim próprio e sobretudo procuro responder a essa pergunta que fui pondo a mim mesmo toda a vida: como me fiz assim, como é que a medicina me fez médico? É interessante como a profissão faz de nós aquilo que somos. E isso não se aprende nos bancos das escolas.

**ESTÉTICA CIRÚRGICA**

**E então o que fez de si um cirurgião do cérebro?**

Ah, para o saber tem que ler o livro, quando sair [risos]. Não há dúvida que teve importância o meu pai. De seis filhos rapazes, três foram para Medicina, três para a área das neurociências. Viviam-se o cérebro naquela casa. A certa altura, pensei ir para cardiologia, porque achava a mais matemática das especialidades, embora hoje seja muito diferente e interventiva. Por outro lado, desapontava-me a ineficácia, a impotência terapêutica da neurologia. Isto há 50 anos. O diagnóstico era elegante, mas havia pouca coisa a fazer para ajudar os doentes. O braço armado da neurologia era a neurocirurgia e foi o que fiz. E confesso que houve outra tentativa.

**Que foi...**

Desenhava com algum talento, modelava, esculpia, mas não era dotado de mãos habilidosas. Ainda hoje, se tento reparar um eletrodométrico, os movimentos são quase grotescos. Era portanto um enorme desafio ir para neurocirurgia e perguntava-me mesmo se seria capaz de usar as mãos para operar. Curiosamente, quando opero, do ponto de vista técnico e gestual, estou mais próximo do pintor, o bisturi mais perto do pincel do que

da chave de fendas. É claro que tive bons mestres, que me ensinaram a técnica e a estratégia, igualmente importante. A pouco e pouco, consegui dominar bem as duas mãos. São a guitarra e a viola. E comecei a ter um prazer quase sensual no ato da cirurgia e um conceito estético.

**Estético?**

Os movimentos têm que ser elegantes, diretos, leves como uma pluma.

**Parece referir-se a uma dança e não a uma cirurgia ao cérebro, que temos a ideia de ser qualquer coisa de muito violento e brutal.**

É evidente que conheci cirurgias brutais. Mas no Instituto Neurológico de Nova Iorque, onde me formei, era fundamental a ideia de que o cérebro é um órgão sagrado, onde se deve tocar com rigor e especial delicadeza. Havia o princípio de técnica cirúrgica, tentar tirar um tumor sem tocar no cérebro. Nem sempre é possível, mas é o desejável. Essa foi a doutrina que aprendi. Um dia um dos meus mestres, falando de cirurgias e de técnicas, disse-me que alguém era um cirurgião porco, porque acabava as operações com a bata suja de sangue, limpava as mãos nela. A partir daí, percebi que o ideal era sair da cirurgia com a bata imaculada, sem uma mancha...

**UM ÓRGÃO MONÓTONO**

**Depois de tantas cirurgias, continua a achar que o cérebro tem esse caráter sagrado?**

Tem que ser tomado como tal, até por ser tão distinto de todo o resto do nosso corpo. E, no entanto, quando o olhamos é tão indiferente no seu aspeto, tão monótono. Hoje em dia temos técnicas de neuronavegação que nos permitem olhar aquela massa indiferente e saber o que cada zona representa. Escrevi já um texto literário sobre o ato de operar com o doente acordado, o que se faz hoje cada vez com mais frequência.

**O que sobretudo lhe interessou nessa experiência?**

O diálogo que vamos mantendo com o doente, enquanto decorre a cirurgia. Ele vai falando connosco e através do que diz, vamos percebendo onde estão os terrenos proibidos e por onde podemos avançar. Foi assim, aliás, que a neurocirurgia começou. Num capítulo que já escrevi das memórias, reencontrei uma história fantástica de um dos meus mestres na América, um famoso cirurgião de um grande carisma que uma vez estava a operar, com anestesia local, e a doente perguntou se podia fumar um cigarro. Ele respondeu: "Go ahead, honey". Começou a ver-se sair fumo debaixo dos panos, enquanto continuava a operar, impassível... [risos]

**A palavra é, nessas cirurgias 'conversadas', o fio que mantém a vida?**

Sim, sim. Falo muitas vezes da importância da palavra, como acontece no fim de um dos tex-

tos de *Ouvir com Outros Olhos*. Pouco antes de morrer, o filósofo Fernando Gil disse-me que estava a escrever sobre as preposições. Até com palavras que nos parecem insignificantes, podemos construir uma filosofia, um poema. Sempre senti esse encanto da palavra. Quem não estudou pelos livros, nem sabe o que perdeu. E quem não aprecia as palavras também não.

**Quando escreve, cuida minuciosamente da linguagem?**

Até quando falo. Nunca fui capaz de usar frases mal construídas, quando conversava com um doente

cabeça, quase o podia reconstituir de cor. E já escrevi sobre isso.

**Está a escrever as memórias de raiz?**

Tenho partes antigas, mas também muitas novas, porque a concentração absoluta no passado em que vivo hoje, por causa da escrita, vai-me fazendo descobrir outras coisas. É como uma luzinha que está sempre a aparecer num cenário negro, vou ver o que me está a chamar e lá está mais uma narrativa. Preocupa-me um pouco se as pessoas vão entender estas memórias apenas como celebração de um triunfo, de um sucesso na vida.



A despedida da Faculdade... mantendo o gosto de ensinar

ou qualquer pessoa. É em mim natural esse apurar do discurso. A linguagem ensina-nos a pensar. Isso torna-se particularmente interessante quando as pessoas são bilingues, como é o meu caso. Uso o português e o inglês para funções diferentes. O inglês é mais prático, introduzi na sala de operações uma série de termos ingleses. E acontece em algumas situações com emoções mais fortes, por exemplo quando falo com as minhas filhas.

**E a Língua Portuguesa?**

É um conforto, é extremamente enriquecedora.

**AO SERVIÇO DAS PESSOAS Vem de longe o seu interesse pela literatura?**

É fundamental para mim. Mesmo o ensino da ética poderia fazer-se quase exclusivamente a partir de livros de ficção. Está lá tudo. A Morte de Ivan Iliitch, por exemplo, cobre tudo o que se pode dizer de pertinente em relação à morte. É extraordinário como Tolstoi conseguiu captar todas as nuances. Sentimo-lo particularmente quando passamos pela experiência de uma doença séria.

**Voltou a ler agora esse romance?**

Releio-o constantemente na minha

**Mas teve-o.**

Objetivamente, consegui-o. Mas talvez não percebam que foi graças a uma total dedicação ao trabalho e a um programa muito austero ao serviço das pessoas e das ideias. Por outro lado, vou escrevendo com uma vaga desconfiança em relação a quem serão os meus leitores.

**Em que sentido?**

Se isto que me interessa escrever, interessará a alguém ler. Pelo menos os meus netos um dia talvez tenham curiosidade de saber o que o avô fez. E ainda não arranjei um título. Se fosse em inglês, sabia.

**Qual seria?**

*The Making of a Brainsurgeon*. Aliás, já fiz uma conferência com esse título. Mas em português, não me parece feliz. Também não posso chamar-lhe De Benfca a Nova Iorque, que ainda se confunde com a biografia de algum futebolista do Benfca ... [risos]

**TESTEMUNHO DE DEVOÇÃO**

Cita diversas vezes Montaigne no seu livro, nomeadamente quando fala do métier e da arte de viver.

E julgo que numa das *Cartas a Lucílio*, Séneca diz "vivere militare est": a vida é uma guerra, uma luta.

**É isso que a sua vida tem sido? Uma guerra?**

Tenho refletido muito sobre o que foi a minha vida e diria que se houve guerra foi vivida com leveza. Perdi muitas batalhas, como médico e cirurgião. Mas ganhei mais do que perdi. Devo dizer que sempre com uma estratégia cautelosa. Nunca me meti numa guerra que não achasse que tinha possibilidade de vencer. Ou seja, fui sempre pragmático, apesar dos meus devaneios literários ou filosóficos. E tive muitas quando voltei a Portugal.

**Um momento de mudança?**

A minha vida teve duas grandes



**“A reflexão que fiz sobre temas éticos é a história das minhas inquietações: em que medida os diversos problemas e desafios me faziam vibrar, me interrogavam e deixavam perplexo”**

etapas, a primeira aquela que se concluiu com o meu regresso a Portugal, em que fui basicamente um clínico que fez investigação – muita, e acho que boa. Mas não estava então envolvido em qualquer forma de vida pública ou cultural organizada. Quando voltei, abriu-se uma nova etapa em que comecei a ter mais intervenção, depois de um período de análise da situação social.

**Certamente era diferente o país que encontrou?**

Muito diferente daquele que tinha deixado. Dez anos depois do 25 de Abril, havia um jogo e regras completamente diversas. Por isso, tive esse tempo de observação, que fiz com imensa ternura em relação ao meu país.

**Foi essa ternura que o levou a voltar?**

Sim. De resto, os dois últimos textos de *Ouvir com Outros Olhos* são dedicados a Portugal. Muito simples e despreziosos, mas que quis deixar como testemunho de devoção à minha terra. E também por isso comecei a intervir, na escola, em várias organizações, assumi uma série de incumbências.

**E foi mandatário da candidatura de dois Presidentes da República.**

Tive uma presença política e pública, mantendo-me sempre independente, porque nunca me filiei em nenhum partido. Também uma intervenção importante na minha universidade.

**A universidade é um dos temas de Ouvir com Outros Olhos.**



Este livro é provavelmente a minha última coletânea e representa o que fui escrevendo nos últimos anos, muito heterogêneo por natureza. Quis manter essa heterogeneidade, agrupando os ensaios em pares. Num deles, conto a história da fusão das duas grandes universidades, na Universidade de Lisboa, em que participei. É um exemplo importante neste momento.

#### Porquê?

Porque é agora necessário fundir boas vontades e encontrar compromissos, consensos, o que foi possível entre duas universidades tão distintas. Este livro também dá um pouco testemunho do que pode ser feito, usando uma análise crítica, independente, mas orientada para o que deve ser o interesse público, dos cidadãos, do país.

#### Outro dos ensaios é sobre o Estado Social, que está na ordem do dia.

O que chamo a atenção é para o facto de o Estado Social não ser nada de abstrato, mas muito concreto: o Estado Social somos nós todos, independentemente do que fazemos, do nosso estatuto e da nossa situação económica ou financeira. Por isso é de uma responsabilidade fundamental preservá-lo, mas também perceber em que direção se pode orientar, tendo em conta a modernidade e as complexidades atuais.

#### JUSTIÇA E COMPAIXÃO

Numa palavra, **Justiça, resume, num dos ensaios, o que deseja para Portugal. É o que mais nos falta?**

A ideia de Justiça não pode ficar refém das ideologias. Tem que ser aplicada, vivida como uma condição de liberdade. O que fundamentalmente me preocupa são as questões da equidade, do acesso, e da reflexão que é preciso fazer e que as pessoas tendem a ignorar, porque não lhes convém olhar de frente os problemas. Refiro-me, por exemplo, ao facto de os recursos serem finitos e as despesas com os tratamentos e as tecnologias crescentes, em espiral. Atualmente mesmo com contornos abjetos. Alguns laboratórios compram patentes e isso dá-lhes a liberdade de tornar determinados medicamentos quase inacessíveis. Neste momento, estou a receber um tratamento que se tem revelado de uma enorme eficácia, mas vai custar uns milhares de euros. Haverá uma altura em que será necessário escolhermos se uns meses a mais de vida, com um custo incomportável, se justificam.

#### Não será uma reflexão pacífica...

Do ponto de vista ético, há muitas causas fraturantes, em que toda a gente acha que sabe e tem uma opinião segura e fundamentada, quando a maior parte das vezes é ignorante. A eutanásia, só para dar um exemplo. As pessoas não sabem nada o que representa, sobretudo na mudança quase radical no paradigma da prática médica e do entendimento da função do médico.

É preciso chamar a sociedade a refletir e discutir todas estas questões. A decisão não pode ser entregue apenas a um grupo, seja ele qual for, de políticos, de governantes, da indústria ou da academia. Tem que ser um compromisso nacional. Há todo um processo a fazer de educação da sociedade portuguesa, para criar alguma literacia ética nestas matérias delicadas. Mas não, as pessoas apenas se vão distraíndo, com alguma culpa dos media, quando há extraordinários desafios. Com que olhos vemos, por exemplo, as imagens televisivas daqueles barcos tão frágeis, carregados de pessoas como nós, que fogem da guerra, da fome? Talvez com uma compaixão, mas passiva. A minha preocupação moral vai nesse sentido e é sobre isso que tenho falado muito.

#### Em relação à sua prática clínica, fala de uma “medicina narrativa” e justamente de “compaixão”.

Os filósofos que me perdoem, mas criei esse termo, “compaixão ontológica”. Isto é, a compaixão

do Hospital de Santa Maria] até diz que olho muito [sorriso]... Lembro-me sempre de uma altura em que Sydney Brenner, uma das maiores figuras da biologia molecular, Prémio Nobel, muito ligado a Portugal, esteve em Lisboa e eu levei-o a um restaurante no Guincho com uma vista espantosa. Achei que o devia pôr num lugar em que ele olhasse para a paisagem. Ele disse-me que mar tinha ele na Califórnia e que preferia virar-se ao contrário para ver as pessoas, o povo do país que estava a visitar. Nesse olhar, mesmo em consulta, está implícito o escritor, o narrador, mesmo que não ponha nada por escrito. Mas fica guardado.

#### REENCARNAR LITERATO

Neste livro escreve também sobre um par de amigos.

O grande filósofo Fernando Gil e um colega cirurgião, excelente, Henrique Bicha Castelo... Aproveito mesmo para dissertar sobre se dois cirurgiões podem ser amigos, ou

nha vida e partiu cedo de mais. Quando ele adoeceu, tínhamos combinado ir passar uns dias aos Alpes. As nossas mulheres iriam esquiar e nós certamente ficaríamos a conversar na cabana, se calhar a beber um conhaque...

#### E de que conversavam o filósofo e o cirurgião do cérebro?

De tudo e de nada. Fernando Gil era um homem de uma cultura extraordinária e costumava dizer que eu tinha algo que ele não tinha: o conhecimento das vidas. Esse era o ponto de equilíbrio. Falávamos de Filosofia, de projetos, do que fazíamos, de livros. E muitas das nossas conversas eram silenciosas.

Sobre dois livros, *De Profundis, Valsa Lenta*, de José Cardoso Pires, e *Sóbolos Rios Que Vão*, de António Lobo Antunes, escreve dois ensaios. Diria antes que são dois comentários, que, de resto, escrevi para o JL.

#### Foi um interveniente ativo no livro de Cardoso Pires, já que ele



“O Estado Social somos nós todos, independentemente do que fazemos, do nosso estatuto e da nossa situação económica ou financeira. Por isso é de uma responsabilidade fundamental preservá-lo, mas também perceber em que direção se pode orientar, tendo em conta a modernidade e as complexidades atuais”

“Há todo um processo a fazer de educação da sociedade portuguesa, para criar alguma literacia ética”

#### o escreveu depois de ter tido um AVC e de ter sido tratado por si no Hospital de Santa Maria.

Tive nisso um papel menor. O maior foi mesmo fazer com que ele escrevesse e publicasse. Incentivei-o imenso. O meu ensaio é um pouco a nossa história: Zé, eu e o livro. Tivemos um grande contacto ao longo dos anos e guardo de Cardoso Pires algumas notas fantásticas. O outro comentário é sobre o romance do meu irmão António e foi a única vez que escrevi sobre a sua literatura.

Uma obra em que ele aborda a sua experiência como doente, depois de ter sido operado a um cancro, de que felizmente recuperou muito bem.

#### Gosta de fazer crítica literária?

Sempre tive a tentação de escrever sobre literatura. Se tivesse outra vida, queria tirar um curso, reencarnar como um literato, mas desde que guardasse a experiência colhida como cirurgião na vida anterior.

#### Imagino que já voltou a pôr o despertador para muito cedo, o que estranhou não ter que fazer, quando se jubilou...

Mantive de facto uma série de atividades e aparecem-me dúzias de convites para falar aqui e ali, integrar comissões disto e daquilo. Conservei também o Conselho Nacional de Ética, do qual sou agora presidente, só o destino sabe até quando. Também um trabalho mais técnico que me pareceu importante: tentar definir os centros de referência nas várias áreas da saúde. E tenho ainda outro projeto.

#### Literário?

Sempre vivi para resolver problemas, de outros. A minha intervenção cívica e pública tinha esse sentido pragmático. Quando adoecei, a minha filha mais velha, Margarida [Maria João, Paula e Madalena, são as outras três filhas], também médica pediatra, começou a enviar-me um poema todos os dias, em língua inglesa, à volta da variedade do amor. Tenho-me entretido a traduzi-los.

#### São dos seus poetas preferidos?

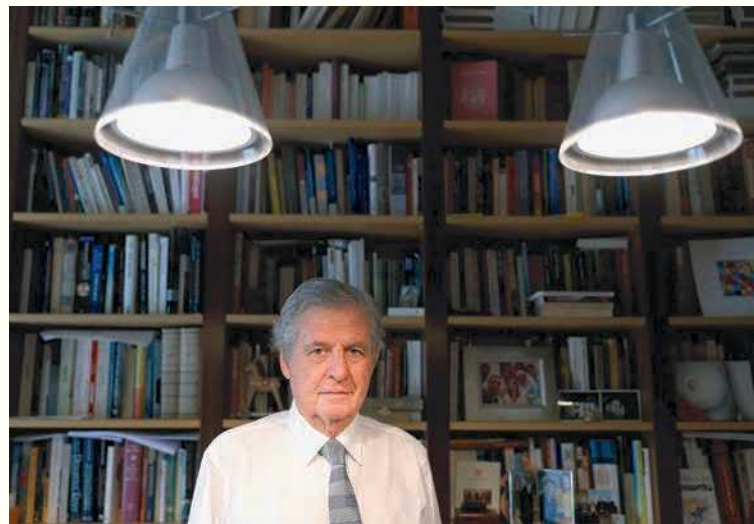
Alguns da admirável Szymborska, que conheci na tradução francesa. Mas também de Robert Frost, E. E. Cummings e outros.

#### E está a gostar de os traduzir?

É um exercício de uma dificuldade fascinante. O meu projeto é fazer uma seleção e publicá-los, um livro chamado *50 Poemas para o Meu Pai*. Evidentemente, há poesia portuguesa muito boa e sólida, mas talvez fosse interessante. É com tudo isto que me vou entretendo. A solidão pode ter uma robustez criadora, *ser um refúgio*.

#### Essencial para si?

Toda a vida. Aprecio muito o convívio, mas tive sempre aquilo a que Montaigne chamava uma sala no fundo da casa que nós somos. Tem diversas divisões, mas há uma que fechamos à chave e só deixamos entrar muito poucos. Aproxima-se muito do núcleo personalista, daquilo que é a nossa única pertença, aquilo que é verdadeiramente nosso. É isso que em parte também transparece em Ouvir com Outros Olhos. E tenho muito mais papéis por organizar. Estou ativo. Porque não posso, nem devo deitar fora uma experiência de tantos anos. **JL**



JLA “Tem-me dado muito prazer escrever estas memórias. A ameaça de mortalidade que a minha vida atravessa, faz com que esteja envolvido nessa tarefa quase como uma vertigem”

que emerge da raiz do ser que nós somos. Fui apurando-a com a idade: um aperfeiçoar do olhar, do ouvir Foi uma surpresa, porque achava que o tempo me ia tornar empedernido.

#### Esse é o lugar-comum, do médico, frio, que ganha uma carapaça de indiferença.

Foi um consolo perceber que não era assim. Quando comecei a ter mais tempo para estar com cada um que me procurava, criei quase um prazer, como aquele que temos quando ficamos sentados à mesa, com os amigos, depois do jantar, do café. A consulta tornou-se uma conversa em que tentava ouvir, perceber melhor quem estava à minha frente.

#### Um olhar humanista?

Gosto de olhar para as pessoas. A minha mulher [Maria do Céu Machado, pediatra, diretora

como se sustenta a amizade em oficiais do mesmo ofício.

#### E não podem? É grande a rivalidade?

Os cirurgiões têm algumas características psicológicas muito particulares, pensam que estão munidos de poderes demiúrgicos e são altamente independentes. Mas vigiam-se uns aos outros e está latente um espírito de competição, de rivalidade. É muito difícil ser-lhe imune.

#### Diz que o filósofo Fernando Gil foi uma referência fundamental, que conheceu tarde de mais. Porquê?

É uma referência intelectual, cultural muito importante para mim, que cito frequentemente. Uma outra é George Steiner, cuja obra conheço profundamente. De alguma maneira, foram os meus maitres à pensar, pessoas que me ensinaram a pensar. O Fernando chegou realmente tarde à mi-





ECOLOGIA

VIRIATO SOROMENHO MARQUES

# O bezerro de ouro

O caso do escândalo da Volkswagen (VW) veio para ficar. Trata-se de uma síntese dramática do mundo em que vivemos, nas suas piores facetas e pelas piores razões. As consequências económicas vão atingir o coração da economia germânica com força. Podemos até imaginar que poderá ser positivo ver em 2016 o governo de Berlim a

dizer que afinal de contas as regras do Tratado Orçamental são muito estritas para acomodar as perdas que o país vai sofrer com as indemnizações e a perda de mercados... Mas chegará a todo o lado onde a VW tem presença, incluindo a Portugal e a uma empresa que em muitos aspectos pode ser considerada modelo, a Autoeuropa.

É interessante ver os argumentos legalistas a tentarem colocar o assunto de lado. Como os óxidos de azoto

(NOx) não são tributados (ao contrário do CO2), Portugal não irá processar a VW por fraude fiscal. E a saúde pública? Os anos de vida perdidos por doentes pulmonares, e outros, são judicialmente irrelevantes?

O mais impressionante, porém, consiste em saber como foi possível gestores e técnicos de uma companhia global, representante de um país com uma imagem mítica de rigor na ética do trabalho, ter-se comportado como os fabricantes de vinho a martelo no Portugal dos carros de bois. Isso só se explica por três ordens de razões:

1) Quem hoje manda no mundo não tem memória, e considera a ética um fator de perturbação do bom funcionamento do mercado.

Para essa gente, a mentira e o ardil são justificadas desde que aumentem os lucros dos acionistas;

2) Tais criaturas, pagas a peso de ouro, como era o caso do senhor Martin Winterkorn, não acreditam em Deus nem se preocupam com o futuro (já todos compraram o buraco luxuoso onde vão passar os seus derradeiros dias). O que interessa é faturar;

3) Estes senhores não temem a condenação da sua alma, porque

duvidam da sua existência (e a asserção é correta, pertencem à categoria dos desalmados...), e desprezam a justiça humana. Têm razão para isso. Estão habituados a comprar as leis e a ter os governos nos bolsos.

O escândalo da VW mostra o completo fracasso do Estado regulador de recorte ordoliberal. Se aconteceu na Alemanha, se as “autoridades europeias” não viram nada, então pode acontecer em qualquer parte e sobre qualquer assunto. O cidadão vive hoje desprotegido e vulnerável, mergulhado numa bolha de falsa segurança. Valha-nos o que ainda vai funcionando no sistema federal dos EUA...

O Estado no que diz respeito aos direitos fundamentais foi capturado pelos adoradores do bezerro de ouro. O Estado, entendido como protetor neutral dos cidadãos, sempre foi um ideal a atingir. Hoje, contudo, é cada vez mais uma mentira. ■



**Quem hoje manda no mundo não tem memória, e considera a ética um fator de perturbação do bom funcionamento do mercado**



CRÓNICA

Jacinto Rêgo de Almeida

# A corrupção na Europa

■ No ano passado, a Comissão Europeia divulgou o seu primeiro relatório oficial sobre a corrupção na União Europeia. Os valores foram considerados “assombrosos” pelo comissário responsável pela investigação: a estimativa mais otimista (os valores são sempre difíceis de precisar nas investigações a este respeito) relativamente aos estados-membros atinge 120 mil milhões de euros por ano. A Comissão Europeia não foi objeto de estudo e investigação.

(Estava em Potsdam, a conhecida cidade histórica nos arredores de Berlim, o guia mostrava a sala do Palácio Cecilienhof onde, após a II Guerra Mundial, se reuniram Churchill, Stalin e Harry Truman para decidirem o destino da Europa, depois chegaram às antigas instalações da KGB no tempo da guerra fria onde Putin serviu como jovem agente da polícia política. A dado momento, encontrei um velho conhecido, o senhor X., reformado da Comissão Europeia, “eu também estou de regresso a Berlim e dou-lhe boleia”, disse ele. O seu carro de dois lugares é um assombro, “faz dos zero aos cem quilómetros por hora em quatro segundos e um décimo”, e disse também que tornara-se consultor de empresas privadas “que farejam facilidades para investirem no nosso espaço económico”. “Nosso?”, sussurrei. “Você ainda fuma?”, “Fumo, fumo”, respondi. “Eu deixei de fumar”, mas retirou o isqueiro do carro revestido de madreperla para me mostrar. E pensei que o isqueiro do carro do senhor X. valia mais do que o meu velho automóvel. E ri-me. “Está-se a rir de quê? O carro é ótimo, não é?”, perguntou-me.) Adiante.

“A Europa está doente”, afirmou o historiador inglês Perry Anderson que refere ainda a “degeneração da democracia em todo o continente, da qual a estrutura da União Europeia é ao mesmo tempo causa e consequência”. Como é que este processo começou? Como é que se chegou a este nível de degradação da democracia?

Tudo começou com a difusão da corrupção pela classe política. A necessidade de dinheiro de fontes obscuras para campanhas eleitorais em troca de favores futuros, ou seja a corrupção pré-eleitoral, depois a obtenção de dinheiro ilegal em contratos firmados por governantes eleitos ou nomeados, o roubo de fundos públicos, a compra de votos de parlamentares, enfim a corrupção pós-eleitoral. Exemplos relativos a dois dos políticos mais poderosos da Europa na sua época: caixa dois de campanha acumulado por Helmut Kohl no valor de dois milhões de marcos, em que foi ocultado o nome dos doadores; e o ex-presidente de França Jacques Chirac condenado por desvio de dinheiro público e abuso de poder depois da perda da imunidade. Ambos não punidos penalmente.

Outros exemplos: o empréstimo de mil milhões de euros concedidos pelo governo Gerhard Schroder à companhia Gazprom para a construção de um oleoduto poucas semanas antes do chanceler alemão deixar o cargo e ser admitido como alto executivo da empresa russa; a renúncia de dois sucessivos presidentes da República da Alemanha, Horst Kohler e Christian Wulff, o primeiro por declarar que o contingente militar alemão no Afeganistão servia para a proteção de interesses económicos no país asiático e o segundo por recebimento de um “empréstimo” duvidoso por parte de uma empresa “amiga”; também antigos importantes ministros do governo Merkel renunciaram aos cargos por acusação de “furto intelectual” nas suas provas de doutoramento; as acusações ao antigo presidente francês Nicolas Sarkozy pelo recebimento de 50 milhões de euros destinados à sua campanha eleitoral por parte do falecido presidente Muammar Kadhafi da Líbia.

“Tenha à mão comprimidos para dormir. Isto vai passar. Seja forte”, aconselhou Tony Blair a Rebekah Brooks, antiga braço direito de Rupert Murdoch (o

magnata da imprensa e dono do News of World) ao recomendar-lhe uma “investigação independente” sobre as acusações de conspiração criminosa, tal como ele tinha feito para ilibar o seu governo de participação na morte de David Kelly (cientista britânico inspetor da ONU no Iraque, que questionou as razões alegadas para a invasão do país). Akis Tsochatzopoulos, antigo ministro grego da Defesa, do Interior e do Desenvolvimento, devido a uma longa carreira de extorsões e lavagem de dinheiro, teve o azar de ter sido condenado a 20 anos de prisão. Luis Barcenas, tesoureiro do Partido Popular de Espanha, do atual primeiro-ministro Mariano Rajoy, também teve o azar de ter sido preso pelas contas não declaradas na Suíça no valor de 48 milhões de euros...

Silvio Berlusconi é um caso à parte. E a Itália também. O país sofre de uma estagnação ininterrupta, tem uma dívida pública de 130% do PIB, mas é um dos seis membros fundadores da Comunidade Europeia, a sua base industrial é a maior do continente excetuando a da Alemanha, os seus títulos do tesouro constituem o terceiro maior mercado de títulos soberanos e tem uma população comparável à da Grã-Bretanha. Pois bem, Berlusconi possuía elevada fortuna antes de chegar à chefia do governo italiano. No poder, dedicou-se a proteger essa fortuna das ações judiciais sobre a forma como a obteve e também a ampliá-la. Il Cavaliere, para se distrair, organizava orgias com mulheres vestidas de enfermeira, polícia e freira na sua vila palaciana em Arcore, nos arredores de Milão, uma delas marroquina com menos de 18 anos, o que enfraqueceu a sua imagem de “estadista” com vitórias eleitorais sucessivas. A péssima imagem que se tinha da sua ação política (e não só) no estrangeiro pouco lhe importava. Finalmente caiu em desgraça e creio que ainda faz trabalho comunitário para se livrar das decisões judiciais a que foi condenado.

O Vaticano também é um caso à parte porque não é a questão política que serve de motor à corrupção. O seu Banco, com menos de 20 mil clientes bastante selecionados, é conhecido pela lavagem de dinheiro e as suas 220 mil paróquias e avultados patrimónios imobiliários espalhadas por todo o mundo têm administrações pouco transparentes. Isto apesar dos esforços do Papa Francisco e da sua palavra de ordem: “pecadores sim, corruptos não”. O que quer dizer que a corrupção não tem perdão nem lugar na Igreja.

A Europa está doente como estamos cansados de saber pelas notícias que nos assaltam todos os dias, a nós portugueses, também sobre a realidade do nosso país. ■



## A Economia vai melhorar?



Gerard Lyons, um economista inglês de 55 anos, influente comentador regular dos canais televisivos Sky News e Bloomberg, é um convicto defensor do modelo económico dominante e um otimista, para quem “todos iremos beneficiar com a nova ordem mundial” (qual?). Assim, a partir da gravíssima crise económica de 2008, mais do que condenar o que esteve na sua base, neste seu livro, *O Consolo da Economia*, sustenta que depois dela já muita coisa melhorou, nomeadamente para voltar a impedir algo de semelhante, e traça previsões cor de rosa que os editores sintetizam assim: a) nos próximos 20 anos a economia mundial terá um dos seus períodos de maior crescimento; b) a inovação e o progresso tecnológico aumentarão as oportunidades; c) o rendimento e os níveis educativos melhorarão; d) a percentagem do Ocidente no “bolo” da economia mundial poderá diminuir, mas o “bolo” em si aumentará.

> Gerard Lyons

### O CONSOLO DA ECONOMIA

tradução de Artur Lopes Cardoso, *Temas e Debates/* Círculo de Leitores, 494 pp., 12,99 euros

## Catarina Eufémia



Catarina Eufémia, a camponesa alentejana assassinada a tiro, com uma arma encostada ao peito, e tendo um filho de poucos meses nos braços, por uma tenente da GNR, a 19 de maio de 1954, quando lutava por um salário digno, transformou-se num verdadeiro mito e símbolo de resistência ao fascismo – basta ouvir a cantiga de José Afonso e os poemas de Sophia e Eugénio de Andrade, para só falar dos “maiores”, que lhe são dedicados. Assim, na capa deste *O assassino de Catarina Eufémia*, lê-se: “A morte de uma heroína. A luta de um povo contra a ditadura”. O autor do livro é o jornalista Pedro Prostes da Fonseca e nele se conta quem era Catarina e a história do crime do tenente Carrajola e do processo-crime em que foi réu num Tribunal Militar – o qual, às ordens da ditadura salazarista, contra a evidência das provas o absolvia até do simples crime de “homicídio por negligência” de que vinha acusado.

A obra revela factos e documentos até agora desconhecidos, incluindo daquele mesmo processo, que tinha “desaparecido”, e do qual nele se reproduzem a sentença e outras peças, assim como o relatório da autópsia. Esclarecedor, objetivo, “não uma obra apaixonada que pretenda impor um ponto de vista”, até por isso se torna mais “eficaz”, como sublinha no prefácio o advogado Ricardo Sá Fernandes.

> Pedro Prostes da Fonseca

### O ASSASSINO DE CATARINA EUFÉMIA

Matéria-Prima, 216 pp., 15,80 euros



## A PAIXÃO DAS IDEIAS

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

# Jordi Savall – memória viva...

A atribuição do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural a Jordi Savall (JS) constitui o reconhecimento de um trabalho intenso e admirável de uma personalidade de notável, de um artista e de um cidadão que, no âmbito da música, tem sabido ilustrar e desenvolver um conceito dinâmico de defesa e preservação da herança e da memória históricas como realidades vivas, nas quais o passado é enriquecido no presente para poder projetar-se no futuro como mais-valia. Falar de património cultural é isto mesmo: ter consciência de que a memória viva do que recebemos da História exige o respeito pela responsabilidade que nos levará a fazer da criatividade e da inovação o enriquecimento necessário do que recebemos e legamos a quem nos sucede.

Se na atribuição dos prémios da Europa Nostra e do Centro Nacional de Cultura, em anos anteriores, Claudio Magris e Ohran Pamuk representaram, no domínio da literatura, a demonstração de como a memória obriga a tornar ativo, pela narrativa, o diálogo entre o código genético que recebemos, como acervo multifacetado, e a capacidade de sermos nós próprios, enriquecendo o que recebemos, JS completa essa mensagem, ligando a arte à síntese fecunda que resulta do diálogo entre culturas e gerações.

Savall conta-nos como, nos já distantes anos 60, descobriu a magia e a força do *Requiem*, de Mozart, na Escola de Música de Barcelona. Como o Danúbio e Istambul, dos anteriores premiados, é a música antiga, agora, que dá sentido libertador à cultura. «Era inverno, chovia, fazia frio, eu tinha uma pequena gabardina, um cigarrito, e estava bêbedo de alegria. Disse então 'Vou economizar para comprar um violoncelo'». Depois nunca mais parou, encontrou-se, em 1965, com Montserrat Figueras, violoncelista como ele, no Conservatório de Barcelona, com quem casa três anos mais tarde, depois de ela o ter integrado no Ensemble Barroco Catalão, «Ars Musicae», onde tocava o próprio pai de Figueras.

Nascido em Igualada, na Catalunha, a 1 de agosto de 1941, filho de um republicano, empregado numa pequena fábrica industrial, Jordi beneficiou do contacto precoce com a melhor música religiosa na escola católica que frequentou. Mas o essencial da obra deste espiritualista laico passou pela sensibilidade única, que cedo começou a cultivar, para descobrir na música antiga motivos fantásticos de beleza e de humanidade. Lembremo-nos do belo filme, premiadíssimo, de Alain Corneau, *Tous les matins du monde*, segundo o romance de Paul Quignard, marcado pela música que JS concebeu e interpretou, em que a viola de gamba, caída em desuso no século XVIII, renasce em todo o seu esplendor, com nostálgica sensualidade, e surpresa de todos.

Como tem sido referido, JS fez renascer a memória barroca com tal força, que quase nos esquecemos de que o seu primeiro disco foi de 1975, depois de um denodado trabalho de estudo, aprendizagem e ensino na Academia de Música Antiga de Basileia. O conjunto Hespèrion XX e XXI, como La Capella Reial de Catalunya e Le Concert des Nations têm uma marca muito forte de JS e de sua mulher, Montserrat. E a lógica da partilha de talentos e de uma incansável investigação está bem presente. «Gostaria que os meus músicos continuassem para além de mim. Aprenderam a fazer um som e isso pode sobreviver».

Fazer viver um som, usufruir sons ou êxtases, eis o que entusiasma

o mestre, fascinado pela ideia de tornar o património herdado uma realidade que permanentemente se recria numa espécie de «improvisação nómada». Que faziam os velhos «aedos» na Antiga Grécia, senão cantar as epopeias, refazendo-as permanentemente, até a uma cuidadosa maturação? A *Iliada* e a *Odisseia* assim começaram. As *Vésperas da Beata Virgem*, de Monteverdi, demoraram dois anos para ser gravadas por Jordi Savall, e foram-no numa noite: «trata-se do espírito de duende. São experiências que não se fazem às quatro da tarde, entre duas pausas sindicais». O mesmo aconteceu com a sinfonia Heróica, de Beethoven, cuja invocação fúnebre foi gravada ao raiar da aurora, pois de outro modo não poderia sentir-se adequadamente a dimensão trágica.

Jordi Savall cultivava várias épocas e diferentes culturas, desde a Idade Média a Beethoven, envolvendo influências orientais e ocidentais, do norte e do sul, do Atlântico e do Mediterrâneo... «A Catalunha tem

nos seus genes uma convivência cultural, espiritual e humana entre os mundos árabe, judeu e cristão. Tocar estas músicas populares ou eruditas, foi sempre para mim uma atitude natural». Mas que significa esta «naturalidade»? Um esforço muito exigente e rigoroso de investigação, de estudo e de busca incessante das raízes. Daí a noção novíssima de património, como realidade que se atualiza e renova, que se enriquece e desenvolve, permanentemente!

Não por acaso, JS invoca figuras históricas, como D. Quixote, Cristóvão Colombo, Joana d'Arc, e lugares marcantes, como Jerusalém, Istambul, Arménia e Síria... Estamos perante a cidadania que nos conduz a uma música informada pela História. No entanto, «a História não é o que se pensa conhecer. A sua memória nos livros torna-se abstrata. Para a música, porém, a memória pode tornar-se viva. Só a emoção nos torna responsáveis por um mundo que herdámos e que devemos legar aos vindouros». Eis por que razão o prémio europeu reforça uma vocação multimoda e inovadora. Para o «gambista comprometido» (como lhe chamou *Le Monde*, na entrevista que temos vindo a seguir, 26.9.2015), as causas da paz, da liberdade e da dignidade não podem ser alheias à defesa genuína do património

como realidade que articula arte e vida, sendo material e imaterial, obras e tradições.

Pensemos no trabalho relativo às «Rotas dos Escravos» – pondo em contacto as músicas antigas do México, da Colômbia, do Brasil, do Mali, de Marrocos ou de Madagascar... «O contacto com esses músicos para quem a música ficou como um modo de sobreviver é vital para mim» – confessa JS. «Graças a eles, toco melhor as *Suites* de Bach ou *Le Tombeau – Les Regrets de Sainte-Colombe*... De facto, a defesa do património cultural envolve sempre direitos e deveres, autonomia e responsabilidade, conhecimento e compreensão – direitos a usufruir e a entender; deveres a proteger e a salvaguardar; autonomia como singularidade, responsabilidade como recusa de indiferença; conhecimento do outro e das diferenças, compreensão de que pede a nossa atenção e cuidado.

Quando Dostoievski, em *O Idiota*, põe na boca de Hipólito a pergunta ao príncipe Michkine se haverá uma beleza que salve o mundo, não há uma resposta, apenas silêncio. Mas na nota a *Guerra e Paz*, Savall responde com clareza: «Cremos, como Antoni Tàpies, numa arte que seja útil à sociedade, uma arte que pela beleza, a graça, a emoção e a espiritualidade possa ter o poder de nos transformar e possa tornar-nos mais sensíveis e mais solidários»... JL.



Jordi Savall



**Fazer viver um som, eis o que entusiasma o mestre, fascinado pela ideia de tornar o património herdado uma realidade que permanentemente se recria**





**PARALAXE**

**Afonso Cruz**

# O mundo, dizem, é um livro

O mundo é um livro, e aqueles que não viajam leem apenas a primeira página, disse Santo Agostinho. E, no fundo, é isso. Ainda que um pequeno passo faça a diferença. Um passo para lá do hotel é já um pedaço de viagem. Jorge Hernandez, em Bogotá, quando foi fumar à porta do hotel, às três da manhã, encontrou vários pedintes. Um deles falava latim. A profundidade dos nossos encontros, a antiguidade daquilo que se fala, depende de um pequeno passo. Encontramos nos olhos do acaso uma outra vida, uma outra forma de oferecer um cigarro. Uma outra forma de dar um passo em frente, de ler mais umas páginas. Ao entrar no táxi, na manhã seguinte, o condutor explicou-me que tinha sido um monge copista noutra vida.

- Noutra vida? - perguntei eu.

- Irlandês, ano mil quinhentos e tal. Acrescentou que em criança sofria muito porque, ao começar a escrever nos cadernos da escola, queria deixar espaço para a iluminação, os anjos, as flores, mas não dava porque as folhas eram pautadas. Também foi um príncipe inglês (tinha dois cães), uma criança negra que foi espancada (serviu para perceber que ser negro é sofrimento - antes de compreender isso era racista). Contou-me da bolsa que a namorada lhe deu, que era a mesma bolsa que uma mulher lhe dera quando fora príncipe inglês. Mostrei alguma admiração pelo seu percurso, em especial pelo modo como dominava tantas vidas, enquanto eu tinha tanta dificuldade em ser feliz numa só.

Onde é que aprendeu isso, perguntei eu, e o taxista disse-me que aprendeu regressão e auto-hipnose com um engenheiro da Nasa que hipnotizava astronautas.

- Terminal um? - perguntou-me, depois de me explicar o segredo de viver tantas coisas.

- Esse.

## O INFRARDINÁRIO

Ao extraordinário Perec importam as pequenas coisas: e isso acontece especialmente quando se viaja. Noticiam-se grandes desgraças, mas quando vemos o Sol a pôr-se num cemitério de Samarcanda, é o poeta que o descreve, não é o jornalista. Nós, os poetas (ou os que se julgam assim), andamos a ver pequenas coisas, as intermitências da vida, os beijos que demos antes de andarmos a dar beijos, as garças a voar (tão intensas a pincelar o chão com as suas sombras), a chuva a bater na janela, um título esquecido de um romance imperdível, um golo de vinho. Nenhum jornal noticia a chuva a bater na janela, isso é trabalho de um poeta. Não imaginam a quantidade de lixo que se pode contar ao mundo com uma beleza absurda. Aquilo que não cabe num jornal é matéria poética. Temos de agradecer por nos deixarem tanto espaço para sermos absolutos.

## SEMPRE A FLORIR

Os nómadas não têm quatro estações. Só têm uma, a primavera, e é isso que perseguem durante toda a sua vida, o nascer, o despontar das coisas. Eles só acreditam no nascimento. Num eterno nascimento. Estão sempre a nascer. Não envelhecem nem morrem. Todos os seus estágios são maneiras de florir. Nascem adolescentes, depois adultos, depois velhos, depois eternidade. Sempre primavera. Um nómada, quando parece dizer adeus, está na verdade a dizer bom dia. Não tem outro cumprimento.

## GLÓRIA

Talvez a grande glória de um animal seja aparecer pintado numa gruta. Assim como a glória de um homem seja saber pintar a glória de um animal numa gruta.

## CONTA DE RESTAURANTE

É verdade que a escrita nasceu para passar recibos e faturas, nasceu para servir a pecúnia, mas também é verdade que numa simples



Em Bogotá À boleia de um táxi com muitas vidas



**Os nómadas não têm quatro estações. Só têm uma, a primavera e é isso que perseguem durante toda a sua vida, o nascer, o despontar das coisas. Eles só acreditam no nascimento**

conta de um restaurante podemos ler uma história: pelas entradas sabemos como começou, e percebemos o final pelas sobremesas ou cafés. Podemos imaginar mais coisas pela quantidade de álcool consumido, pelo tipo de comida. Se alguém pediu um prato vegetariano podemos calcular que a pessoa em frente, a que pediu o bife, lhe perguntou qual a razão para não comer carne. Podemos acreditar que, entre garfadas de um naco de lombo mal passado, disse uma piada sobre vegetarianos. As sobremesas, especialmente bolos, têm a capacidade de fazer contar calorias. E, em última análise, de provocar uma infelicidade maior do que própria conta. Os pequenos riscos de esferográfica azul à frente de cada item consumido mostram que alguém quis ter a certeza de que não pagaria um centimo mais. E por o recibo estar amarrotado, ficamos com a certeza de que um dos comensais fez questão de pagar a conta. A gota de vinho no canto inferior direito mostra que bebeu mais do que deveria.

As histórias estão em todo o lado. Um passo para lá do hotel, uma conta em cima da mesa, tudo isso são já uma segunda página de um livro. JL



**CADERNO DE SIGNIFICADOS**

**Tiago Patrício**

# Guardador de patos

Elles moravam nos subúrbios de uma cidade e tinham dois filhos, um de 12 anos e outro de sete. Quando as funcionárias do Centro de Educação lhes bateram à porta de casa e perguntaram pela idade dos filhos, eles ficaram preocupados e pensaram que tinha acontecido alguma coisa na escola. Depois de desfeito o mal-entendido, o pai convidou as funcionárias a entrar e a mulher ofereceu-lhes chá com bolinhos de canela e sementes de sésamo. Estavam os dois desempregados, mas ainda sabiam receber e cativar a simpatia das visitas.

Quando se acabaram os bolinhos e o chá, as funcionárias perguntaram se eles desejavam inscrever o filho mais novo num programa de ocupação de tempos livres. O pai ia dizer que sim, mas a mãe disse que ele já passava demasiado tempo na escola. Então as funcionárias sugeriram que a criança transitasse para uma escola mais adequada à idade e às circunstâncias. E quando a mãe insistiu que o filho ainda estava a aprender a ler, elas responderam que esses conhecimentos eram importantes para o futuro das crianças, mas que para aprender as letras não era preciso passar o dia inteiro fechado numa sala de aulas: uma hora e meia entre o jantar e o deitar seria suficiente. O resto do dia poderia ser aproveitado para ganhar algum dinheiro em vez de perder tempo na escola ou aprender maus hábitos.

Depois de muitas recusas e desculpas, os pais tentaram explicar a partir de vários exemplos, que uma enxada ou uma picareta nas mãos de uma criança eram instrumentos bastante perigosos. Nessa altura, as funcionárias não contiveram o espanto ao perceberem que o mais velho ainda mandriava na escola desde as oito da manhã até às seis da tarde, cinco dias por semana.

Abriam as malas e mostraram os programas disponíveis: o mais velho deveria ingressar o mais cedo possível num projeto de integração industrial e o mais novo deveria concorrer a uma das últimas vagas como guardador de patos.

A mãe ficou indignada com a segunda proposta: uma criança de sete anos a guardar patos é que não podia ser. Para além disso: onde é que estavam os patos e os verdes campos com charcos no meio dos prédios de 12 andares?

Então, as duas mulheres mostraram um novo documento e explicaram tudo muito detalhadamente. Havia alguns vizinhos que tinham criado um fundo de investimento para adquirir animais: porcos, galinhas, vacas, coelhos, ovelhas, tartarugas, canários, cães de fila e cavalos-marinhos. Naquela altura havia falta de guardadores de patos, uma atividade muito saudável para crianças de sete ou oito anos. Só era preciso levá-los às seis da manhã a pastar pelos terrenos à volta das autoestradas e recolhê-los a cada uma das casas dos seus proprietários um pouco depois do entardecer. JL





## AUTOBIOGRAFIA IMAGINARIA

VALTER HUGO MÃE

# Lucretia Divina

**P**assam 25 anos desde o aparecimento fugaz do projeto musical Lucretia Divina. Tiveram apenas um disco gravado e algumas imagens na televisão mais alternativa, mas também um sem número de referências em fanzines e o fervoroso apoio do antigo jornal Blitz. Sobretudo com duas canções expostas, foi o bastante para que a minha geração de melómanos, mais ou menos punks, ficasse marcada. A par do projeto The Astonishing Urbana Fall, os Lucretia Divina terão sido dessas bandas de que se espera muito, talvez tudo, e, subitamente, não são mais nada. A espécie de implosão a que se deram foi um abandono geracional, uma inconsequência que parecia nossa, de todos, como se falhássemos universalmente numa promessa gorada, quase humilhante.

No depois da Ama Romanta o rock português encontrou menos casos de pura diferença, essa característica alienígena que acomete apenas a quem pode. Na verdade, o underground valida-se na genuinidade, para sucedâneos está o mainstream criado.

Nós, naturalmente, procurávamos o que fosse único e pudesse representar a vontade jovem que sentíamos de sermos únicos também.

O modo bagaçado dos Lucretia Divina era um protesto contra o bonitinho da sociedade num bizarro início dos anos de 1990. Quando o dinheiro europeu inventou uma euforia queque no país, a música serviu de questão acerca da superficialidade. Lembro-me de pensarmos os Lucretia Divina como uma preciosa pedra no charco, uma espécie de deleite acusatório. Algo que recuperava o maravilhoso desgarrado dos Mão Morta ou dos Pop Del'Arte e o tornava meio do campo, uma coisa à solta e predadora, como um animal acochado, antigo e sem definição.

Tínhamos a impressão de que andávamos às moças no redor das vindimas, a ver a vida a partir da fruição pura. Eram uma instituição sensorial. A banda fazia-se com o propósito profundamente sensorial de se ser português com saudade e vontade de ter alguma coisa, alguma maravilha, algum sonho. Um certo amor descontrolado e glutão. Tão esperançado quanto já desgraçado.

De alguma forma, os Lucretia Divina eram um pensamento sobre a desgraça. O aspecto mais ou menos tonto da música ilustrava esse à deriva que define o português, mais ainda num tempo de confusão encantatória.



Lucretia Divina 'Desapareceram para dentro da alienação total'

Achámos que os Lucretia Divina desapareceram para dentro da alienação total. Como malucos que criam uma paixão apenas para que o abandono seja memorável. Mas parece que foi outra coisa que lhes deu, também terminadora, que terá sido a disciplina. Acontece até aos mais rebeldes, esse desejo súbito de constituir família e ter uma imagem consequente na sociedade. Foi o que nos aconteceu a quase todos, os da geração, tão punks no passado, tão aseados de cidadãos vinte e cinco anos depois. Continuamos, claro está, todos implicados no assunto, todos culpados por falhar, por sonhar outra coisa, por mudar de música, por acreditar menos ou acreditar em outra coisa qualquer, sempre menor, talvez. Mais desiludida.

Não imagino a que soa a música dos Lucretia Divina hoje para um ouvinte de 19 anos cuja realidade é feita de outra disforia radicalmente distinta. As referências para uma resistência igual à da banda de Viseu estão muito perdidas. Talvez possam ganhar sentido a partir de projetos como A Naífa, ou talvez ainda sirvam as alusões aos mesmos Mão Morta e Pop Del'Arte que, gloriosamente, continuam ativos e pertinentes.

O facto é que o anúncio de um pontual reaparecimento da banda para um concerto comemorativo tem ar de pura ressurreição. Traz à vida uma banda mas, sobretudo, revive momentaneamente o sentimento impagável de se estar num ponto de viragem do mundo. Um certo tempo em que nos colocaram na cabeça que o começo do futuro era pertença legítima da nossa geração. Voltarmos a discutir isso é a assunção de uma falha, como a assunção da morte do futuro. No caso dos Lucretia Divina, uma falha que se expõe esplendorosa. A sensualidade do costume aliada à honestidade do tempo. Como se fôssemos agora capazes de nos regozijar por termos, ao menos um dia, resistido.

O que quero dizer é que já não sei se aquelas duas canções incitarão alguém ao brio de alguma luta. Mas regozijo-me por saber que a memória de alguma luta ainda existe, como se tivesse valido a pena exatamente por isso. Porque somos capazes de nos lembrarmos e, com essa memória, conferir o que podia e o que não podia ter sido **JL**.



**Lembro-me de pensarmos os Lucretia Divina como uma preciosa pedra no charco, uma espécie de deleite acusatório. Algo que recuperava o maravilhoso desgarrado dos Mão Morta ou dos Pop Del'Arte, uma coisa à solta e predadora, como um animal acochado, antigo e sem definição**



**MEDI PRESS**  
Sociedade Jornalística e Editorial, Lda.

**PROPRIETÁRIA/EDITORA:** Medipress  
Sociedade Jornalística e Editorial, Lda. NPC 501 919 023  
Rua Calvet de Magalhães, nº 242 - 2770-022 Paço de Arcos  
Tel.: 214 544 000 - Fax: 214 435 319 email: ipublishing@impresa.pt

**GERÊNCIA:** Francisco Pinto Balsemão, Francisco Maria Balsemão, Pedro Norton, Paulo de Saldanha, José Freire, Luís Marques, Francisco Pedro Balsemão, Martim Avillez Figueiredo, Raul Carvalho Neves

**COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE PROPRIETÁRIA:**  
Capital Social €74.748,90; Impresa Publishing, SA - 100%

**JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS**

**JL**

**PUBLISHER:** Pedro Camacho

**DIRETOR:** José Carlos de Vasconcelos



**REDATORES E COLABORADORES PERMANENTES:** Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte, Francisca Cunha Rêgo, Carolina Freitas, Afonso Cruz, Agripina Carriço Vieira, António Carlos Cortez, Carlos Reis, Daniel Tércio, Eduardo Lourenço, Eduardo Paz Ferreira, Eugénio Lisboa, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, Jacinto Rego de Almeida, João Ramalho Santos, João Santos, Jorge Listopad, Lídia Jorge, Manuela Paraíso, Maria Emília Brederode Santos, Maria João Fernandes, Maria Alzira Seixo, Maria Augusta Gonçalves, Miguel Real, Ondjaki, Onésimo Teotónio de Almeida, Rocha de Sousa, Tiago Patrício, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

**OUTROS COLABORADORES:** Alexandre Pastor, Álvaro Manuel Machado, André Pinto, António Cândido Franco, Boaventura Sousa Santos, Carlos Vaz Marques, Cláudia Galhós, Cristina Robalo Cordeiro, Gabriel Leite Mota, Gastão Cruz, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Caraça, João Medina, José-Augusto França, José Luís Peixoto, João de Melo, João Ribeiro, Joaquim Francisco Coelho, José Manuel Mendes, José Saspportes, Lauro Moreira, Leonor Xavier, Luísa Lobão Moniz, Manuel Alegre, Margarida Fonseca Santos, Maria do Carmo Vieira, Maria Fernanda Abreu, Maria José Rau, Miguel Carvalho, Marina Tavares Dias, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, Mário Soares, Marcello Duarte Mathias, Nuno Júdice, Ricardo Araújo Pereira, Rui Canário, Rui Mário Gonçalves, Silvína Pereira e Teolinda Gersão

**PAGINAÇÃO:** Patrícia Pereira

**SECRETÁRIA:** Teresa Rodrigues

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO:** Gescio

**REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS:** Rua Calvet de Magalhães, nº 242, 2770-022 Paço de Arcos - Tel.: 214 698 000 Fax: 214 698 500 - email: jl@impresa.pt. Delegação Norte: Rua Conselheiro Costa Braga nº 502 - 4450-102 Matosinhos - Tel.: 22 043 7001

**PUBLICIDADE:** Tel.: 214 698 227 - Fax: 214 698 543 (Lisboa)  
Tel.: 220 437 030 - Fax: 228 347 558 (Porto)

Pedro Fernandes (Diretor Comercial) pedrofernandes@sic.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora) mjcosta@impresa.pt; Carlos Varão (Diretor), Luís Barata (contacto), Miguel Diniz (contacto); José António Lopes, jalopes@impresa.pt. Delegação Norte: Ângela Almeida (Diretora Coordenadora) aalmeida@impresa.pt, Miguel Aroso maroso@impresa.pt (Contactos); Ilda Ribeiro (Assistente e Coordenadora de Materiais) jmribeiro@impresa.pt

**PUBLICIDADE ONLINE:** publicidadeonline@impresa.pt Tel.: 214 698 970

**MARKETING:** Mónica Balsemão (Diretora), Ana Paula Baltazar (Gestora de Produto)

**PRODUÇÃO:** Raul das Neves (diretor), Manuel Parreira (assessor da Direção de Produção), Manuel Fernandes (diretor adjunto), Pedro Guilherme e Carlos Moraes (Produtores)

**CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:** Pedro M. Fernandes (Diretor), José Pinheiro (Circulação), Helena Matoso (atendimento ao assinante); Atendimento ao Ponto de Venda: pontodevenda.ip@impresa.pt Tel.: 707 200 350, 21 469 8801 (todos os dias úteis, das 9h às 19h) - Fax: 214 698 501 email: apoio.cliente.ip@impresa.pt. Aceda a [www.assineja.pt](http://www.assineja.pt)

**ENVIO DE PEDIDOS:** Medipress - Sociedade Jornalística e Editorial Lda. Remessa Livre 1120 - 2771-960 Paço de Arcos

**IMPRESSÃO:** Lisgráfica - Casal de Sta. Leopoldina - 2745 Queluz de Baixo

**DISTRIBUIÇÃO:** VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Aigualva-Cacém - Tel.: 214 337 000  
Pontos de Venda: [contactcenter@vasp.pt](mailto:contactcenter@vasp.pt) - Tel.: 808 206 545  
Fax: 808 206 133

**TIRAGEM:** 10 500 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766 - Depósito Legal nº 11745/86  
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

"A Medipress não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias".



**Assine o JL**

Ligue já 214 698 801

Dias úteis: 9h às 19h | Sábados: 9h às 17h

Vá a [www.assineja.pt](http://www.assineja.pt)

ou [apoio.cliente.ip@impresa.pt](mailto:apoio.cliente.ip@impresa.pt)

1 ano 3 prestações x € 16,99\* 30% desconto

2 anos 6 prestações x € 14,56\* 40% desconto

\*Prestações mensais sem juros, TAEG 0%





# Mário Assis Ferreira Prosas 'egoístas'...

**M**ário Assis Ferreira (MAS), 71 anos, tem um percurso singular. Mas para o que aqui mais diretamente interessa, o licenciado em Direito e gestor que tocou viola elétrica no então (nos anos 60) bem conhecido Quinteto Académico, de que depois seria agente artístico, à música ficou sempre profundamente ligado. Mas não só. E assim, durante os 28 anos, até 2013, em que foi o presidente executivo da Estoril-Sol, SA, a sociedade que além do mais é a proprietária dos Casinos do Estoril e da Póvoa de Varzim (de que continua vice-presidente, agora não executivo), MAS fez com que esses casinos, em particular o primeiro, tivessem uma constante ação cultural, e apoiassem muitas iniciativas nesse campo.

Tal se verificou no domínio da música, em que não só os grandes nomes nacionais como muitos internacionais, aí realizaram inúmeros concertos e espetáculos, mas também em outras áreas. Desde as artes plásticas (de assinalar que o Casino do Estoril já tinha a sua Galeria de Arte, dirigida desde o início por Nuno Lima de Carvalho, que continua à sua frente) à literatura – basta lembrar, no Estoril, a existência dos Prémios Fernando Namora, Agustina e agora Vasco Graça Moura, bem como, na Póvoa de Varzim, o das Correntes d'Escritas, patrocinado pelo seu casino.

Mas a que vem tudo isto? É que só também graças a MAS, e a essa 'política' que desenvolveu



Mário Assis Ferreira

na Estoril-Sol, foi possível ver a luz do dia a, única entre nós, revista Egoísta, propriedade daqueles dois casinos, e de que Assis Ferreira é diretor desde o início. Revista trimestral, de "culto", que completou recentemente 15 anos de existência, publicou 61 edições e recebeu 70 prémios, em especial na área do design gráfico, com um projeto de Henrique Cayatte, sendo Patrícia Reis, editora desde o nº 1, a mulher da ideia, com João Bugalho. Então, MAS escreveu sempre um texto de abertura para cada edição – 61 textos, pois, agora coligidos num volume profusamente ilustrado, com imagens da própria revista, com a sua a qualidade e o seu cuidado gráficos, e com a chancela da Gradiva (224 pp., euros).

Textos que misturam a parte informativa sobre cada edição com a inventividade de alguém com óbvio talento, que aos 68 anos, numa rúbrica da Visão, dizia: "Por dádiva da Natureza, nunca me senti a envelhecer quer física, quer mentalmente. (...) Quero e tenho que continuar a trabalhar, buscando novos desafios que me façam sentir útil ao serviço da sociedade e da minha própria sanidade mental."

O volume tem um prefácio de Guilherme d'Oliveira Martins, que salienta o "sentido" desses textos: "Ir adiante, ver com olhos de ver, descobrir o estranho e o desconhecido, o incerto e o sublime, o justo e o belo". E mais considera que eles "constituem um desafio à reflexão para além das aparências", recordando duas presenças muito cara a Mário Assis Ferreira – exatamente Agustina e Graça Moura. JL

# Futebol e pobreza política

Manuel Sérgio

**N**o JL, de 2 a 15 de setembro de 2015, o inconformado José Carlos de Vasconcelos (tão inconformado que faz um trabalho incomparável, na cultura e na literatura de língua portuguesa) escreve estas palavras certeiras, na sua coluna: "Para já, nestas últimas semanas, o que dominou nas pantalhas, como no país, foi o futebol. Com as televisões não só a refletirem, como a ampliarem, essa estranha realidade, contribuindo para que a 'situação' ainda seja pior do que sem elas seria. Multiplicando-se como cogumelos os programas, não tanto de futebol, mas sobre futebol. Ou seja: programas que não são transmissões de uma grande competição, de grandes jogos, verdadeiros espetáculos, com numerosos espectadores (entre os quais muitas vezes me incluo), mas sim programas, infundáveis programas, de paleio sobre futebol. Falar, falar, falar, em geral sem dizer nada, a repetir sempre as mesmas coisas, como não podia deixar de ser: o contrário de informação e de espetáculo".

O futebol de alto rendimento e profissional é (venho dizendo isto mesmo, há muitos anos) o espetáculo de maior magia, no mundo contemporâneo. Depois dos hábitos higiénicos, à inglesa, dos duches e da ginástica matutina, em pleno século XIX e princípios do século XX – o desporto, designadamente o futebol, tomou a dianteira e é, desde a segunda metade do século passado, a prática que a rapaziada prefere na escola, a mais visível no lazer desportivo e o espetáculo que o grande público prefere. Não admira, por isso, que o número de países que participam, no Mundial de Futebol, tendo também em conta as eliminatórias, seja superior ao dos países membros da ONU.

O meu amigo (e meu colega de curso, na Faculdade de Letras) José Medeiros Ferreira, tão "doente" como eu na contemplação do futebol-espetáculo, disse-me um dia: "Sabes porque gosto tanto do futebol? É que o futebol democratiza o corpo. Com os pés fazem-se maravilhas,

que o futebol revela. Não é só com as mãos. Olha o Eusébio, o Chalana, o Pelé, o Maradona, verdadeiros artistas, com os pés!".

Mas o futebol tomou corpo, na Inglaterra, no mesmo período histórico da Revolução Industrial e da afirmação, que chegou ao mundo todo, do capitalismo. Daí que as palavras competição, medida, rendimento, recorde sejam tão utilizadas no mercado como no futebol; daí que o futebol (como o desporto) de alta competição beneficie da mediatização típica de novos deuses e de novos mitos; daí ainda que a cultura popular, que atravessa todas as classes sociais, se tenha (perdoem-me os neologismos) desportivizado e futebolizado.

Não surpreende, portanto, que o futebol federado e profissional reproduza e multiplique as taras do capitalismo dominante e se transforme numa prática que o justifica e perpetua. Há indiscutivelmente uma relação dialética sociedade de mercado-futebol profissional, pois que este pode transformar-se numa prática que desmobiliza o pobre, levando-o a confundir os valores que devem presidir a uma justa organização da sociedade civil e dando por isso lugar cimeiro aos valores emergentes da nova estratégia do crescimento capitalista.

A pobreza não nasce de uma competição entre iguais, mas de um tipo histórico da organização da sociedade. Por isso, futebol que não se estuda, senão como futebol tão-só, é sinal de pobreza política, serve para adormecer as pessoas à recusa da sociedade injusta estabelecida... porque não se passa do fenómeno à essência que, neste caso, é sempre sistémica, ou seja, no futebol há sempre mais do que futebol. Na ideologia liberal, tudo se define, incluindo o próprio Estado, como entidade subserviente ao mercado.

Portanto, na análise do futebol, mais publicitado e propagandeado, o que está principalmente em questão não são os erros dos árbitros, ou as transferências dos treinadores. É o império mediático e político e financeiro que o comanda. É verdade que os árbitros também erram (são seres humanos). Mas não são as "causas das causas" do fenómeno futebol. Não passa de "paleio" uma crítica do futebol que as esqueça. Torna-se, com o tempo, mesquinha, rotineira, cansativa. Tem razão o diretor deste jornal. JL

## O HOMEM DO LEME

MANUEL HALPERN

### Pós-consumismo cultural

**N**o advento da era *peer-to-peer* houve um certo deslumbre possessivo. Agora, legal ou ilegalmente, era possível ter a discografia completa (raridades incluídas) dos Beatles ou toda a filmografia de Alfred Hitchcock, contando com a série. Bastava para isso uns quantos cliques, alguma paciência e espaço livre no computador. Essa sede possessiva levou alguns a fazer *downloads* ao quilómetro, criando um arquivo muito maior do que a disponibilidade temporal para usufruir dele. Muitas vezes esses ficheiros eram transpostos para objetos físicos, CD ou DVD, como capas fotocopiadas, simulando os originais. Tudo para satisfazer a emergência do ter.

Nada disto fazia muito sentido. Porque, generalizando-se a acessibilidade a todos estes ficheiros, a questão da posse esfuma-se: é redundante esta mania do ter quando toda a gente tem ou pode ter. Difícilmente se encontra lógica em guardar vídeos do Youtube no disco rígido, quando estão ao alcance de uma pesquisa no Google. E para quê fazer *downloads* de ficheiros quando tudo, ou quase tudo, está disponível no Spotify ou equivalente? Mesmo no que diz respeito à literatura, área que anda sempre uns passos atrás da música e do cinema devido a uma maior habituação ao objeto livro, há uma vastidão de clássicos disponíveis gratuitamente e a Amazon aposta forte num sistema de 'empréstimo digital' que faz com que os clientes *premium* tenham acesso a milhões de títulos sem a necessidade de pagar qualquer extra.

Independentemente de as imprevisíveis consequências que isto possa ter para as indústrias culturais, há uma curiosa transmutação da sociedade de consumo. Aparentemente, as mais recentes gerações são menos apegadas aos objetos do que as anteriores. Em bens culturais deste tipo secundarizou-se a necessidade de comprar e de ter. Tudo isto é substituído por um muito mais estimulante "conhecer, selecionar e partilhar". Por exemplo, as canções do Spotify não se têm, apenas se agrupam em playlists que se partilham com os amigos numa exibição do gosto pessoal. O ónus está na seleção e não na compra.

Esta era pós-consumista é desconcertante para a indústria cultural, que caiu na armadilha por si própria montada, com particular prejuízo para os autores. Contudo esta nova geração poderá tornar-se bastante mais interessante e preparada do que a anterior rumo às utopias despojadas (pelo menos ao nível dos bens culturais), pois o que está subjacente a esta troca de hábito de consumo cultural é, em última análise, uma substituição do imperativo do ter pelo imperativo do ser (ou do parecer). Já não somos o que temos, mas aquilo que escolhemos. JL



› DIÁRIO ‹



## Fernando J. B. Martinho

# Aprendiz de Caeiro



**Fernando J. B. Martinho, 77 anos, prof. jubilado da Fac. de Letras da Un. de Lisboa, ensinou também nas universidades de Bristol e de Santa Bárbara, na Califórnia. Especialista em Literatura Portuguesa Contemporânea, sobretudo poesia, é autor de dois livros de poemas e vários de ensaio, e tem larga colaboração na imprensa, em volumes coletivos e dicionários literários**

memória tudo toca, pelo menos quando se chega à minha idade. Prevendo isso, talvez, Pessoa “matou” Caeiro jovem.

Já quase não há luz no quarto. Mas o silêncio aqui é macio, tátil no fundo da memória e à superfície das coisas. É a vantagem de estar na Maia: a intermitência de tudo, a fragmentação das experiências, dos atos, da escrita. A vida reparada em migalhas que apetece não sacudir da mesa.

**Lisboa, 28/4/2000**  
Traduzo do diário de Ángel Crespo,

eu que estas anotações, que talvez mais tarde sirvam para alguma coisa, fossem o resultado dos «trabalhos» do «espírito», soprando onde menos se espera, com ímpeto transformador.

**Maia, Estremoz, 20/4/2000**  
Chegámos há pouco à Maia. O roxo violento das flores de um tipo de malva, à porta! Abertas no momento da chegada. Agora, passadas duas horas, começam a fechar. Uma lembrança da Paixão, do Senhor dos Passos, na Sé de Portalegre.

Fui até junto do poço e apeteceu-me esmagar entre os dedos duas ou três flores de rosmaninho. Depois, foi esquecer-me de tudo no seu perfume. Quando dei pela J., trazia uma braçada de flores também de rosmaninho. Ah, o cheiro forte que vinha dos saquinhos de lavanda que minha mãe guardava nas gavetas com a roupa. E também a memória do cheiro das cascas de maçã sobre as brasas passeadas, em jeito litúrgico, pela casa.

**Maia, Estremoz, 22/4/2000**  
Aprendiz, não de feiticeiro, mas de Caeiro. Nas colinas à esquerda, um rebanho de cabras, claras; à direita, ovelhas, escuras. Não é no contraste que reparo; lembro, antes, o retorno da pastoral à poesia portuguesa (Helder Moura Pereira, António Franco Alexandre...). De repente, o caeirismo é quebrado, uma chuvada implacável interrompe o devaneio. E os pastores sem cajado têm medo da chuva; não usam capa de oleado que os proteja. O melhor é voltar para a segurança do monte, para o conforto da salamandra.

Há esta luz que só depois da chuva nos visita. Como que lavada do que é impuro peso da terra. Oiço pássaros de diferentes cantos, límpidos, também eles lavados pela chuva.

E volto à rua, agasalhado agora, para me demorar na evocação dos sons de Hampton Park e Clifton, em Bristol, antes de vir a noite.

Não há sensações puras. A

**Maia, Estremoz, 5/3/2000**

Os maios floriram em Março. Este ano, pelo menos, temos que lhes mudar o nome.

**Lisboa, 12/3/2000**

A alegria dos carmelitas descalços, ontem num programa de televisão. E a consciência que têm de que somos nós, fora da clausura, quem arrasta rostos amargurados, torturados.

De uma entrevista no ABC com um poeta argentino que não conhecia, Arturo Carrera: «Luego la poesía no sólo es lo efímero sino también lo duradero de lo efímero.» Bela maneira de reescrever a famosa definição de “modernidade” de Baudelaire.

A J. guardou um bilhete da B., do tempo de Santa Barbara («Fui para casa do Luís porque tinha fome.»). Foram sorrisos, cumplicidades de feliz lembrança...

Oiço, às vezes, quando estou deitado, cá de cima, do 7º andar, os sons da rua lá em baixo, e o que chega até mim são os sons da infância, da adolescência, na casa de Portalegre, também ela alta, distante da rua. É uma sinestesia não do diferente, mas do mesmo, ou antes, do diferente do mesmo.

**Lisboa, 18/3/2000**

Agumas ideias para um poema de homenagem a Nobre: a melancolia quando se sai de um quarto de hotel. Os muitos que se deixaram e aonde não mais se voltará. Aqueles onde se não esteve, no espaço e no tempo. No fim, imaginar o abandono de um quarto no hotel de Davos e ouvir no quarto ao lado tossir Nobre, no momento da partida, antes de sair.

**Lisboa, 1/4/2000**

Estive a recolher elementos para um inquérito da Faculdade sobre a investigação científica dos docentes. É sempre penoso remexer no caos dos papéis, do que vamos deixando. Para, depois, tudo se reduzir a uma linha não sei onde, ou ao silêncio. Exercício, afinal, propiciador de um *memento mori*. E, por isso mesmo, muito mais doloroso.

**Lisboa, 17/4/2000**

Encontrei numa livraria o diário de Ángel Crespo, sobre o qual há uns meses tinha lido uma referência no *El País*, e que fiquei logo com vontade de comprar. Comecei já a folheá-lo e deparei, por exemplo, com uma carta do Herberto acusando a recepção de um livro do Crespo. Diz, a certa altura, que ele consegue «fazer do poema um objeto ao mesmo tempo estável e vivo. Porque, quase sempre, é estável e petrificado, imóvel, morto; ou então é vivo, mas desordenado e em risco de desfazer-se.» O título do livro, *Los trabajos del espíritu*, pensado ainda pelo é extremamente feliz. Bem queria

num segundo fôlego que não chegou a ter concretização editorial. Quantas mais coisas não terei no meio de papeladas e livros. A inevitável incompletude dos “currículos”...

**Convento da Arrábida, 30/8/2000**

regresso ao Convento, foi encher os olhos desta luz que não há noutra lugar: verde e azul, azul e verde, e, depois, entra-se na zona do Convento e junta-se a estas cores, o branco, o insubstituível branco da cal.

A luz para a mesa onde escrevo vem-me de uma janela à direita: oiço o vento lá fora que ainda não amainou, e, por entre os ramos das árvores, vejo o mar e lá longe, a fita, longa, da areia da Tróia. Está-se bem aqui, apesar do incómodo da febre. Ainda bem que vim, que saí da concha.

Deixa-me ficar aqui contigo, caderno de capa verde. É preciso não ter medo do silêncio, da solidão, de si mesmo, do som impetuoso do vento, do repouso depois do tumulto das conversas, das vaidades, do trabalho que se teve, da escrita que ocupou tempo, saber, memória, tudo. Apenas uma mesa pequena e simples de madeira, a luz, já necessária, de um candeeiro, e uma caneta pronta a fazer o seu serviço, a deixar registo do que talvez o não mereça, mas que é o sentido possível num fim de tarde ventoso, golpe seco no que foi antes a luz, o aconchego do sol, a visão límpido-azul da água da piscina. E esperar por que venha o jantar, o vagar das conversas inconsequentes, e o desejo de recolher à cama estreita, como convém ao lugar, e ler, deliciosamente, um dos contos de Nabokov.

**Lisboa, 23/7/2001**

Tenho estado a ler *Lillias Fraser*, da Hélia Correia, que nunca se esquece de me enviar os seus livros, apesar da minha indelicadeza de não agradecer, ou só muito raramente dizer alguma coisa. O que me agrada na escrita da Hélia é o que há de autêntico nela, de visceral, vindo da percepção mais aguda do que há de mais fundo nas personagens. É o tipo de escrita em que o autor está empenhado com todo o seu ser, e deve ser motivo de sofrimento, de agonia.

Hélia é das pessoas de quem mais gosto no “meio”. Está na contracapa com aquele sorriso que desarma de tão desprevenido e, ao mesmo tempo, tão sabedor da natureza humana, da vaidade de tudo. Usa um “panamá” desajeitado. No *background*, um castelo e um lago na Escócia – sua pátria mítica, sabemos agora. Todos temos necessidade de uma, para onde nos escaparmos, quando já não podemos mais com aquela que nos coube, que não escolhemos. JL

a que hoje voltei, palavras do Venerável Beda: «... o meu prazer consistiu sempre em aprender, ensinar ou escrever.» Nada mais peço aos deuses, pela minha parte, do que esses três prazeres; sem hierarquias, poderia acrescentar. Infiro que “aprender” inclui, naturalmente, ler...

**Lisboa, 7/5/2000**

Fomos à abertura da exposição da Ana Hatherly no Centro de Arte Moderna. Que vitalidade a da Ana que, nos últimos anos, tem feito, fez, melhor dizendo, uma brilhante carreira académica, tem escrito alguns dos seus melhores poemas como os que apresentei na Casa Fernando Pessoa e *Rilkeana*. E não pára de nos surpreender com os seus caligramas, desenhos, pinturas, tudo como se houvesse dentro dela uma leveza luminosa de que deixa sinais, depois, nos suportes que utiliza para a sua obra visual. Saímos da exposição reconfortados depois de um dia que foi arrasante.

**Lisboa, 20/5/2000**

Trouxe da Polónia um pregador de prata com âmbar para a J. Nem de propósito leio no *N. Y. Review of Books*, de 11 deste mês, um artigo sobre *A Floresta de Âmbar*, de onde transcrevo esta passagem incrível: «Then a wasp, a sweat bee, or beetle attracted to the substance might tumble in. Within seconds it would be engulfed. Life was extinguished almost instantaneously, but the corpse was rendered eternal.»

**Lisboa, 29/5/2000**

Há muito que não via um verde tão intenso, tão vivo, nas árvores de Telheiras! Até as acácias tão evocadoras de secas, coisa mirrada e pobre, exibem uma incontida e incontível exuberância. É o máximo de vida que se pode mostrar e dar. Como recebê-lo, ao verde, e fazê-la minha, à vida?

**Lisboa, 26/6/2000**

Agora que acabei de ler o diário de Ángel Crespo, descubro, dobrado, num dos seus livros de poemas, um verbete que sobre ele escrevi e de que já não me lembrava para um dicionário, provavelmente o do Cochofel,





Traçar um “panorama” do estado da Educação em Portugal é o objetivo do ‘mês da Educação’, ciclo de conferências promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), a decorrer até 29 de outubro. Sobre ele ouvimos, como seu responsável, Carlos Fiolhais; e, depois, como principal oradora de uma das sessões, e coautora de um estudo sobre inclusão encomendado pela FFM, Margaret Raymond. Seguem-se um texto do orador da sessão de hoje, 14, David Rodrigues, sobre a Declaração de Lisboa sobre Educação Equitativa, e outro de Manuel Carmelo Rosa já a propósito de outra conferência, esta organizada pela Fundação Gulbenkian (no próximo dia 28), e sobre o seu tema: Educação e Desenvolvimento. A terminar, uma conversa com Rodrigo Queirós de Melo sobre o Congresso Internacional que agora decorreu em Lisboa, e no qual esteve em análise e debate “A Educação na Era Digital”. Enfim, uma série de iniciativas diversificadas, de grande interesse, a que dedicamos seis páginas desta edição

## Carlos Fiolhais

# Partir dos factos para propor as soluções



Carlos Fiolhais

magníficos livros, sobretudo de divulgação científica.

**JL/Educação: Há cinco anos que a FFMS dedica um mês inteiro da sua programação à Educação. É um ‘desígnio’ da Fundação?**

Carlos Fiolhais: Sim, desde o início. A Fundação tem seis anos, está na idade de entrar na escola, mas somos muito precoces: começámos a interessar-nos pela Escola antes de termos idade para entrarmos nela. [risos] De pequenino é que se torce o destino. E, de facto, a Fundação preocupa-se com a Educação desde que nasceu, com o intuito de contribuir para o conhecimento da realidade portuguesa, mas não de qualquer maneira.

**Como assim?**

Interessa-nos partir de dados quantitativos. Daí a Pordata e os estudos que encomendamos e divulgamos terem essa natureza. Queremos um debate público baseado em informação empírica. Em Portugal, há muita conversa de café. O “eu acho”. É legítimo, eu também acho muita coisa. Mas é importante conhecer os factos e partir daí para a discussão. É esse o objetivo da FFMS: contribuir para um melhor conhecimento da realidade portuguesa e debater com base nele.

**O debate público em Portugal é pouco informado?**

A discussão é livre, cada um tem direito à sua opinião, mas as opiniões não devem sobrepor-se aos factos. Há quem pense que se os factos não estão de acordo com as opiniões, então tanto pior para os factos. Nós pensamos o contrário: se as opiniões não estão de acordo com os factos, tanto pior para as opiniões. As melhores opiniões são necessariamente aquelas que são alicerçadas em factos.

**Como é desenhado o ‘Mês da Educação’?**

A Fundação tem seis anos e este é o quinto ano consecutivo em que fazemos de outubro o mês da Educação. Organizamos conferências, com oradores portugueses e estrangeiros, em torno do que chamamos de questões-chave da Educação. Os temas são escolhidos por um conselho científico e pensados tendo em conta a dinâmica Educação/



**Nos debates do ‘Mês da Educação’ está sempre em causa a Escola que temos e a Escola que queremos ter**

**Interessa-nos partir de dados quantitativos. Daí a Pordata e os estudos que encomendamos e divulgamos terem essa natureza. Queremos um debate público baseado em informação, no conhecimento da realidade portuguesa**

Escola/ Professores. Não se pode falar de Educação sem Escola. E não há Escola sem professores.

**Os docentes são o público-alvo?**

O nosso público é constituído maioritariamente por professores do Ensino Básico e Secundário. E estamos muito

Carolina Freitas

# T

O desempenho dos alunos e a formação dos professores estão entre os temas centrais

da 5ª edição do ciclo sobre o estado da Educação em Portugal é o objetivo do ‘mês da Educação’, ciclo de conferências promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS), a decorrer até ao próximo dia 29, em Lisboa, Porto, Faro, Rio Maior e Santarém. Nesse ciclo se integra também a publicação de dois novos livros com o selo da FFMS: O Quinto Compromisso, de Margaret Raymond e Yohannes Negassi, e A Escola e o Desempenho

dos Alunos, uma compilação de estudos de Luís Catela Nunes, Hugo Reis, Ana Balcão Reis, Carmo Seabra, Maria Eugénia Ferrão e Miguel Portela. Contributos para “um melhor conhecimento da realidade portuguesa”, sempre com base em “informação empírica”, diz, ao JL/Educação, o catedrático de Física da Univ. de Coimbra, Carlos Fiolhais, cientista, coordenador científico da área do Conhecimento da FFMS, autor de numerosos e





Carlos Fiolhais 'O regresso às aulas é um momento de esperança, otimismo e recomeço'

contentes com isso. São pessoas extremamente interessadas no fenómeno educativo e que gostam de aprender. Não é verdade que os professores não queiram saber. Querem saber. São curiosos. E querem saber para além do estrito exercício da sua disciplina. Querem saber mais sobre a Escola e o seu futuro. E é isso que está sempre em causa nestes debates: a Escola que temos e a Escola que queremos ter.

**O ciclo de debates coincide com o 'regresso às aulas'. É também uma forma de 'relançar' as questões que para a FFMS são mais pertinentes no ano letivo que se inicia?**

Não queremos 'dar aulas' a ninguém. Mas tem esse sentido de voltar ao movimento: a Fundação apresenta-se com livros novos, dados novos, temas novos. Há sempre uma novidade no regresso às aulas. Para mim, como professor, é um dos momentos mais felizes do ano. Uma espécie de Primavera... Os alunos são novos, podemos dizer a mesma coisa sem estarem cansados de nos ouvir, aprendemos a ensinar a mesma matéria de outra forma. Precisamente porque os tempos são outros, nós somos outros, os alunos são outros. E isso é uma alegria. Um momento de esperança, otimismo e recomeço.

**O que destaca deste 'Mês da Educação'?**

Começámos com um gesto muito importante. A assinatura de um protocolo



**Vamos tocar no ponto nevrálgico: 'Formação de Professores: Tendências e Desafios'. Atualmente, os professores estão extremamente cansados e desmotivados. E sem docentes bons e entusiasmados não vamos a lado nenhum**

**Não é verdade que os professores não queiram saber. Querem saber. São curiosos. E querem saber para além do estrito exercício da sua disciplina. Querem saber mais sobre a Escola e o seu futuro**

entre a FFMS e dois organismos estatais – a Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular/ Rede de Bibliotecas Escolares e a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – para

que todas as bibliotecas escolares e prisionais passem a ter todos os livros publicados pela Fundação. Quanto ao programa das conferências, este ano temos sete sessões, a acontecer de Norte a Sul do país. Preocupamo-nos com a não repetição de temas e também com a sua atualidade. Neste momento, pensamos que era importante tentar proporcionar um panorama do estado da educação em Portugal.

**De que forma?**

Encomendámos um estudo a Margaret Raymond, da Universidade de Stanford e diretora do CREDO (Center for Research on Education Outcomes), o qual foi apresentado, no dia 8 de outubro, na conferência "Educação em Portugal: Dados e Reflexões". É um olhar de fora. E, às vezes, vemos melhor de longe. Ao perto temos dificuldade em ver o quadro todo.

**Qual o 'ângulo' do estudo?**

A Margaret Raymond é uma investigadora com muita experiência de trabalho sobre o desempenho dos sistemas educativos. O seu lema é "deixem os dados falar por si". O sistema educativo dos Estados Unidos é de uma grande diversidade – têm escolas públicas, privadas pagas pelo Estado, etc. –, então existe o interesse de avaliar o seu desempenho e eficiência. Ou seja: qual a melhor maneira de gerir esse bem precioso que é o dinheiro público? Entrámos em contacto com ela, há cerca de dois anos, entretanto veio várias vezes a Portugal, falou com o Ministério da Educação e Ciência [MEC], com associações de professores, etc., e agora dá-nos a sua perspetiva.

**O estudo intitula-se O Quinto Compromisso. De que se trata?**

A Margaret [Raymond] estabelece um conjunto de quatro compromissos educativos, entre os quais "uma Escola de qualidade" e "uma Escola para todos". O quinto tem a ver com o que em inglês se designa por accountability. Chamamos-lhe prestação de contas ou responsabilização. Defende uma maior transparência no que diz respeito aos dados escolares. Coisa que, em Portugal, não é hábito. Queixa-se que os dados são insuficientes e que não só é preciso quantificar mais, como também divulgar todos os números. No sentido de haver a tal responsabilização.

## Próximas conferências do ciclo promovido pela FFMS

A Inclusão nas Escolas, por David Rodrigues (Pró-inclusão – Associação Nacional de Docentes de Educação Especial). Quarta-feira, 14 de outubro, 15h, no Cinetatro Municipal de Rio Maior; e terça-feira, 20 de outubro, 18h, na Escola Superior de Saúde de Santarém.

Multimédia no Ensino das Ciências, por João Paiva (Univ. do Porto) e Rui Vieira (Univ. de Aveiro). Quinta-feira, 21 de outubro, 17h30, no Auditório Ferreira da Silva da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Formação de Professores: Tendências e Desafios, por Francesca Caena (Univ. de Veneza), Javier M. Valle (Univ. Autónoma de Madrid), António Mouzinho (Prof. do Ensino Básico e Secundário). Quarta-feira, 28 de outubro, 14h30, no Grande Auditório da Universidade do Algarve, com moderação de António Branco (Reitor da UALG); e quinta-feira, 29 de outubro, 17h30, no Fórum Lisboa.

Entrada livre mediante pré-inscrição no sítio da FFMS (ffms.pt).

**Por parte do MEC e das escolas?**

De todos. Na sua perspetiva, as pessoas devem ser confrontadas com os dados e responsabilizarem-se por fazer o melhor possível com os meios que têm à disposição. O quinto compromisso é esse: a corresponsabilidade na melhoria do desempenho escolar. Não é uma responsabilidade apenas do MEC; é também da Escola e da comunidade.

**A Escola e o Desempenho dos Alunos foi também o tema da conferência de abertura deste 'Mês da Educação'.**

Exatamente, no dia anterior ao da sessão com a Margaret [Raymond]. Uma espécie de 'preparação'. Pedimos a uma série de estudiosos portugueses que fizessem mini-retratos da realidade portuguesa nesta área. O resultado é o livro A Escola e o Desempenho dos Alunos, com textos de Luís Catela Nunes, Hugo Reis, Ana Balcão Reis, Carmo Seabra, Maria Eugénia Ferrão e Miguel Portela, que focam quatro grandes questões: os determinantes da desigualdade no desempenho escolar em países da OCDE; o impacto dos rankings nas escolas públicas e privadas; a retenção escolar e o desenvolvimento cognitivo no Ensino Básico; e os retornos privados e sociais da Educação em Portugal.

**Outro tema central é a formação de professores. O que estará em debate?**

Com as duas sessões iniciais quisemos, como disse, proporcionar um panorama. Agora, vamos tocar no ponto

nevrálgico: "Formação de Professores: Tendências e Desafios". Atualmente, os professores estão extremamente cansados e desmotivados. E sem docentes bons e entusiasmados não vamos a lado nenhum. Se há alguma coisa a fazer neste momento é voltar a confiar nos professores.

**No seu entender, o que deve ser feito nesse sentido?**

É preciso melhorar a formação inicial e contínua dos professores. A inicial tem, desde logo, o problema de as pessoas entrarem para o curso já desmotivadas porque sabem que o que os espera é o desemprego. Quanto à contínua, neste momento faz-se em regime de boa vontade, quando devia contar para a progressão na carreira. Na prática não conta, porque as carreiras estão congeladas.

**Que outras 'questões-chave da Educação' vão estar em cima da mesa?**

Um estudo sobre o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, em particular, no ensino das Ciências, na conferência Multimédia no Ensino das Ciências. Vamos indagar, por exemplo: qual a eficácia dos computadores portáteis, dos tablets, dos smartphones, etc. nas aprendizagens? E, por último, um tema que muito nos preocupa: "A Inclusão nas Escolas". Os alunos com necessidades educativas especiais, mas não só. Também quem fala outra língua, quem é de outra etnia. É a diferença, de uma maneira geral, que vai estar em causa... JL

Margaret Raymond

# O compromisso que falta

A principal oradora da conferência promovida pela FFMS e autora do estudo sobre o nosso sistema educativo pela Fundação encomendado fala ao JL desse trabalho e suas conclusões. E publicamos ainda parte da introdução do mesmo estudo, que realizou em colaboração com o também professor e investigador Yohannes Negassi

**Francisca Cunha Rego**

Portugal tem que oferecer um ensino de alta qualidade a todos os alunos que frequentam a Escola pública. Para tal é necessário que exista um sistema de medição e de gestão do desempenho escolar que permita o avanço para uma nova etapa educativa. É o que defende o estudo encomendado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos a Margaret Raymond, prof.<sup>a</sup> da Universidade de Stanford, na Califórnia, diretora do Center for Research on Education Outcomes (Centro de Investigação dos Resultados Educativos) e oradora principal na conferência, por aquele Fundação promovida, "Educação em Portugal: Dados e Reflexões", no âmbito da iniciativa Mês da



Margaret Raymond "Os sistemas de avaliação do conhecimento dos estudantes são muito limitados"

Educação, de que nas páginas anteriores se fala.

O estudo intitula-se *O Quinto Compromisso: Desenvolvimento de um Sistema de Garantia do Desempenho Educativo em Portugal* e é o resultado de um trabalho de investigação de três anos feito em parceria com o prof. Yohannes Negassi, do qual Margaret Raymond, doutorada em Ciências Políticas pela Universidade de Boston, fala ao JL/*Educação*.

**JL/Educação: O que é o Quinto Compromisso?**

**Margaret Raymond:** É o desafio de tornar todas as diferentes partes do sistema público de educação um conjunto coerente e a trabalhar em conjunto, de modo a criar uma escola de qualidade excepcional para todos os alunos, professores e administradores.

**E o que está a faltar para isso?**

Atualmente, sabemos o que queremos que os nossos estudantes aprendam. Mas não sabemos se o fazem de facto. Os sistemas de avaliação do conhecimento e capacidades dos estudantes são muito limitados. Não seguimos os resultados dos alunos ao longo dos anos e não temos nenhum sistema que avalie o quanto progredem.

Por outro lado, não sabemos quais as escolas que contribuem mais para as suas aprendizagens. Da parte dos professores existe um princípio incipiente de um registo de avaliação, mas não relacionamos aquilo que os professores sabem fazer com aquilo que os alunos aprendem. Existe agora uma oportunidade para criar um sistema de dados mais coerente.

Por último, penso que não se valorizam suficientemente os professores e administradores escolares pelos seus contributos. São as peças mais importantes das escolas e quem ajuda os estudantes a aprender. Ensinar requer um nível elevado de profissionalismo que demora anos a ser atingido. É fundamental recompensar os professores que são bons.

**Que outros aspetos têm que mudar nas nossas escolas?**

É preciso focarmo-nos no domínio dos conhecimentos dos alunos e não tanto no número de horas que estão nas escolas. Se tivermos a certeza de que os estudantes aprendem tudo aquilo de que precisam, com os padrões corretos, o resto da organização-escola começa a funcionar.

**E são os exames a melhor forma de avaliar esses conhecimentos?**

Há muitas medidas importantes para o fazer. Neste estudo referimo-nos a um conjunto vasto de indicadores. Certamente que avaliar o conhecimento cognitivo faz parte desse conjunto, mas há outras competências. Trata-se mais de uma questão de medição de resultados e não tanto de exames.

**O que mais os surpreendeu nesta análise às escolas portuguesas?**

Em Portugal, a maioria dos professores e dos administradores escolares levam o seu trabalho muito a sério, mas depois há um outro grupo de professores que ficaram "presos" na profissão por não terem outra alternativa. Estes estão normalmente desmotivados. Importa pensar em maneiras mais construtivas de acolher estes professores pondo-os em lugares onde vão ser bem sucedidos.

**É possível que o próximo ministro ou ministra da Educação ponha este projeto em prática?**

Sim. O estudo contém muitas sugestões práticas. Acho que é um tempo muito oportuno para mudar, não só porque houve uma eleição e consequentemente haverá um novo governo, mas também porque a grande maioria de professores vai reformar-se nos próximos anos. Existe agora uma oportunidade incrível para a mudança. Toda a constelação é muito favorável. JL

## Um ensino de qualidade na Escola pública

Há uma forte probabilidade de que um futuro primeiro-ministro de Portugal esteja hoje sentado numa sala de aula da escola pública. Tal é provável, na medida em que a maioria das crianças portuguesas em idade escolar confia a sua educação às escolas públicas. Juntamente com o futuro primeiro ministro, sentam-se médicos, engenheiros, economistas, assistentes sociais, um poeta nacional laureado e a maioria dos líderes de Portugal em 2050 e nos anos seguintes.

Portugal precisa que todas as suas escolas públicas ofereçam um ensino de alta qualidade a todos os alunos. Não se trata de um cliché inútil ou de uma postura política: conforme as escolas evoluírem, assim evoluirá a futura força de trabalho e a sociedade em geral. O que esses alunos aprendem hoje afeta não só o seu futuro, mas o de todos os seus concidadãos. A questão é universal: a população de Portugal está hoje mais móvel do que em qualquer outra altura da sua história, de modo que cada escola precisa de educar os seus alunos de forma fiável e consistente.

O que acontece em cada escola, em cada sala de aula, é importante, não

só hoje, mas nas próximas décadas. São necessárias melhores escolas para preparar a próxima geração para a formação contínua e/ou emprego. Elas são necessárias para melhorar as bases económicas do país. E são necessárias para marcar presença numa sociedade cada vez mais global. Para Portugal conseguir emergir com sucesso dos seus desafios económicos e sociais recentes como uma sociedade e um estado coesos e vibrantes, deverá assegurar, em grande medida, que o setor da educação pública prepare os alunos atuais e futuros para atingirem elevados níveis de competências cognitivas e de outros atributos.

O foco principal deste estudo são as escolas públicas de Portugal. O setor da educação pública é responsável por mais de 85 por cento dos alunos em idade escolar e será sempre o "educador de último recurso". O país tem a sua quota de escolas primárias e secundárias privadas, frequentadas por cerca de 10 a 15% do total de alunos. Estudos anteriores já haviam mostrado que mais escolas do setor público do que do setor privado apresentam um desempenho na metade

inferior da distribuição do sucesso escolar (Nunes et al, 2012). É menos comum o encerramento de uma escola pública do que o de uma escola privada com desempenho equivalente. A conjugação destes fatores faz com que as escolas públicas sejam a prioridade deste estudo.

O setor da educação pública já demonstrou a sua capacidade para empreender mudanças significativas com vista à melhoria. No entanto, a velocidade da mudança tem de aumentar para que Portugal possa realizar todo o seu potencial no século XXI. Portugal precisa de escolas de alta qualidade, apoiadas por um sistema racionalizado, para alcançar



**O setor da educação pública já demonstrou a sua capacidade para empreender mudanças significativas**

resultados educativos sólidos para os alunos. Este estudo reconhece os progressos significativos que têm sido feitos no setor do ensino público ao longo das últimas quatro décadas.

A tese principal é que é preciso um sistema de medição e gestão do desempenho escolar para que Portugal passe à fase seguinte da política de educação. O sistema proposto neste estudo usa uma estrutura de desenvolvimento que visa promover o domínio do conhecimento junto de alunos, professores e administradores escolares, ao mesmo tempo que dá informações transparentes aos responsáveis políticos e outros atores-chave. O sistema baseia-se em realizações anteriores com políticas e estruturas revistas de apoio ao setor da educação pública com vista a acelerar o ritmo de melhoria na próxima década. Qualquer sistema que ofereça perspectivas regulares e consistentes sobre o desempenho escolar deve partir de dados fiáveis sobre alunos, professores e administradores. O pessoal docente precisa regularmente de informação detalhada sobre o progresso dos seus alunos, de modo a gerir o processo

educativo. Os administradores e funcionários eleitos precisam de dados sobre alunos e professores para destacarem os casos de melhor desempenho e orientarem o desenvolvimento de programas em áreas que precisam ser melhoradas. O público precisa da transparência de dados e de estudos robustos, a fim de responsabilizar os funcionários. Assim, um princípio básico das recomendações deste estudo é que o progresso nos resultados de educação requer um conjunto de dados mais rico e consistente do que o que está disponível atualmente. Um sistema do tipo descrito no presente estudo requer que algumas funções no Ministério da Educação e Ciência mudem o foco atual das variáveis de entrada e processos para uma visão de progresso e resultados. Esse sistema deverá apoiar a tendência recente de conceder maior autonomia às autoridades locais, através da criação de medidas claras e comuns relativas a como alunos, professores e administradores estão a evoluir relativamente aos resultados almejados, sem ditar como as escolas se devem comportar ou distribuir os seus recursos. JL



## Declaração de Lisboa sobre Equidade Educativa

# As palavras que guiam os atos

Como ensinar para que todos possam aprender? Eis o ‘mote’ da conferência a proferir por David Rodrigues, hoje, quarta-feira, 14, às 15, no Cineteatro de Rio Maior, e no dia 20, às 18, na Escola de Saúde de Santarém, integradas também no ‘Mês da Educação’ da FFMS. O prof. da Fac. de Motricidade Humana da Un. de Lisboa, presidente da Pró-Inclusão (Associação Nacional de Docentes de Educação Especial) e membro do Conselho Nacional da Educação escreveu para o JL este texto sobre a recente Declaração de Lisboa sobre Equidade Educativa

### David Rodrigues

Em julho passado foi redigida e aprovada em Lisboa, por mais 500 delegados de 38 países a Declaração de Lisboa sobre Equidade Educativa – DLEE (ler em <http://isec2015lisbon.weebly.com/the-lisbon-educational-equity-statement.html>). As pessoas mais desencorajadas e céticas dirão “mais uma declaração...”, querendo desvalorizar ou até tornar inútil qualquer possível efeito deste documento. Certamente que todos estamos familiarizados com documentos que não passaram do papel em que foram impressos e que foram elaborados com todas as razões possíveis exceto a de serem levados à prática. Como redator e corresponsável por este documento não é esta a minha opinião sobre o que significa e em que pode contribuir esta declaração.

Vamos, antes de mais, clarificar as formulações em três aspetos mais salientes. Em primeiro lugar a DLEE evidencia a sua filiação na Declaração de Incheon. Esta Declaração, produzida durante o Fórum Mundial de Educação intitula-se “Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos”. Trata-se de um documento fundamental para pensarmos para onde devemos direcionar os esforços na Educação nos próximos anos. Realço só uma frase do artigo 7º: “(...) Nenhuma meta em educação deverá ser considerada cumprida a menos que tenha sido atingida por todos”.

Toda esta Declaração realça a importância de todos os alunos – independentemente de qualquer condição – terem acesso a uma educação de qualidade porque “... a educação é um bem público, um direito humano fundamental e a base que garante a efetivação de outros direitos...” (art.5º). A DLEE compromete-se assim, a tornar a Agenda da “Educação para Todos” das Nações Unidas uma realidade.

Um segundo aspeto a realçar



David Rodrigues Lendo (primeiro à esqª) a Declaração de Lisboa

sobre a DLEE é a justificação da correção e da justiça da Educação Inclusiva. Sabemos hoje que as alternativas à Educação Inclusiva são extraordinariamente frágeis sob o ponto de vista conceptual e programático. Senão vejamos: não é sequer razoável pensar que todos os alunos podem (e devem) ser ensinados da mesma forma. Do ponto de vista educacional a diferenciação de objetivos, de estratégias, de materiais, de enquadramentos, de recursos, tornou-se parte integrante da agenda da Educação para Todos. Sem diferenciação não há Educação para Todos porque sem diferenciação só alguns aprendem. A existência de trabalho pedagógico com turmas que são entendidas e consideradas como heterogéneas tem mesmo evidenciado que quando se encontram múltiplas formas de ensino, esta multiplicidade favorece a aprendizagem de todos os alunos.

Sabemos hoje também, que as escolas que procuram desenvolver-se segundo uma orientação inclusiva, favorecem a mudança de atitudes em relação à diferença. A escola é certamente uma experiência precoce e decisiva sobre a compreensão das singularidades de cada pessoa, mas também sobre o potencial que nelas existe de se



**A Inclusão não é colocar alunos com dificuldades em escolas e em classes que não mudaram nada. Se a inclusão não se tornar um valor transversal e prevalente na escola, não poderá existir**

entenderem, de se articularem e de trabalhar cooperativamente. Os valores que são vividos na escola podem pois aproximar-nos de uma sociedade mais acolhedora (nas palavras de Derrida “hospitaleira”), participativa, justa e não discriminatória.

Existe ainda uma justificação económica: não se conhece a magnitude dos gastos implicados na criação de escolas de qualidade (sublinho “de qualidade”) para todos os alunos mas que fossem especializadas em diferentes grupos de crianças (Rapazes, Raparigas? Bons, médios e maus alunos?

Alunos com problemas de comportamento e bem comportados? Alunos com deficiência e sem deficiência? Com e sem Dificuldades na Aprendizagem?). A lista não teria fim e só nos poderia conduzir a um sistema caríssimo e absurdo.

Um terceiro aspeto da DLEE diz respeito à necessidade de promover mudanças significativas no sistema educativo atual. Realizar a transição entre um sistema educativo tradicional e uma sistema educativo de orientação inclusiva, não é uma simples justaposição, quer dizer, não pode ser “colar” a Inclusão numa escola tradicional. A Inclusão não é colocar alunos com dificuldades em escolas e em classes que não mudaram nada. Pelo contrário, só é possível promover a Inclusão acarinhando, aprofundando, tornando sustentáveis as mudanças que se realizem no sentido da Inclusão.

Se a inclusão não se tornar um valor transversal e prevalente na escola, não poderá existir, porque necessariamente vai criar espaços protegidos, ilhas de “inclusão”, que não seriam mais que exclusões contíguas. Ora, esta ideia de criar ilhas é ela própria uma contradição com o conceito e as práticas que devem existir numa escola inclusiva. Apela-se pois que se tomem medidas concretas para “...encorajar a participação e o sucesso na educação, proporcionar apoio inclusivo à aprendizagem, respeitar e valorizar as diferenças e promover comunidades abertas...”

Não cabe no âmbito deste texto uma discussão aprofundada sobre os processos que nos poderão levar até atingir este desiderato. Diríamos simplesmente que precisamos de ações que aproveitem as sementes de inclusão que já existem nas escolas e muitas vezes são asfixiadas por burocracia, por falta de encorajamento e por carência de sustentabilidade. Diríamos também que precisamos de ações que sejam dinamizadas a partir “de cima” pelas estruturas de supervisão (Ministério da Educação, estruturas de coordenação intermédia, municípios, inspeção, e (importante!) a gestão das escolas e dos Agrupamentos). Talvez estes dois movimentos “de baixo para cima” e “de cima para baixo” possam contribuir para encurrular e tornar obsoletas a exclusão e a desigualdade educativa.

Trata-se agora de pensar para o que pode contribuir a DLEE para a nossa realidade presente. É necessário ler esta Declaração com os olhos no nosso país, na nossa região, na nossa escola, nos nossos

alunos e nas nossas comunidades. Trata-se, “para começo de conversa”, de identificar quais as barreiras existentes a “uma Educação de qualidade inclusiva e equitativa” para todos. Pensando no percurso recente do nosso país em termos de política educativa, não será difícil encontrarmos barreiras que têm sido levantadas ao desenvolvimento de um sistema equitativo e inclusivo. Vejamos:

a) O menor financiamento da Educação pôs em causa muitos dos apoios indispensáveis para garantir o sucesso de alunos que apresentam dificuldades. Pensar que a Educação se resume a um professor e uma turma é um modelo de olhar a Educação claramente ultrapassado e conservador. Um sistema que responda a todos os alunos terá que recorrer a mais docentes, a mais técnicos de apoio, a mais atividades expressivas, a mais apoio para a diversificação das ofertas curriculares, etc. Sem um financiamento capaz a escola tem que se reduzir à oferta que existia quando a escola era só para alguns;

b) Outro aspeto diz respeito à inovação de práticas educacionais. Sem esta inovação (por exemplo trabalhos de projeto, uso de tecnologias digitais, uma pedagogia que permita a personalização do ensino, etc.) a escola não pode diversificar a sua oferta formativa. E, se não diversificar, de novo, estará como antes, a ensinar só para alguns alunos aprenderem. Quanto mais enriquecida de recursos organizacionais, humanos e materiais for a escola mais possibilidades ela terá de responder capazmente a estilos e necessidades educativas diferentes. Esta inovação precisa certamente de ser encorajada através da formação permanente dos professores, e das políticas de desenvolvimento da escola;

c) O ambiente humano nas escolas não é muitas vezes propício e encorajador de práticas colaborativas e que incentivem os professores a empreenderem projetos originais. Nos últimos anos ouvimos mais e mais dizer que o receio de represálias leva a que muitos professores se coibam de participar na vida da escola e de expressar as suas ideias sobre o que se passa. A escola deve ser um espaço de cidadania não só para os alunos mas também para os professores. Como poderá ser possível que professores, que se sentem coartados na sua participação, possam ser agentes de cidadania e participação dos seus alunos?

Por todas estas razões é importante ler e refletir sobre a DLEE. Esta declaração pelo seu conteúdo e pelas pontes que nos convida a estabelecer com a nossa realidade é relevante e necessária. É pois responsabilidade de todos nós atuar para que este texto não seja “mais uma declaração” mas que nos convide a pensar onde estamos, para onde queremos ir e quais os ventos que nos poderão guiar a viagem para lá chegar. Agora, que como sempre, é tempo de navegar com esperança. JL

# Educação e Desenvolvimento, Escola e Sociedade

Todos os anos a Fundação Calousta Gulbenkian tem uma iniciativa na área da Educação, com a participação pelo menos de um reputado especialista internacional na matéria e de portugueses que também a ela de uma ou outra forma se dedicam ou sobre ela dão o seu testemunho. A de 2015, sobre o tema em epígrafe, decorre no próximo dia 26, na sede da fundação, em Lisboa, abrindo com uma conferência do prof. e investigador da Universidade de Stanford (Califórnia, EUA), Eric Hanushek, autor de vários estudos neste campo, em particular de análise da influência da qualidade da educação no crescimento económico de um país. Aqui se publica, sobre aquele mesmo tema, e de certa forma podendo servir de 'introdução' para o seu debate, um texto do diretor do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, no qual se insere a iniciativa, de que em caixa se da o programa

linear, interdependente e dinâmico implicando, sustentada e fundamentalmente, mudar os modelos de interação, o que exige mudanças frequentes nas políticas e nas instituições.

Por outro lado, as estratégias e prioridades de desenvolvimento têm de ser analisadas caso a caso, de acordo com as circunstâncias de cada situação, porque variam, ou podem variar, de país para país e mesmo de região para região, dentro de cada país. Em síntese, não sendo a educação uma condição suficiente para o desenvolvimento ela é, no entanto, condição necessária. Não se conhecem casos de desenvolvimento sustentado em que não haja contributo importante do desenvolvimento da educação e do conhecimento da população. Já no que respeita a situações pontuais de crescimento económico a correlação com a educação não tem de se verificar e a sustentabilidade desse crescimento, por isso mesmo, não se garante.

No que respeita ao tema escola e sociedade, é generalizadamente reconhecido que a educação é um reflexo da sociedade e está integralmente relacionada com a sociedade onde está inserida. A educação destina-se a melhorar a sociedade melhorando os conhecimentos e as capacidades das pessoas, mas os efeitos da sua atuação não se fazem sentir de um momento para o outro. Ela atua de forma gradual e incremental, ao longo dos tempos.

As escolas, como instrumento mais poderoso da educação formal, são um dos elementos principais da democracia num país, disseminando generalizadamente o conhecimento e as competências e tornando a mobilidade social possível. Mas, ao contrário do que alguns estudiosos mais voluntaristas têm referido, as escolas não podem resolver, por si só, os problemas da pobreza e das desigualdades. A forma que as escolas têm de poder melhorar a sociedade é tornar as pessoas mais instruídas, mais empreendedoras e capazes de resolver problemas. Se falharem nestas tarefas básicas, falham em todas as outras funções, porque nenhuma escola pode organizar o setor empresarial, ou aprovar salários e



Manuel Carmelo Rosa



**Não se conhecem casos de desenvolvimento sustentado em que não haja contributo importante do desenvolvimento da educação e do conhecimento da população**

Há quem considere que a educação sustenta todo o progresso social, porque quando se melhora generalizadamente o nível de educação, o problema global do desemprego pode ser mais facilmente enfrentado, conduzindo a progressos na redução da pobreza e nas condições de vida em geral. No entanto, há que considerar que a generalização do acesso à educação não é suficiente e que há também que ter em atenção a boa qualidade da educação ministrada, para que ela possa ser um fator essencial para ajudar a promover o desenvolvimento nacional, por um lado e o bem-estar individual, por outro. A questão do combate às desigualdades educativas é ainda um outro importante aspeto a considerar, porque elas provocam desigualdades sociais e económicas.

Nesta conformidade, no atual contexto de rápido desenvolvimento económico e mudança social é crítico que a educação se adapte aos múltiplos desafios potenciais que tem de enfrentar. Assim, ela tem de estar preparada para ajudar a dar respostas às mudanças demográficas como as do crescimento rápido das populações mais envelhecidas, às aspirações dos jovens e às crescentes populações migrantes; tem de saber enfrentar a crescente degradação do ambiente e o aumento dos desastres naturais; tem de ajudar a assegurar o adequado equilíbrio entre a preservação das identidades locais e regionais e os claros benefícios da globalização; e tem de procurar perceber como pode orientar os benefícios das tecnologias no reforço da aprendizagem, tendo em atenção a disseminação ubíqua da comunicação e da informação, que questiona o que é ser instruído no século XXI.

Nesta matéria, como em tantas outras, há que ser cuidadoso e perceber que o mero investimento em educação não promove, por si só, o desenvolvimento. O desenvolvimento é um processo complexo que implica, para a sua concretização, a conjugação de inúmeros fatores. As condições de desenvolvimento devem ser analisadas como um processo multifacetado, não

## Manuel Carmelo Rosa

A conferência internacional deste ano, promovida pela Fundação Calousta Gulbenkian, é dedicada aos temas de educação e desenvolvimento e escola e sociedade, que estão estreitamente ligados porque não se pode entender o contributo da educação para o desenvolvimento sem se considerar a participação de toda a comunidade, envolvendo não apenas os agentes educativos diretamente implicados na atividade escolar como também toda a comunidade envolvente (famílias, autarquias, empresas, associações e outras organizações de múltiplas naturezas) nos processos de aprendizagem. Por outro lado, a educação e sobretudo a educação básica, é um pré-requisito para remover obstáculos à participação ativa na sociedade e, conseqüentemente, a assegurar

condições para garantir o caminho do desenvolvimento.

Após um período em que o contributo da educação para o crescimento económico foi negligenciado de forma considerável, ela voltou a ser considerada como essencial para o desenvolvimento no seio dos economistas. Mas o desenvolvimento é bem mais do que crescimento e ele próprio não se reduz à parcela de desenvolvimento económico. O verdadeiro desenvolvimento económico não se verifica se o crescimento económico puro não for acompanhado por outras dimensões importantes para a qualidade de vida, como uma saúde de qualidade, reduções na pobreza e na desigualdade, melhorias na participação democrática, estabilidade política, um ambiente sustentável, menos crime violento e direitos humanos básicos. Todos estes são aspetos do bem-estar humano para os quais a educação simultaneamente contribui.

Há hoje um vasto conjunto de importante literatura sobre o desenvolvimento que tem amplamente documentado o impacto positivo da educação para os diversos aspetos do desenvolvimento económico e social. A educação tem justamente sido considerada como uma alavanca essencial para o desenvolvimento sustentável, porque ela é indispensável para o desenvolvimento individual dos cidadãos e das suas famílias, das comunidades locais e nacionais onde se integram e para a humanidade em geral.

Além da reconhecida importância do papel social e económico da educação também tem uma relevante função na socialização, através da formação de identidades pessoais e coletivas, a formação de uma cidadania responsável e a promoção de uma participação social crítica, baseada em princípios de respeito da vida, da dignidade humana e da diversidade cultural.

## Programa

**9 e 30** - Sessão de abertura.

**10** - A qualidade da educação para o desenvolvimento económico, por Eric Hanushek; presidente: Manuela Ferreira Leite.

**11** - Mesa-Redonda sobre "Percurso formativo nos trajetos de vida", com Mário de Carvalho, Maria de Sousa, Ângela Ferreira; moderador: Manuel Carmelo Rosa.

**14 e 30** - Escola e Sociedade, por Maria Manuel Vieira, Delfina Rodrigues e Joaquim Azevedo; presidente: Ana Nunes Almeida.

**16 e 30** Educação Desenvolvimento, por Maria do Carmo Seabra, Mariana Gaio Alves e Miguel St. Aubyn; presidente: Pedro Teixeira.

**17 e 30** - Sessão de encerramento.



políticas de rendimentos, ou encontrar meios para alimentar as famílias, ou praticar a justiça de forma a construir um mundo melhor e mais civilizado. Por isso, a reforma das escolas deve ocorrer em simultâneo com a reforma da sociedade.

As modificações que se produzem nos métodos e nos currículos educativos devem resultar, sobretudo, do acompanhamento de uma situação de mudança social e de um esforço para encontrar as necessidades da nova sociedade que se está a formar, do mesmo modo que, em simultâneo, se produzem mudanças nos outros setores de atividade. Se se puder ligar a educação à marcha geral dos acontecimentos, contraria-se o seu caráter isolado e ela deixa de ser uma tarefa que só procede do espírito tantas vezes tão engenhoso de pedagogos que lidam individualmente com os alunos. Nestas circunstâncias, o processo de aprendizagem aparece como parte e parcela de toda a evolução social, o que o torna verdadeiramente eficaz e inatacável.

Como se disse, a reforma das escolas e da educação deve realizar-se em conjugação com as reformas sociais e deve começar bem cedo. Um bom momento para começar é através do investimento nos cuidados pré-natal, de forma a assegurar que cada mulher pobre grávida receba os adequados cuidados médicos e nutricionais para evitar riscos de peso insuficiente à nascença e de doenças suscetíveis de prevenção. No processo de reforma social segue-se um investimento no desenvolvimento da primeira infância, desde o nascimento até aos cinco anos, onde deve ter um papel muito relevante a tantas vezes desprezada componente educativa, através do recurso às práticas artísticas.

O desenvolvimento intelectual, emocional e social das crianças é desequilibrado se sentirem a falta das necessidades básicas da vida durante estes anos críticos e ele pode ser reforçado se as crianças e as suas famílias receberem o adequado apoio social, médico, económico e educativo. Estas são condições indispensáveis para permitir que todas as crianças cheguem à escola preparadas para aprender.

A reforma social deve prosseguir em conjugação com a reforma da escola nos diversos ciclos de escolaridade de forma a promover condições para garantir o sucesso educativo quer através de medidas de carácter educativo quer, sobretudo, de medidas de carácter social que combatam situações de desigualdade. Tudo isto pressupõe a necessidade de uma estreita colaboração entre a escola e a sociedade envolvente, a nível local, regional e nacional para que, de forma diferenciada, consoante as realidades de cada local e situação se promovam as soluções mais adequadas e eficazes para enfrentar os problemas inerentes ao desenvolvimento social e educativo. JL

## Congresso Mundial da Educação

# Repensar a escola 'tradicional'



Abertura do Congresso A primeira sessão, tendo à esq<sup>a</sup>. o ministro Nuno Crato

“*Há condições para começar a fazer diferente, mas é preciso avançar com passos lentos e seguros*”, é uma das conclusões do Congresso Mundial da Educação, que decorreu em Lisboa, no último fim de semana. O encontro, no Hotel Corinthia, foi organizado pela Associação Portuguesa de Estabelecimentos de Ensino Particulares e Cooperativos (AEEP), em parceria com as confederações Mundial e Europeia de Ensino Particular, a Federação das Associações de Ensino Privado da América Latina e Caribe, a Associação de Centros Autónomos do Ensino Privado de Espanha e a Fundação Europeia Educação e Liberdade.

A Nova Educação na Era Digital foi o tema do congresso que reuniu especialistas e professores nacionais e estrangeiros, terminando com uma conferência do reputado sociólogo polaco Zygmunt Bauman. Os participantes “procuraram discutir as grandes linhas da educação no mundo”, disse ao JL Rodrigo Queiroz e Melo, diretor executivo da AEEP, docente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica e da equipa científica do Programa de Avaliação Externa de Escolas. “A Nova Educação não é um conceito contemporâneo, já é um conceito antigo e que vem de uma rutura com o modelo industrial”. No entanto, salienta que ainda há muito a fazer para mudar o chamado ‘ensino tradicional’, de modo a responder a um futuro cada vez mais incerto.

### Quais os desafios da Nova Educação na Era Digital?

O cruzamento de dois raciocínios. Por um lado, a questão da Nova Educação, que se assume como um conceito de rutura com a escola e os modos tradicionais de instrução. A escola moderna cumpriu uma

função importante, como escola de formação de massas relativamente homogêneas, criando uma cultura de trabalho comum. Essa lógica deu origem aos tempos escolares definidos, às campanhas, às filas de secretárias arrumadinhas, aos meninos arrumados pela mesma idade – como se aquilo que os meninos mais tivessem em comum fosse a data de nascimento. Além deste conceito, discutimos como é que a era digital pode potenciar esta rutura. A flexibilidade, a mobilidade, a capacidade de organizar o tempo e o modo que as tecnologias digitais nos permitem, parecem-nos importantes facilitadores. Tentando conjugar isto, a organização quis discutir o ‘estado da arte’ ao nível da nova Educação. Não se trata apenas de um modo diferente de ensinar da mesma maneira. Pretende é que as crianças e jovens adquiram o conhecimento tradicional, mas que desenvolvam novas competências e adquiram novo e mais profundo conhecimento.

### Este é um debate urgente?

Sim, este congresso aconteceu num momento importante. O início de uma nova legislatura num país pequeno é sempre um momento importante atendendo à influência que o Ministério da Educação acaba por ter na vida do sistema educativo. Queremos que aquilo que foi discutido chegue às equipas e que as pessoas percebam o que está em causa. Além disso, em 2016 vamos festejar os 30 anos da Lei de Bases do Sistema Educativo. No fundo, isto também pode ser um pontapé de saída para uma revisão, uma revisitação de um diploma legal importantíssimo para o sistema educativo português, que foi inovador e que foi moderno na sua altura, mas que 30 anos depois precisa de ser revisitado e repensado.

### 'Aprendizagem invisível' e 'modernidade líquida' foram alguns dos conceitos que estiveram em cima da mesa. De que modo é que refletem esta mudança na Educação?

Ambos têm na sua base algo com que somos confrontados todos os dias, que é o facto de a certeza e a linearidade do desenvolvimento do mundo das últimas décadas já não ser uma verdade. Passámos a ter muito mais complexidade e incerteza, e o sistema de ensino não pode ficar fora do pensamento sobre este novo mundo em que os nossos jovens vão viver, amar, trabalhar, lutar. Continuamos a olhar para a Escola como o que prepara para um futuro linear, ou seja, ‘tu vais pela área das ciências para ser engenheiro, para trabalhar a construir pontes o resto da tua vida’. Isso já não é verdade.

Não é verdade pelo menos, seguramente, a parte do ‘resto da tua vida’. Não só porque não fazemos ideia de que profissão vamos exercer (muitas ainda não foram inventadas), como já sabemos que não vamos exercer a mesma profissão durante toda a sua vida ativa. E também sabemos que o conhecimento e os instrumentos que estamos a transmitir estarão certamente ultrapassados no primeiro quarto da nossa vida profissional. Na noção de modernidade líquida, a palavra-chave é ‘líquida’. A vida vai ser



Rodrigo Queiroz e Melo

“*A vida vai ser algo absolutamente imprevisível e temos de dotar as crianças e jovens de novas competências para lidarem com a incerteza*”

algo absolutamente imprevisível e temos de dotar as crianças e jovens de novas competências para lidarem com a incerteza. Esta é também a questão da aprendizagem invisível, e a maneira como se pode aprender de modos ‘invisíveis’ – porque até agora desconhecidos.

### A última palestra, do famoso sociólogo polaco Zygmunt Bauman, centrou-se nos “três desafios principais da educação na nova sociedade”. Que desafios são esses?

A questão é o desfasamento que existe entre o que vai ser o futuro das crianças e jovens e aquilo que continuamos a esperar da escola. Até agora tínhamos uma escola que prevenia para um futuro que conhecia. E um dos grandes desafios é ultrapassarmos isto, porque o futuro, como já salientei, não se desenvolve de modo linear. A memória era a base do saber nos tempos passados, e hoje temos um desafio que é muito ligado às tecnologias. Temos acesso a informação ‘pura e dura’ em doses industriais e, portanto, a questão da capacidade de reter informação não tem a importância que tinha.

Por outro lado, nesta sociedade nova e com uma economia bastante diferente da tradicional, o sucesso académico já não é um bom preditor de sucesso social. Cada vez mais vemos pessoas sem grande sucesso académico mas com muitas competências e que são as que triunfam. Os empregadores procuram hoje competências cognitivas não rotineiras, querem profissionais que trabalhem com a cabeça. Ora, toda a estrutura escolar está montada para desenvolver, tipicamente, competências cognitivas rotineiras. Premiamos quem dá a resposta certa e sancionamos quem dá a resposta errada. Esta é uma das contradições do mundo de hoje, porque não há a solução certa nem o caminho certo. O que sabemos é que há soluções que funcionam e soluções que não funcionam.

### E em Portugal, qual é o panorama?

Haver inovação. Além disso, a verdade é que a escola de hoje não é igual à escola de há 30 anos atrás, na medida em que temos professores com muito mais habilitações. Não só está a mudar o enquadramento regulatório da ação escolar, como estão a mudar os atores na escola. E a nossa esperança com congressos como este é trazer boas práticas a Portugal, não só através de autores consagrados, mas também de exemplos concretos que possam encontrar terreno fértil para se desenvolver. JL



**ip** INQUIETAÇÕES  
PEDAGÓGICAS

# A Educação e o próximo governo



“Os programas dos vários partidos são muito semelhantes – pelo menos no que diz respeito à educação. O da Coligação PaF não corresponde nem ao que o último governo fez, nem ao que o próximo fará se a coligação ganhar” – avisou José Pacheco Pereira na última tertúlia das ‘Inquietações Pedagógicas’ que teve lugar, como habitualmente, na Escola Superior de Educação de Lisboa em finais de Setembro, ainda antes das eleições. E recomendou ainda: “As ‘Inquietações Pedagógicas’ travam um combate de retaguarda, desenvolvem uma notável ação de resistência, mas têm que enquadrar politicamente a pedagogia.” Aqui fazemos a síntese possível do essencial do que foi dito naquela tertúlia, por entendermo não ter perdido a oportunidade

**ORA JUSTAMENTE...**

A coligação PSD/CDS considera Portugal “um país naturalmente pobre”, que, nos últimos anos (ou desde o 25 de Abril?) “viveu acima das suas possibilidades”, tem uma “economia artificial”, associada ao Estado. Esta economia permitiu que se desenvolvesse uma classe média constituída por pessoas com padrões de comportamento

diferentes dos dos seus pais cuja pobreza os obrigou a trabalharem toda a vida procurando poupar o suficiente para obterem alguns bens e assegurarem uma velhice minimamente tranquila. Ora para “os filhos de Abril” (como para as classes médias de outros países), a prioridade já não é poupar visto que beneficiam dos mecanismos públicos da segurança social. Podem consumir – não tanto bens materiais mas um estilo de vida que permite férias, lazer, o gozo de bens culturais e designadamente de educação.

Desvalorizando a educação como o fez o último governo, anula-se o seu papel de “elevador social”, destroem-se as classes médias e, num círculo vicioso demolidor, desvaloriza-se cada vez mais a escola pública e os professores. Esta estratégia corresponderá a um projecto “claro e coerente para o país” de economia ultra-liberal.

Vários analistas, incluindo alguns dos presentes no debate das ‘Inquietações Pedagógicas’, consideram que a coligação parte do pressuposto que a economia portuguesa não tem possibilidade de vingar no mundo globalizado e que, para tornar o país mais apelativo ao investimento, é preciso torná-lo



**Teremos de continuar a defender a educação e a escola pública, denunciando e contrariando as medidas perversas que as desvalorizam**

mais rentável para os potenciais investidores, o que, no curto prazo, implica reduzir os custos para as empresas. “É preciso reduzir o valor do trabalho” terá dito Pedro Passos Coelho.

A forma mais fácil e expedita incide nos salários, nos impostos e nas contribuições para a segurança social. Para o efeito criam-se leis com efeitos retroactivos, infringindo o princípio mais básico do direito e provocando sentimentos de insegurança e medo do futuro. Aplicam-se taxas e impostos não incluídos no orçamento aprovado na Assembleia da República. Reduzem-se salários, “desregulamentando as relações laborais, destruindo a

negociação colectiva, permitindo a generalização da precariedade, mantendo o desemprego elevado e reduzindo as condições de acesso ao subsídio de desemprego (para forçar os trabalhadores desempregados a aceitar salários mais baixos)” (v. Ricardo Pais Mamede, blog “Ladrões de bicicleta”, 27/9/2015). Corta-se nos serviços do Estado e sobretudo nas despesas sociais com a saúde, a proteção social e a educação.

Os efeitos destas políticas serão um país mais pobre, mais desigual, com mais desemprego, menos segurança e piores serviços, como... a educação!

Assim, é provável que o próximo governo continue com um discurso “doce” de rigor, exigência, eficácia e qualidade para a política educativa – do qual a opinião pública muito dificilmente poderá discordar mas que esconde o objetivo de tornar a educação num mercado educacional e de desvalorizar a escola pública. Essa política criará uma escola menos democrática, com menos equidade, que aumentará o fosso entre privilegiados e desfavorecidos e que acabará com a capacidade de a educação poder contribuir para a mobilidade social.

Como afirmava Pacheco Pereira, “o próximo governo vai encontrar *think tanks* conservadores e ideológicos, como nunca tinha acontecido em Portugal. Trata-se de um conjunto de olhares sobre o país que tem reflexos na educação. Resultou da conjugação de um importante investimento dos grandes interesses económicos nos media mais modernizados como o *Observador* e ligados a associações e a universidades como a Universidade Católica e a Universidade Nova. Criaram *think tanks* muito conservadores com condições para ter expressão em intervenções públicas. Com meios e recursos, colocaram-se em lugares decisivos da nossa vida pública. Este sistema encontramos-lo em fundações, associações empresariais, nos media, no jornalismo económico... conjuntos de ideias onde o governo foi buscar inspiração e que o próximo governo vai continuar a incorporar.” (citado de memória)

Encontramos essas ideias subjacentes a práticas do anterior governo como no respeitante à avaliação da qualidade da educação. Quem não estará de acordo em desejar que a educação melhore? Mas avaliar a qualidade da educação segundo critérios transferidos do campo empresarial vai permitir uma falsa e injusta hierarquização das escolas. Com os célebres *rankings* distinguem-se as “boas” das “más” escolas. As escolas com “bons resultados” vão ser premiadas com mais professores e mais horas. As escolas com piores resultados – que tanto necessitariam de mais professores para poderem apoiar os alunos com dificuldades – vão ter que se “esforçar” para terem acesso a mais financiamento.

Com estes critérios de avaliação que têm em conta apenas os resultados dos exames dos alunos, e não o

seu estado à partida nem a sua eventual selecção nem ainda os progressos realizados por todos e sobretudo pelos mais necessitados, as diferenças entre as escolas serão cada vez maiores. Assim se vai, calmamente, criando guetos, agravando as diferenças e as dificuldades e acabando com a escola democrática e com o seu papel emancipador.

**A EDUCAÇÃO ORIENTADA PARA O MERCADO DE TRABALHO**

Para satisfazer o mercado de trabalho esta Escola oferece à sociedade alunos pré selecionados segundo os critérios que interessam às empresas: quadros qualificados e mão de obra barata. Esta é a razão para a obsessão de se realizarem tantos exames na escola pública e para se pretender canalizar precocemente para vias profissionais muitos alunos, com o argumento de que nem todos gostam de estudar. Mais uma vez se contraria o papel da educação numa sociedade democrática de promover a integração e a mobilidade social.

Outras medidas do anterior governo envolveram estratégias de centralização e descentralização, a redução dos currícula, a extinção de programas bem sucedidos de educação de adultos e o apoio à imprópriamente chamada liberdade de ensino.

Com tal governo, concluiu-se, no debate organizado pelas ‘Inquietações Pedagógicas’, teremos de continuar a defender energeticamente a educação e a escola pública, denunciando e contrariando as medidas perversas que as desvalorizam.

**PODERÁ A EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA SOBREVIVER NO ACTUAL CONTEXTO ?**

Um caminho possível será também explorar as contradições internas, tomando a sério o compromisso que constitui um programa eleitoral, apoiando e exigindo o cumprimento de medidas nele enunciadas como o aumento da oferta do pré-escolar e das oportunidades de reingresso no sistema educativo aos maiores de 18 anos, o reforço do combate ao insucesso escolar e o reconhecimento da autonomia das escolas, pelo menos quanto às formas de se organizarem para encontrar respostas adequadas à sua população e às suas dificuldades.

Por aqui continuaremos a defender a escola pública como instrumento de conhecimento, de liberdade, de coesão, de promoção social e de democracia. Apoiaremos as práticas pedagógicas que sejam coerentes com um ideal de sociedade democrática, igualitária, inclusiva e informada e que promovam um espírito pensante, livre e solidário. **JI**

**LINKS DAS INQUIETAÇÕES PEDAGÓGICAS**

[pedagogicasinquietacoes@gmail.com](mailto:pedagogicasinquietacoes@gmail.com)  
[inquietacoespedagogicasii.blogspot.pt](http://inquietacoespedagogicasii.blogspot.pt)  
[www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas](http://www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas)  
[www.youtube.com/user/inquietPedagogicas](http://www.youtube.com/user/inquietPedagogicas)



T

› AUTORRETRATO DE PROFESSOR ‹



João Jaime Pires

# A luta por uma Escola digna e participada

Nasci e vivi em Alhandra até aos 33 anos de idade. Se tomarmos como verdadeira a afirmação do filósofo espanhol José Ortega y Gasset – “Eu sou eu e minha circunstância” – este facto torna-se relevante para compreender a pessoa que fui sendo e que se transformou na pessoa que hoje sou.

Em outubro de 1973, com quase 18 anos, assisti, no Cineteatro Salvador Marques, a um comício da CDE, cujo orador principal foi José Manuel Tengarrinha. As suas palavras foram importantes no meu despertar para as causas públicas e para a luta antirregime, que em Alhandra tinha forte enraizamento popular. O 25 de Abril deu-se escassos meses depois e o sistema de ensino entrou em reestruturação. Particpei nas campanhas de alfabetização utilizando o método de Paulo Freire (por junção de sílabas). A primeira palavra que ensinámos foi *ti-jo-lo*, dotada de uma carga simbólica assinalável tendo em conta que cresci na vizinhança da casa onde Soeiro Pereira Gomes “observava a luta trágica dos operários para sobreviver”.

O escritor neorrealista constituiu para mim uma referência inelével, tanto mais que ao participar na formação do Grupo de Teatro atribuímos-lhe, em 1974, o nome da sua obra mais emblemática, *Esteiros*, novela em que se pode ler na dedicatória “aos filhos dos homens que nunca foram meninos”. Também batizámos a escola de Alhandra com o nome Soeiro Pereira Gomes.

A vontade de intervir numa comunidade com uma vida participativa intensa, com muitas coletividades, associações e com problemas muito específicos, nomeadamente ambientais, pela proximidade à fábrica de cimento, conduziu à minha eleição para presidente da Junta de Freguesia e esteve na origem da minha preocupação com as questões relativas à Educação, à Cultura e ao Desporto. Esta minha experiência como autarca ensinou-me que há um princípio pelo qual vale a pena nortear a nossa vida cívica e política: a prossecução do bem comum e a prioridade do interesse público sobre o interesse individual.

A minha vocação e disponibilidade para participar na gestão de várias instituições e, em particular, nas escolas por onde passei, foi uma constante desde 1985, quando fui vogal do Conselho Diretivo da Escola

Secundária Gago Coutinho, seguindo-se, entre 1989 e 1992, a presidência da Comissão instaladora e, posteriormente, do Conselho Diretivo da Escola C+S de Alhandra.

Na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, onde ingressei em 1993, interessei-me, desde logo, pelo conhecimento e melhoria das condições de trabalho dos alunos, dos funcionários e dos professores, o que me levou a assumir cargos executivos e pedagógicos, os quais me permitiram intervir diretamente na alteração dessas condições. Em 1994 fui eleito, direta e democraticamente, pela comunidade escolar, para desempenhar cargos nos diversos órgãos de gestão da Escola.

O decreto-lei n.º 75/2008, atualmente em vigor, veio substituir o sistema de gestão democrático e participativo das escolas, impondo uma gestão unipessoal e centralizada na figura do diretor. É um modelo que não defendo e contra o qual sempre me manifestei e continuo a manifestar. A Escola é um todo onde todos participam e para o qual todos contribuem, na medida das suas competências e responsabilidades, e onde quem coordena a gestão deste todo é uma equipa que inclui vários elementos da direção, os quais necessariamente se articulam com os outros órgãos da escola, nomeadamente o Conselho Pedagógico e o Conselho Geral. E é assim que funciona!

Em consequência, a razão de ser da minha candidatura a diretor foi e continua a ser apenas uma: procurar responder às políticas educativas, com a missão de manter o Projeto Escola Secundária de Camões em condições de qualidade e equidade, da forma mais eficaz e eficiente possível, contribuindo para a promoção do diálogo entre todos os intervenientes e valorizando sobretudo a função da missão de serviço público que nos está confiada. Os desafios



**João Jaime Pires, 59 anos, licenciado em Administração Escolar e Educacional com Profissionalização na disciplina de Matemática, e engº em Energia e Sistemas de Potência, com um largo currículo de intervenção e em funções de gestão em várias Escolas. Na prestigiosa Escola Secundária (ex Liceu) Camões, em Lisboa, a partir de 1994, e como diretor, desde 2008, quando o cargo foi ‘restabelecido’**

de gestão de uma escola pública são, no contexto político, social e económico, de uma dificuldade quase inimaginável para quem os observa de fora. As alterações nos vários domínios da educação obrigaram os vários órgãos e responsáveis da escola a uma atenção redobrada para minimizar os efeitos dos conflitos e promover a qualidade do ensino público.

Nesse contexto, tomaram-se opções de política educativa em nome do aumento do rigor, da exigência e do combate ao duvidoso facilitismo tão ao gosto de um senso comum saudoso de uma escola do passado. Com base nestas opções estamos a voltar a uma Escola seletiva próxima da que eu experienciei enquanto estudante. *In illo tempore*, poucos eram os que chegavam ao ensino superior. A Escola de antes ensinava-nos os caminhos-de-ferro e as estações, os reis e a tabuada decorada tantas vezes sob o jugo do medo da reguada. Não tenho dúvidas de que os jovens de hoje são mais bem preparados academicamente do que eu fui.

Por reconhecer a importância do ensino profissional (fui durante 14 anos coordenador pedagógico de duas escolas profissionais, em Lisboa) considero que este deve ser valorizado e constituir uma alternativa de primeira escolha dos alunos e não uma resposta ao insucesso ou ao abandono escolar, principalmente em idades precoces, como está atualmente a acontecer no ensino vocacional.

Sobretudo não podemos cair na ilusão de que uma saída profissional para uma área mais técnica pode prescindir de uma formação globalizante que integra as ciências, as humanidades, as tecnologias e as expressões, a única capaz de formar cidadãos dotados de criatividade e de capacidade crítica, e apetrechá-los com as ferramentas indispensáveis para poderem responder aos desafios colocados pelas sociedades atuais, mais complexas, livres e inclusivas.

Considero que o reconhecimento público do Projeto

Liceu/Escola Secundária Camões, expresso das mais variadas formas ao longo de um século, reflete a qualidade e a coerência das práticas que dele decorrem. O espaço onde se situa a Escola, apesar de velho e degradado, foi pensado, arquitetado e executado para ser Escola com E maiúsculo (curiosamente o edifício tem a forma de um E). É um espaço de reconhecida relevância histórica, classificado como monumento de interesse público, por onde passaram inúmeras figuras de relevância nacional e em que os alunos se apropriam do espaço e o vivem de um modo muito próprio, criando uma relação de pertença que fica registado nas suas memórias. Apesar de sucessivas iniciativas por parte de antigos e atuais alunos, funcionários, professores, pais e encarregados de educação, para chamar a atenção para o estado em que o edifício se apresenta, ainda não houve, por parte dos responsáveis, respostas conducentes à recuperação e valorização do edifício.

O meu contributo pretende posicionar a Escola Secundária de Camões como instituição de referência, como espaço de vivências enriquecedoras e potenciadoras de escolhas múltiplas com um denominador comum: o sucesso, suportado numa visão em que a cultura, nas suas múltiplas aceções, assume um lugar central, no respeito pela pessoa e pelas suas sensibilidades, posicionando-se de um modo mais abrangente e integrador na vida de cada membro da comunidade escolar. A minha luta é por uma educação capaz de transformar crianças e jovens em membros efetivos da humanidade.

A questão cultural é para mim decisiva. Na Escola promovemos e proporcionamos um conjunto variado de atividades extracurriculares tais como a música, o teatro, o cinema, o canto, a literatura, a história, o desporto, a dança e as artes. A Escola tem protocolos com a Antena2, a Orquestra Metropolitana, o cineclube ABC, a Casa da América Latina, entre outros. Às escolas está confiada uma missão de serviço público insubstituível: dotar cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se ativamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do país.

Esta tem sido a minha maior motivação para dar continuidade ao Projeto Escola Secundária de Camões – coisa que, obviamente, não imaginei quando, com 10 anos de idade, entrei neste mesmo espaço, vestido de casaco de veludo com um barco em filigrana bordada no bolso, e de gravata, que agora não uso, para realizar o exame da 4.ª classe de admissão aos Liceus. JL



# CAMÕES

**CAMÕES**  
INSTITUTO  
DA COOPERAÇÃO  
E DA LÍNGUA  
**PORTUGAL**

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Nº 222 - 14 a 27 de outubro de 2015  
Suplemento da edição nº 1175, ano XXXV,  
do JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias  
com a colaboração do Camões, I.P.

Mostra Portuguesa em Espanha apresenta:

# PORTUGAL ALIVE 15

LINDA MARTINI

NOISERV

CAPIÇUA

BARCELONA

2 de Outubro  
SALA APOLO

MADRID

3 de Outubro  
JOY ESLAVA

pág. 2

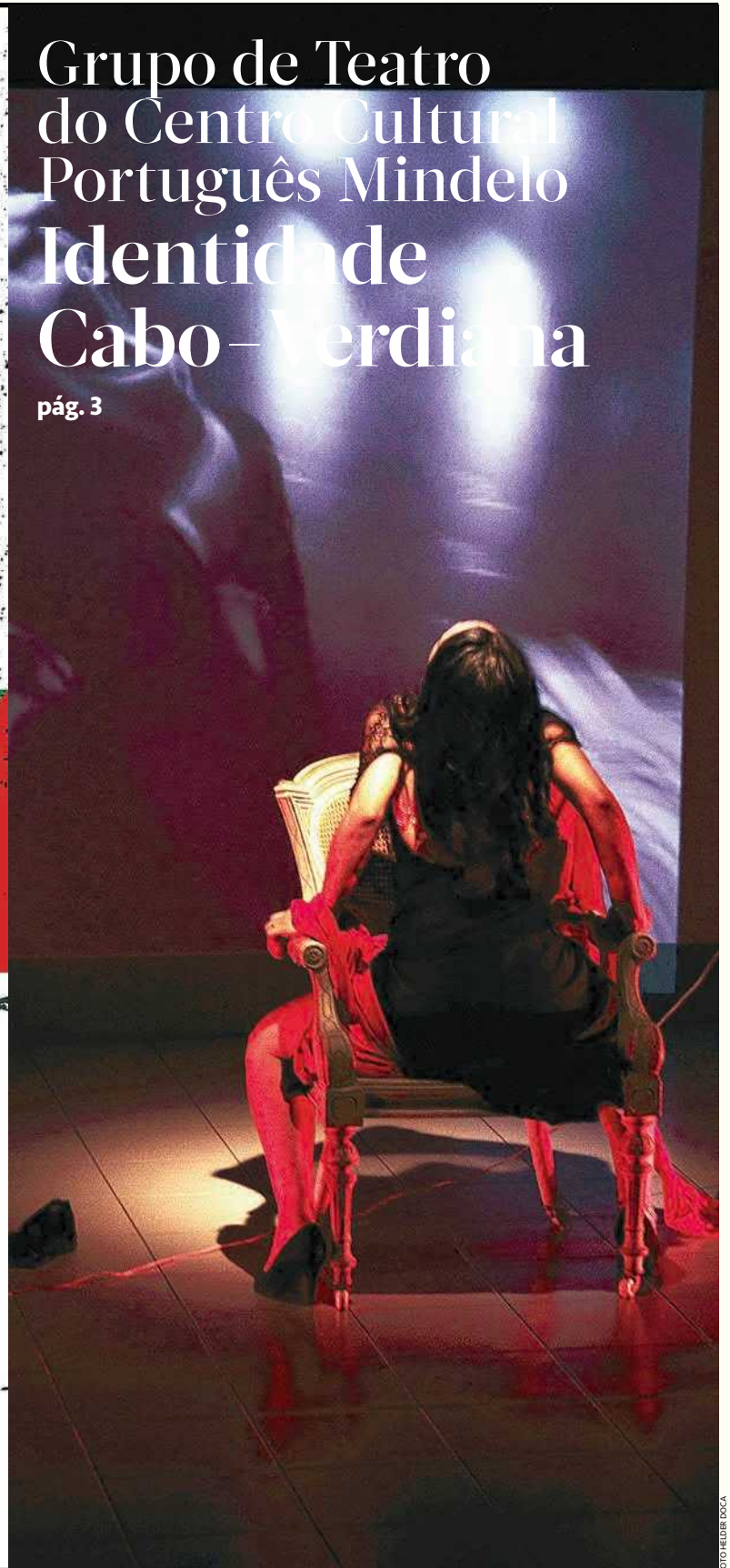
ENTRADA LIVRE

CAMÕES  
INSTITUTO  
DA COOPERAÇÃO  
E DA LÍNGUA  
PORTUGAL  
COOPERAÇÃO PORTUGUESA

XIII  
mostra  
portuguesa

## Grupo de Teatro do Centro Cultural Português Mindelo Identidade Cabo-Verdiana

pág. 3



Portugal recebeu  
*World Best News*

Pág.4

Galiza: 100  
anos da revista  
*Orpheu*

Pág.4

Companhia  
*Olga Roriz*  
no SIDance 2015  
em Seul

Pág.4

*Bobô* no festival  
SCOPRIR  
de Roma

Pág.4



## Mostra Portuguesa em Espanha 2015 Pop/rock e outros fados

❗ O festival de música *pop/rock* portuguesa *Portugal Alive* abriu a 2 de outubro a XIII Mostra Portuguesa (MP) em Espanha – um dos maiores eventos culturais anuais portugueses no exterior. O arranque ocorreu em Barcelona, e no dia seguinte em Madrid, cidade que, em anos anteriores, acolheu quase sempre solitária o espetáculo de abertura da MP, que conta com o apoio do Camões, I.P.

Noiserv, Capicua e Linda Martini foram os grupos que se apresentaram na Sala Apolo de Barcelona, que em 2014 acolheu também a primeira edição do festival organizado pelo Consulado-geral de Portugal em Barcelona.

Apesar dos constrangimentos orçamentais que se continuam a fazer sentir, a MP de 2015 – da responsabilidade do conselheiro cultural português em Madrid, Pedro Berhan da Costa, no posto desde junho –, continua fiel à linha de oferecer ao público espanhol no Outono/Inverno um conjunto de eventos que procura dar a conhecer a cultura portuguesa em várias áreas – música, artes plásticas, *design*, cinema, fotografia, teatro, literatura, história.

«Houve a preocupação de dar uma imagem tão completa e abrangente quanto o possível da realidade cultural portuguesa, no âmbito das chamadas indústrias culturais e criativas», explica o conselheiro cultural. A MP de 2015 cobre além de Madrid e Barcelona, as cidades de Sevilha, Santiago de Compostela, Oviedo, Badajoz e Lleida.

Se a muita música dá o tom ao programa, a exposição de obras da



Noiserv, Capicua e Linda Martini

pintora Paula Rego, que inaugura a 20 de outubro na Galería Marlborough, e a exibição em novembro e dezembro da obra *Strangers in the Night*, de Joana Vasconcelos, no reputado Museu Thyssen-Bornemisza, projetam a oferta cultural do MP para um outro patamar, onde também figura a exposição de vídeo-arte de Alexandre

Estrela *Antípodas*, patente no Museu da Rainha Sofia entre dezembro de 2015 e março de 2016.

Ainda no campo da música popular, surge a apresentação em dezembro de Sérgio Godinho no auditório do Centro Cultural Conde Duque (CCCD), de Madrid, com o espetáculo *Liberdade*, estreado em abril de 2014, que passa em revista os «40 anos do Portugal democrático, através do seu repertório» e com o qual o cantor e autor percorreu depois todo o país.

### FADO

Um lugar à parte tem o fado no alinhamento musical da MP 2015, com a realização do Festival Fado Sevilla 2015, organizado por duas produtoras portuguesas, apoiadas por entidades públicas, entre as quais o Camões, I.P. Carminho esteve no concerto de abertura no Teatro Lope de Vega, a 6 de outubro, dia em que Rui Vieira Nery falou no Consulado-geral de Portugal na capital andaluza do ‘fado no feminino: das mulheres fatais às divas da *world music*’, e se viu cinema alusivo ao tema. A 17 de novembro será a vez de Cuca Roseta e a 1 de dezembro de Raquel Tavares. A programação da MP acolhe ainda, entre hoje e domingo o IV Festival Internacional de Fado de Lleida. Em novembro, o fadista Camané canta no Círculo de Bellas Artes de Madrid, enquanto Cristina Nóbrega (em novembro) e Carolina (em dezembro) estão em Oviedo no âmbito do VI Ciclo de Fado *Divas*.

Já a música erudita esteve representada na programação da MP logo a 8 de outubro pela Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música, que tocou obras de Joly Braga Santos, Pedro Amaral e a 5ª Sinfonia de Dmitri Chostakovich no Auditório Nacional de Música, de Madrid. Em dezembro, será a vez da Orquestra XXI, criada em 2013 com o projeto de reunir «jovens

músicos portugueses residentes no estrangeiro, com o duplo objetivo de manter uma forte ligação entre estes jovens e o seu país de origem e de levar momentos musicais de excelência a um público o mais diversificado possível». Vão interpretar no auditório do CCCD a obra de António Chagas Rosa – um compositor português de música clássica contemporânea nascido em 1960 – e a 1ª Sinfonia de Mahler. A música assinada pela Orquestra de Jazz de Matosinhos, acompanhada pelo saxofonista norte-americano Mark Turner, estará em novembro no 47º Festival de Jazz de Barcelona.

Nas artes de palco, a MP 2015 apresentará em novembro, em Badajoz, *Os Emigrantes*, pela Acta – a Companhia de Teatro do Algarve, com encenação de Paulo Moreira. Na sinopse escreve-se que se trata de «uma história atual que, a partir da realidade de dois emigrantes, explora e questiona as entranhas da sobrevivência humana nas sociedades que impõem regras escravizantes e a inutilidade do sacrifício pelos sonhos». Da autoria do polaco Slawomir Mrozek, é ainda «uma história sobre o mito dos regressos e a ausência de liberdade».

Do teatro para o cinema, onde mais uma vez, o público espanhol é convidado em dezembro para um ciclo de homenagem a Manoel de Oliveira no CCCD, com a exibição de algumas das últimas longas-metragens do realizador português. Haverá ainda um debate com Leonor Silveira, a atriz ícone de Oliveira.

### LITERATURA E HISTÓRIA

A Casa da América acolherá por seu lado, em novembro, um ciclo de filmes de João Salaviza – a longa-metragem *Montanha*, estreada em setembro em Veneza, e as duas curtas-metragens premiadas do realizador português – *Arena* (2009), distinguida com a Palma

de Ouro em Cannes, e *Rafa* (2012), que lhe valeu o Urso de Ouro em Berlim. Uma retrospectiva de Salaviza esteve já aliás em Santiago de Compostela, no festival Curto-Circuito, em que a produtora portuguesa ‘O Som e a Fúria’, «com um dos catálogos de curtas-metragens mais prestigiosos de Europa», exibiu filmes de Sandro Aguilar, Basil Da Cunha, Miguel Gomes, João Nicolau e Manoel de Oliveira.

Do cinema para a fotografia para a apresentação em novembro no CCCD da exposição de João Vilhena sobre José Saramago. Desde 2014, as fotografias de Vilhena já foram mostradas em Lanzarote, Barcelona, Sevilha, além de várias cidades portuguesas, segundo a Fundação Saramago.

No âmbito da MP, os dois criadores – Lizá Defossez Ramalho, nascida em Troyes (França) e Artur Rebelo, nascido no Porto – do estúdio R2 Design, vencedor dos Ed-Awards de 2014, dão uma conferência em dezembro na Aula Magna do IED – Instituto Europeu de Design.

A literatura e a história ocupam um lugar significativo na XIII MP, com eventos como o Congresso *Almada Negreiros*, em novembro, na Biblioteca Nacional de Espanha e na Universidade Autónoma de Madrid, o Congresso *Decadência ou Reconfiguração das Monarquias Ibéricas*, em dezembro, na Universidade Autónoma de Madrid, e a apresentação pública na Casa da América, em data ainda a definir, do *Portal temático de literatura hispano-portuguesa*, *La Fundación Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*; por último, a apresentação em novembro, também na Casa da América, da revista *TURIA*, financiada pelo Ministério de Educação, Cultura e Desporto de Espanha, com a edição do último trimestre de 2015 exclusivamente dedicada à literatura e autores portugueses.

## «Presença da cultura portuguesa em Espanha é razoável» – Pedro Berhan da Costa

❗ Pedro Berhan da Costa (Porto, 1959) é conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em Madrid desde junho passado. A este licenciado em Direito, com uma carreira em cargos dirigentes de vários institutos públicos ligados ao cinema e à comunicação social e professor da Escola Superior de Teatro e Cinema, coube a tarefa de, em tempo recorde, organizar a XIII Mostra Portuguesa (MP) em Espanha, uma das mais visíveis iniciativas culturais de Portugal no exterior. Com orçamento reduzido, a MP apostou mais uma vez este ano nas sinergias de «eventos concebidos de raiz pela Embaixada de Portugal, atividades coproduzidas com outras entidades e ações produzidas por terceiros». Pedro Berhan da Costa afirma ainda nesta curta entrevista que «a presença da cultura portuguesa em Espanha é razoável, mas muito aquém do que

seria desejável e, sobretudo, daquilo que o seu potencial e valor lhe permitirá alcançar».

– Dado o clima de grande contenção orçamental que se vive/viveu em Portugal foi difícil montar a MP deste ano?

A MP tem um orçamento contido, mas suficiente para levar a cabo muitas e relevantes iniciativas nos mais diversos domínios culturais. Com mais dinheiro disponível, seria possível programar mais eventos e atividades, sendo certo que a criatividade e a boa cooperação da Embaixada de Portugal com entidades públicas e privadas, nacionais e espanholas, permitirão atingir bons resultados, sem grandes meios financeiros, em muito do que se vier a realizar.

– Quanto custa a Mostra de 2015? Quem financia?

A Mostra Portuguesa beneficia duma

dotação orçamental de 70.000€ do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, e de apoios mecenáticos de muito menor dimensão, nesta altura ainda não quantificados em definitivo.

– Olhando para o programa parece haver uma significativa integração de eventos produzidos de forma independente da MP. Que eventos são especificamente produzidos para a MP ou trazidos a Espanha pela MP?

Na MP de 2015, coexistem eventos concebidos de raiz pela Embaixada de Portugal, atividades coproduzidas com outras entidades e ações produzidas por terceiros, que aceitaram, neste último caso, integrá-la. Em benefício da Mostra, é certo, mas também dos próprios, na medida em que usufruirão de todos os canais de divulgação e promoção que a Mostra lhes confere. Sendo a MP uma iniciativa



Pedro Berhan da Costa

da Embaixada de Portugal em Madrid (e que inclui, também, as iniciativas culturais organizadas pelos consulados-gerais de Portugal em Barcelona e Sevilha), a verdade é que, em última análise, ela pretende ser a grande mostra anual de eventos culturais portugueses realizados em Espanha, independentemente de quem os concebe, organiza ou financia.

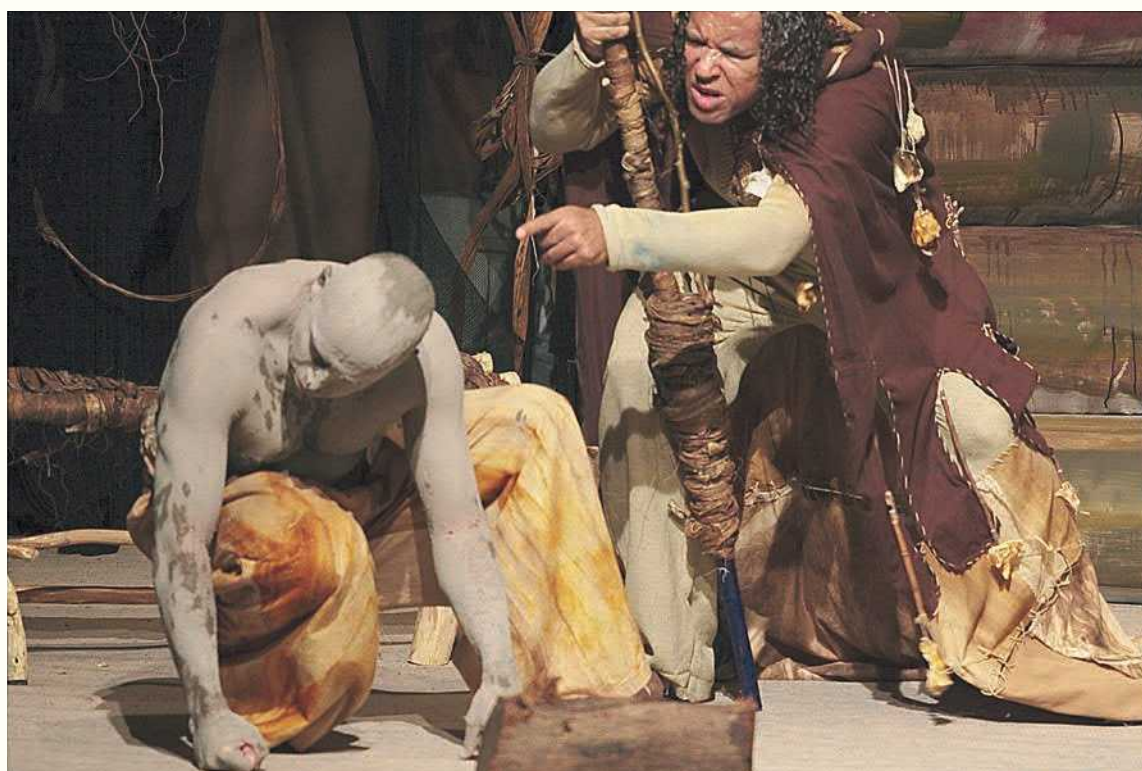
– O que destacaria como “imperdível” na programação deste ano? ‘Imperdíveis’, na MP de 2015, serão todos os eventos programados. É claro

que confrontados com os diferentes gostos e afinidades do seu público potencial, para uns serão ‘imperdíveis’ os concertos musicais, enquanto que outros não quererão perder a oportunidade de ver cinema português que, de outro modo, nunca veriam, por não circular nos circuitos comerciais. – Como está em 2015 e como estará em 2016 a presença da cultura portuguesa em Espanha?

A presença da cultura portuguesa em Espanha é razoável, mas muito aquém do que seria desejável e, sobretudo, daquilo que o seu potencial e valor lhe permitirá alcançar. Espanha, como é sabido, é um país culturalmente muito rico, diversificado e com uma fortíssima capacidade de afirmação. Esta realidade, podendo ser vista como um obstáculo à presença da cultura portuguesa em Espanha, deverá antes ser olhada como um desafio. De resto, no escasso tempo que tenho no exercício das atuais funções, já deu para perceber que existe um real e genuíno interesse dos meios culturais espanhóis na nossa Cultura, em particular, naquilo que ela tem de diferença ou peculiaridade, se confrontada com a cultura espanhola.



## Grupo de Teatro do Centro Cultural Português Mindelo Identidade cabo-verdiana



Tempestad, de Shakespeare (João Branco e Emanuel Ribeiro)

Vinte e dois anos depois da sua criação pelo encenador português João Branco, o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português Mindelo (GTCCPM) continua a marcar a cena teatral cabo-verdiana, a partir da ilha de São Vicente. O grupo esteve em agosto no Brasil, em Teresina, no festival FESTLUSO, onde apresentou a sua 51ª produção, *Quotidiano - Esta Não É Uma História de Amor*, espetáculo resultante de um processo de escrita que envolveu 4 escritores - Rui Zink (Portugal), Mena Abrantes (Angola), Abraão Vicente (Cabo Verde) e Ivam Cabral (Brasil).

Segundo João Branco, que é também o diretor do polo do Mindelo do Centro Cultural Português (CCP)/Camões, I.P., estão previstas 2 novas produções para 2016. Na primeira, *A Metamorfose*, de Franz Kafka, obra publicada em 1915, o grupo «volta aos clássicos», numa adaptação realizada pelo dramaturgo cabo-verdiano Caplan Neves. A estreia é no início de março. A segunda produção é um projeto ainda sem título, com texto original de José Luis Peixoto, e 3 mulheres no elenco, uma brasileira, uma portuguesa e uma cabo-verdiana. «Uma reflexão crítica, divertida e irónica sobre a lusofonia», garante João Branco. Coprodução com o Teatro Municipal Rivoli, estreia no Porto na primeira semana de setembro de 2016.

### PAPEL RECONHECIDO

O papel pioneiro do GTCCPM no



Mar Alto, de Mrozec e Eugénio Tavares (com Manuel Estevão, Fonseca Soares e Paulo Santos)

teatro cabo-verdiano é reconhecido. Teresa Sofia Fortes, jornalista cabo-verdiana, escreveu que, «ao promover, em fevereiro de 1993, o 1º curso de Iniciação Teatral, o CCP do Mindelo, plantou a raiz do mais importante grupo de teatro de Cabo Verde». O crítico teatral português Manuel João Gomes, falecido em 2007, considerou o GTCCPM «um dos mais importantes grupos de teatro dos países africanos de expressão portuguesa». E o artista plástico cabo-verdiano Abraão Vicente, destacando o caráter seminal do grupo, afirmou que «chega de traçar labirintos para dizer o básico sobre o teatro feito em Cabo Verde a partir da última década do século XX e até à atualidade. Há um marco e esse marco é

vincado em fino papel pelo teatro do GTCCPM». Para ele, percorrer as 50 peças do Grupo «é muito rapidamente concluir que o melhor que se fez na cena artística cabo-verdiana (...) mora nesse antro de experimentação e ousadia», acrescentou Abraão Vicente.

Aspeto decisivo da sua identidade é o facto de, como sublinha João Branco, o grupo se assumir, artística e esteticamente, como «uma companhia de teatro cabo-verdiana». «Isso passa, claro, pela questão da língua», acrescenta. «Utilizamos sem complexos as duas línguas, numas produções só o cabo-verdiano, noutras só o português, na maioria a peça é bilingue, à imagem do país». Por outro lado, refere, «tendo em

conta que a internacionalização passa pelo mercado emergente dos festivais em língua portuguesa, muitas das produções em cartaz são encenadas em português». Em 22 anos, o GTCCPM participou em mais de 40 eventos internacionais de artes cénicas e apresentou-se em países como Brasil, Espanha, França, Holanda, Itália e Portugal, «mostrando que o teatro em Cabo Verde é hoje uma arte em plena ascensão».

A identidade cabo-verdiana está bem expressa no seu público, que «é absolutamente transversal à sociedade, em termos de faixas etárias e grupos sociais». «Todos vão ao teatro e este torna-se um bem de primeira necessidade», sublinha João Branco, que exemplifica com o festival de teatro Mindelact de 2015, que teve cerca de 5 mil espetadores diretos, numa ilha que tem cerca de 70 mil habitantes.

### HISTÓRIA

Nascido em 1993, o grupo começou por ser um curso de iniciação teatral ministrado por João Branco no Mindelo. E, segundo o seu mentor, essa vertente de formação continua a ser desenvolvida em paralelo no CCP. Dessa forma, diz, «o grupo vai substituindo os elementos que saem, captando os alunos mais versáteis, tendo dado origem a um elevado número de novos atores, considerados como a nova geração de atores do teatro cabo-verdiano, uma expressão que já não faz muito sentido, tendo em conta que o CCP já formou, nos últimos 22 anos, várias gerações de agentes para o teatro cabo-verdiano». E, «embora haja atores e atrizes que só trabalharam no GTCCPM, hoje a tendência é que mesmo os mais veteranos estejam a apostar em projetos próprios e autónomos, muitas vezes com o apoio institucional do próprio CCP - Mindelo».

Não sendo fixo, em cada nova produção o elenco é formado a partir do que são as disponibilidades das primeiras escolhas do encenador e da vontade destes e nicos - a colocar em cena obras de Germano Almeida (*Os Dois Irmãos*, *Agravos de um Artista* e *Mulheres na Lajinha*) ou do único Prémio Camões de Cabo Verde, o poeta Arménio Vieira (*No Inferno*), diz o encenador, acrescentando que o GTCCPM foi também o primeiro a encenar originais de novos dramaturgos como Mário Lúcio Sousa (*Salon*), Francisco Cruz (*Telemania* e *Auto de Holanda*) ou Caplan Neves (*Teorema do Silêncio*).

A segunda orientação pretende a crioulação cénica de obras da literatura universal, peças de teatro, romances ou contos, ou seja, «a adaptação e apropriação de textos originalmente estranhos à cultura e história de Cabo Verde, ao contexto local do ponto de vista histórico, social, cultural e linguístico» - Shakespeare, Garcia Lorca, Molière e ainda autores portugueses como Raul Brandão, Vicente Sanches e Eça de Queirós.

O CCP tem sido um importante viveiro de novos projetos teatrais, mas João Branco refere que «hoje a dinâmica multiplicou-se e existem vários projetos teatrais em Cabo Verde que não têm a sua intervenção direta», facto que saúda e que classifica como «projetos de segunda geração». Aqueles que estão a decorrer nos liceus do Mindelo foram iniciados, e alguns ainda existem, coordenados por professores que fizeram o curso de iniciação teatral no CCP Mindelo, exemplifica.

O GTCCPM não é aliás o único dos grupos residentes no CCP, indica o seu responsável. A *Trupe Pará Moss*, também conta com o apoio institucional do CCP Mindelo e outras companhias pedem apoio para ensaiar e apoio técnico em material de iluminação. «É muito raro o espetáculo teatral que ocorra no Mindelo e não tenha algum suporte da nossa instituição», diz.

Além da produção, o CCP Mindelo promoveu as 15 edições do *Curso de Iniciação Teatral* e tem a Oficina Permanente de Teatro para Crianças *Sukrinha* que, com 3 anos de duração, «tem tido um sucesso considerável e é caso único em Cabo Verde».

### MINDELACT

Na ação do polo do Mindelo está ainda a ligação à Associação Mindelact, que trouxe a Cabo Verde «vários outros profissionais que desenvolveram projetos e atividades fora do âmbito do programa do CCP», incrementando o dinamismo teatral local.

João Branco refere que o festival teatral Mindelact, enquanto ideia e conceito, nasceu dentro do CCP do Mindelo, o GTCCPM foi fundador do festival e muitos dos seus membros foram sócios e dirigentes da associação. «Talvez por isso, durante algum tempo houve alguma confusão entre as duas estruturas». Mas, sublinha, essa confusão «não faz qualquer sentido, até porque o Mindelact nunca foi, nem será, uma companhia de teatro e tem elementos de vários grupos de teatro de Cabo Verde».

João Branco rejeita que o GTCCPM se integre «na estratégia do CCP». «É toda a programação dedicada às artes cénicas que tem neste centro cultural um polo de desenvolvimento absolutamente essencial em todos os aspetos, o que permite que este seja um centro cultural com um nível de aceitação elevadíssimo na população em geral, e que granjeie uma admiração e respeito pelo seu trabalho, da classe artística, dos intelectuais e restantes instituições da cidade, em particular. O teatro tem sido importantíssimo para o incremento do CCP Mindelo na agenda cultural da cidade e para manter a sua presença praticamente constante ao longo do ano na comunicação social, que também vem dando ao teatro uma atenção cada vez maior».



## Portugal recebeu iniciativa World Best News



Portugal recebeu a 11 de setembro, no âmbito do Ano Europeu para o Desenvolvimento (AED), a iniciativa europeia *World Best News*, que decorreu em simultâneo em vários países da Europa. Vinte mil exemplares de jornal foram distribuídos gratuitamente por 250 “ardinas” voluntários, de várias idades. O conteúdo, traduzido para português, foi igual a nível europeu, excetuando o editorial, que foi adaptado à realidade de cada um dos países participantes.

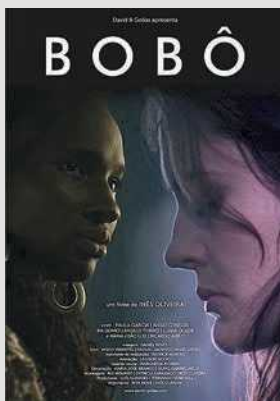
A iniciativa resultou de uma parceria entre a Comissão Europeia e a *World Best News* (<http://worldsbestnews.dk/>) e em Portugal foi dinamizada pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. enquanto entidade coordenadora do AED, em conjunto com vários parceiros, como a Câmara Municipal de Lisboa. O evento pretendeu contribuir para a construção de uma comunicação positiva, com divulgação de notícias na área do desenvolvimento.

Esta ação já se realiza desde há quatro anos na Dinamarca, sendo que neste Ano Europeu para o Desenvolvimento se pretendeu o envolvimento do maior número de Estados membros possível, com o objetivo de criar um momento de comunicação que passasse uma mensagem forte e positiva do trabalho desenvolvido na área da Cooperação para o Desenvolvimento pela União Europeia.

Os jornais foram distribuídos por voluntários, em todo o país, de forma a conseguir-se uma maior abrangência territorial e chegar a vários públicos. Todos os voluntários estiveram identificados com *t-shirts* da iniciativa. Os jornais também foram distribuídos como encarte num jornal diário de grande tiragem.

Uma das voluntárias da ação de distribuição foi Cláudia Semedo, embaixadora do AED para Portugal, que esteve no Cais do Sodré, em Lisboa, ao lado de Ana Paula Laborinho, presidente do Camões, I.P. A Câmara Municipal de Lisboa, cidade que é este ano capital europeia do voluntariado, também teve voluntários na distribuição do jornal, como o vereador dos pelouros da Segurança, Proteção Civil e Relações Internacionais, Carlos Castro, e o vereador do pelouro dos Direitos Sociais, João Afonso. Os jornais foram distribuídos ainda em Aveiro, Barcelos, Elvas, Faro, Leiria, Mértola, Câmara de Lobos (Madeira), Ponte de Lima e Porto.

## Bobô de Inês Oliveira no festival SCOPRIR de Roma



O filme *Bobô* (2013), de Inês Oliveira, representou Portugal no festival de cinema SCOPRIR – IV Mostra do Cinema Ibero-Americano, que decorreu em Roma de 8 a 11 de outubro, ao lado de películas do Chile, Colômbia, Espanha, Guatemala, Itália, México, Nicarágua, Peru e Venezuela.

A obra da realizadora portuguesa já tinha estado presente no Festival di Cinema Donne de Florença em 2014, onde obteve assinalável sucesso, sendo a primeira vez que é mostrada ao público romano.

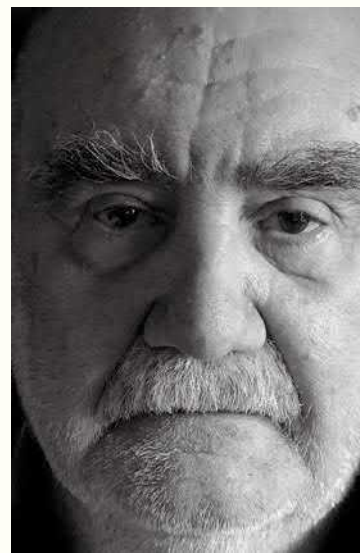
O filme de Inês Oliveira aborda o tema da mutilação genital feminina na comunidade guineense de uma forma ficcionada. O filme é construído a partir da história do conhecimento que Sofia – que vive isolada no seu apartamento em Lisboa, só saindo para trabalhar – trava com Mariama, uma jovem mulher da Guiné-Bissau, e da união das suas forças quando nas suas vidas entra Bobô, uma criança da comunidade de Mariama que corre o risco de ser submetida a um ritual de mutilação genital.

Inês Oliveira estudou entre 1994 e 1997 na escola AR.CO e de 1997 a 2000 na Escola Superior de Teatro e Cinema, especializando-se na montagem de som. A primeira experiência de filmagem fora do âmbito académico foi *O Nome e o N.I.M.*, que em 2003 foi apresentada no Festival de Vila do Conde.

## Galiza Herberto Helder e Lídia Jorge nos 100 anos da revista Orpheu

Herberto Helder e Lídia Jorge vão ser o foco da sessão que a 17 de outubro em Santiago de Compostela, na Galiza, assinala os 100 anos da revista *Orpheu* no âmbito de mais uma sessão do ‘Nexos. Ciclo de Cultura Contemporânea’, iniciativa da responsabilidade da Fundação Cidade da Cultura, uma entidade criada em 1999 pela Junta da Galiza.

A literatura portuguesa depois da revista «*Orpheu*» é tema da sessão coorganizada com o Centro Camões em Vigo, dirigido por João Ribeiro, em que é esperada a intervenção de vários especialistas – Antonio Cardiello, investigador, editor da obra pessoal e consultor da Casa Fernando Pessoa, que apresentará a revista *Orpheu*, Rosa Maria Martelo, professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigadora, ensaísta e poetisa, que falará de Herberto Helder, Carlos Quiroga, escritor e professor universitário (USC), que lerá textos que selecionados da revista, de Herberto Helder e de Lídia Jorge; e a própria Lídia Jorge, que falará da sua escrita e das suas leituras.



Herberto Helder

Num curto texto de apresentação da iniciativa, Ribeiro escreveu que, há 100 anos, «a revista portuguesa *Orpheu* foi ‘o primeiro grito moderno que se deu em Portugal’, nas palavras de Almada Negreiros» e é «esse grito inaugural» que leva agora a propor «um arco temporal (1915-2015) de

volta imperfeita sobre a Literatura Portuguesa», relativamente à qual «não se pretende uma visão completa» por não serem «credivéis essas panorâmicas ou voltas perfeitas».

«Se os últimos cem anos de literatura são devedores da revista *Orpheu*, como nos parece ser o caso, podemos dizer, prolongando o jogo parodístico protagonizado por Herberto Helder na curta-metragem *As Deambulações do Mensageiro Alado* (Gonsalves Preto, 1969), que o que se pretendeu foi trazer dois retratos em movimento das letras portuguesas contemporâneas: Herberto Helder (1930-2015), um dos maiores nomes da riquíssima poesia portuguesa do século XX, e a romancista Lídia Jorge, que virá falar na primeira pessoa da sua escrita».

A sessão contará com a exibição da curta-metragem *As Deambulações De Um Mensageiro Alado*, que foi o resultado de «muitas cumplicidades (técnicas, artísticas e poéticas)». «Um anjo (Carlos Paulo, um dos fundadores do teatro da Comuna, aqui ainda adolescente) caminha pela cidade de Lisboa e atrás dele segue uma câmara de filmar. Do percurso pela cidade de Lisboa faz parte uma paragem num café onde está Herberto Helder com *A colher na boca* (título de um livro de poemas publicado em 1961) e, assim, se inicia uma paródia do poeta com alguns dos títulos da sua obra, levados à letra».

## Companhia Olga Roriz no SIDance 2015 em Seul

O espetáculo de dança *PETS* da Companhia Olga Roriz foi apresentado a 5 de outubro no *Seoul Arts Center*, na capital da República da Coreia, integrado na 18ª edição do *Seoul International Dance Festival*.

Este projeto resulta de uma cooperação entre o SIDance e a Embaixada de Portugal em Seul e contou com o apoio do Camões, I.P.

«Em *PETS*, exploraram-se as contradições das relações entre as pessoas, os momentos de afeto e os momentos outros, aqueles onde deixamos de querer ser únicos e diferentes, para nos misturarmos nesse nós, por vezes tóxico, outras securizante, mas sempre complexo



e cheio de contradições», escreveu João Manuel de Oliveira num texto de apresentação do espetáculo estreado em 2011. *PETS* é ainda «um trabalho que traduz também uma vontade de experimentar, de continuar um processo de repensar a dança, os corpos e as relações humanas», acrescentou.

Já na sua 18ª edição, o SIDance tem dado um «contributo inestimável para a divulgação da dança contemporânea junto do público coreano através da apresentação de um naipe muito variado de dançarinos e coreógrafos de diversos países», segundo uma nota da Embaixada de Portugal, que considerou a participação da Companhia Olga Roriz no festival de dança «um importante contributo para a promoção da cultura portuguesa» e «para o aumento da visibilidade de Portugal junto do público coreano».

A representação diplomática sublinha ainda que «a cooperação entre o SIDance e companhias de dança portuguesas tem vindo a aprofundar-se nos últimos anos com intercâmbios de dançarinos e coreógrafos entre as duas partes».

### Camões no Mundo

**França**  
Conferência *Conflitos geopolíticos no espaço europeu: o exemplo de Calouste Gulbenkian*, com o jornalista e escritor José Rodrigues dos Santos, organizado pelo leitorado de portugueses da Universidade Jean Monnet (Saint-Étienne)/Camões, I.P. Paris, 15 de outubro.

**Itália**  
Jornadas de estudo sobre as relações linguísticas e literárias entre a Itália e o mundo ibérico na Idade Moderna. Organizadas pelas professoras Michela Graziani e Salomé Vuel-

ta, do Departamento de Língua, Literatura e Estudos Interculturais da Universidade de Florença. 23 de outubro.

**Portugal**  
Congresso Internacional *Fidelino Figueiredo – Filosofia e Literatura ‘Um Homem na sua Humanidade’* - organizado pelas faculdades de Letras das universidades do Porto e de Lisboa e pelo Camões, I.P. Porto - 12 e 13 de outubro, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Lisboa - 14 e 15 de outubro, no Camões, I.P. A 14 terá lugar a apresentação do livro de Fidelino Figueiredo *Pyrene*.



**Camões, I.P.**  
Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
[www.instituto-camoes.pt](http://www.instituto-camoes.pt)  
[jlencarte@camoes.mne.pt](mailto:jlencarte@camoes.mne.pt)  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Paula Saraiva  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato



## Madama Butterfly

Tragédia japonesa em dois atos de Giacomo Puccini abre temporada lírica do Teatro Nacional de São Carlos



**Teatro Nacional de São Carlos**  
R. Serpa Pinto, 9. Tel.: 213 253 000  
**E Madama Butterfly**  
De Giacomo Puccini. Tragédia japonesa em 2 atos. Libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa. Direção musical de Domenico Longo. Encenação de Tim Albery. Reposição da encenação de Maxine Braham. Interpretação de Hye-Youn Lee, Cátia Moreso, Carolina Figueiredo, Antonio Gandia, Luís Rodrigues, entre outros. Com a participação do Coro do Teatro Nacional de São Carlos e da Orquestra Sinfónica Portuguesa.  
20, 22, 24, 26, 28 e 30 de outubro - 20h  
1 de novembro - 16h

### ALMADA

**Teatro Municipal Joaquim Benite**  
Av. Prof. Egas Moniz. Tel.: 212 739 360  
5.ª A SÁB., DAS 19H AS 21H30; DOM.,  
DAS 15H AS 19H30. EM DIAS DE ESPETÁCULO  
A GALERIA ESTÁ ABERTA A PARTIR DAS 19H

**E Ping Pong**  
Exposição de AA.

17 de outubro a 31 de dezembro

**T Misterio del**

**Cristo de Los Gascones**

Dramaturgia e encenação de Ana Zamora.  
Interpretação de Alejandro Sigüenza, David Faraco, Elvira Cuadrapani, Nati Vera, entre outros.  
*Conversa com o público: 17 de outubro, às 18h.*  
17 de outubro - 21h30

### AVEIRO

**Museu de Aveiro**  
Av. de Santa Joana. Tel.: 234 423 297  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 17H30

**E Reservas do Museu de Aveiro**  
até 31 de dezembro

### BRAGA

**Theatro Circo**  
Av. da Liberdade, 697. Tel.: 253 203 800  
**A 16.ª Festa do Cinema Francês**  
14 de outubro - 21h30

**E O Theatro e a Arquitetura**  
Sgundo momento do Projeto Memória.  
21 de outubro a 5 de dezembro

**M Moriarty**

16 de outubro - 21h30

**M Ala dos Namorados**

17 de outubro - 21h30

**M Best Youth**

23 de outubro - 21h30

**T Uma Noite na Lua**

Argumento de João Falcão.  
Interpretação de Gregório Duvivier.  
21 de outubro - 21h30

**T Amor de Perdição**

De Camilo Castelo Branco. Encenação de Fernando Pinheiro. Interpretação de Matilde Quintela, Miguel Marado, Ana Rita Pereira, Vasco Oliveira, Diamantino Esperança, entre outros.  
24 de outubro - 21h30

### BRAGANÇA

**Centro de Arte**  
**Contemporânea Graça Morais**  
R. Abílio Beça, 105. Tel.: 273 302 410  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 18H30

**E Graça Morais: Cenários e Figurinos**  
até 10 de janeiro 2016

**E André Gomes:**

**Incandescência das Sombras**  
até 10 de janeiro 2016

### CALDAS DA RAINHA

**Museu José Malhoa**  
Parque D. Carlos I. Tel.: 262 831 984  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 19H

**E Desenho, Pintura, Escultura e Cerâmica dos Séculos XIX e XX em Portugal**  
até 31 de dezembro

**E Projeto MatrizMalhoa - Museu.Cidade.Arte**  
até 28 de abril 2016

**P Descobrir o Museu Através dos Contos Tradicionais**  
Oficinas pedagógicas destinadas a crianças dos 3 aos 5 anos. Marcação prévia.  
até 31 de dezembro

### CASCAIS

**Centro Cultural de Cascais**  
Av. Rei Humberto II de Itália. Tel.: 214 848 900  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 18H

**E Sam Shaw: 60 Anos de Fotografia**  
até 8 de novembro

**E Contemporâneo Desnudo**  
Exposição de José Batista Marques.  
até 22 de novembro

**E Looking For Something**  
Exposição de pintura/instalação e desenho de Mónica Capucho.  
até 13 de dezembro

### ESPINHO

**Auditório de Espinho**  
R. 34, 884. Tel.: 227 341 145

**M Carolina**

16 de outubro - 21h30

### ESTORIL

**Casino Estoril**  
Av. Dr. Stanley Ho. Tel.: 214 667 700  
**T A Noite das Mil Estrelas**  
De Filipe la Féria. Interpretação de Alexandra, Gonçalo Salgueiro, Pedro Bargado, Vanessa, Rui Andrade, David Ripado, entre outros.  
5.ª E 6.ª, 21H30; SÁB., AS 17H E 21H30; DOM., AS 17H  
até 31 de outubro

### ÉVORA

**Galeria da Casa de Burgos**  
R. de Burgos, 5. Tel.: 266 769 450  
**E Antifonários do Mosteiro da Cartuxa de Santa Maria de Scala Coeli**  
até 30 de outubro

**Museu de Évora**  
Lg. Conde de Vila Flor. Tel.: 266 702 604  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 18H  
**E O Museu Que Há**  
até 1 de novembro

**E Tanger de Mui Folgar - Instrumentos de Música Antiga Séculos XVI/XVIII**  
até 8 de dezembro

**E Curiosidades de D. Frei Manuel do Cenáculo**  
até 31 de dezembro

**Igreja do Salvador**  
Tel. (info.): 266 769 450

**E Igreja do Salvador - Encontro Internacional de Arte Jovem**  
até 30 de outubro

**Igreja de S. Francisco de Évora**  
**M Concerto de Órgão**

Concerto inaugural da Igreja de S. Francisco de Évora. Capella Patriarchal. Direção e órgão: João Vaz.  
25 de outubro - 18h

### FARO

**Teatro das Figuras**  
Horta das Figuras, E. N. 125. Tel.: 289 888 100

**M O Mar ao Fundo**

Afonso Dias - voz, guitarra.  
Tânia Silva - voz.

15 de outubro - 21h30

**M Katia Guerreiro: Até ao Fim**

17 de outubro - 21h30

**M O Sonho da Música:**

**Anos 60 - de Portugal à Grécia com Carlos Guilherme**

Com Pequenos Cantores d'Ossónoba, Ossónoba Coro Juvenil, Coral Ossónoba, Carlos Guilherme, Luís Conceição e Trio.  
24 de outubro - 21h30

**T Uma Noite na Lua**

Argumento de João Falcão.  
Interpretação de Gregório Duvivier.  
22 de outubro - 21h30

### FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**Museu e Centro de Artes**  
Av. José malhoa. Tel.: 236 552 195  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 12H30 E DAS 14H AS 18H  
**E Os Caminhos do Naturalismo em Figueiró dos Vinhos. Casos e Mistérios**  
até 30 de outubro

### GUARDA

**Museu da Guarda**  
R. General Alves Roçadas, 30. Tel.: 271 213 460  
3.ª A DOM., DAS 10H AS 19H  
**E Museu da Guarda: Coleção de Armaria**  
até 31 de dezembro

**Teatro Municipal da Guarda**  
R. Batalha Reis, 12. Tel.: 271 205 240  
**E L'après Midi D'un Faune**  
Exposição de Hironidino Pedro e Manuel Vieira.  
até 20 de dezembro



**M Vertixe Sonora: X Síntese - Ciclo de Música Contemporânea da Guarda**  
16 de outubro – 21h30  
**M Rodrigo Leão: O Espírito de um País**  
17 de outubro – 21h30  
**M PZ: Outonalidades**  
22 de outubro – 22h  
**T Os Acontecimentos**  
De David Greig. Encenação de António Simão. Interpretação de Andreia Bento, João Pedro Mamede, Maria Jorge, Diana Narciso, Maria Manuel e Nuno Filipe Fonseca.  
24 de outubro – 21h30

## LISBOA

**Culturgest**  
R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155  
**A 13º Doctisboa 2015**  
22 de outubro a 1 de novembro

**Fundação de Serralves**  
R. D. João de Castro, 210. Tel.: 226 156 500  
**A Harry Smith: Cinema**  
até 15 de novembro

**Teatro Municipal de S. Luiz**  
R. António Maria Cardoso, 38. Tel.: 2132 57 650  
**A A Palavra aos Artistas**  
Por ocasião da exposição Narrativa de uma Coleção - Arte Portuguesa na Coleção da

Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990), que inaugurou a 15 julho 2015 no espaço do MNAC-MC na Rua Capelo, o São Luiz Teatro Municipal e o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado promovem uma mostra dos filmes realizados pelos Artistas Unidos sobre vários artistas cujas obras integram a coleção. até 2 de maio 2016

**Biblioteca Nacional de Portugal**  
Campo Grande, 83. Tel.: 217 982 000  
**C Arte de Ser Português: no Centenário da sua Publicação**  
14 a 16 de outubro  
**C A Transgressão em Bocage**  
20 de outubro – 18h30  
**C III Congresso I República e Republicanismo**  
21 a 23 de outubro  
**C Centenário da Revista Atlântida**  
23 e 27 de outubro – 18h  
**C O Património Industrial dos Mármore no Contexto Nacional**  
26 de outubro – 15h

**Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado**  
R. Serpa Pinto, nº 4. Tel.: 213 432 148  
**C Os Retratos de Marguerite**  
Conferência com Fernando Rosa Dias e Filipa Lowndes Vicente.  
15 de outubro – 18h30

**Teatro Nacional D. Maria II**  
Pç. D. Pedro IV. Tel.: 213 250 800  
**C Poder, Atrocidade, Imaginário: a Propósito de Ricardo III**  
Debate em torno da obra de William Shakespeare com Rui Carvalho Homem, Diana Henderson, Robert Sawyer e Francesca Rayner.  
24 de outubro – 16h

**Centro Cultural de Belém**  
Pç. do Império. Tel.: 213 612 400  
**D Tenir le Temps**  
Coreografia de Rachid Ouramdane,  
17 de outubro – 21h  
18 de outubro – 18h

**Teatro Camões**  
Parque das Nações. Tel.: 218 923 477  
**D Pedro e Inês**  
Coreografia, dramaturgia e seleção musical de Olga Roriz. Interpretação dos Artistas da Companhia Nacional de Bailado.  
15, 16, 17, 22, 23 e 24 de outubro – 21h  
18 de outubro – 16h  
14 de outubro – 15h (escolas)

**Teatro Municipal de S. Luiz**  
R. António Maria Cardoso, 38. Tel.: 2132 57 650  
**D Sem Um Tu Não Pode Haver Um Eu**  
Coreografia e interpretação de Paulo Ribeiro.  
16 e 17 de outubro – 21h

**Arquivo Nacional Torre do Tombo**  
Al. da Universidade. Tel.: 217 811 500  
2ª A 6ª, DAS 9H30 AS 19H30 ; SÁB., DAS 9H30 AS 12H30  
**E Anões às Costas dos Gigantes do Passado. Poder, Mitos, Memórias aa Sociedade Medieval: Contributos de Luis Krus**  
até 31 de outubro

**Biblioteca Nacional de Portugal**  
Campo Grande, 83. Tel.: 217 982 000  
**E Onde os Nossos Livros se Acabam, Ali Começam os Seus...: O Japão em Fontes Documentais dos Séculos XVI e XVII**  
até 15 de outubro  
**E Alice no País das Maravilhas (1865-2015): 150 anos**  
até 17 de outubro  
**E Da Inquietude à Transgressão: Eis Bocage...**  
até 31 de dezembro  
**E Ramalho Ortigão. Um Publicista em Fim de Século**  
até a 31 de dezembro  
**E Aldo Manuzio (ca 1450-1515): o Inventor do Itálico**  
até 31 de dezembro  
**E Arte de Ser Português**  
até 31 de dezembro  
**E Imprensa Empresarial em Portugal: 145 Anos de Jornais de Empresa (1869-2014)**  
até 31 de dezembro  
**E Centenário da Revista Atlântida**  
23 de outubro a 31 de dezembro

**Centro Cultural de Belém**  
Pç. do Império. Tel.: 213 612 400  
2ª A 6ª, DAS 8H AS 20H;  
SÁB., DOM. E FERIADOS, DAS 10H AS 18H  
**E Guillermo Trapiello: La Raya Invisible | Slowtrack**  
até 8 de novembro  
**E Carrilho da Graça: Lisboa**  
até 14 de fevereiro 2016

**Fundação Arpad Szénes - Vieira da Silva**  
Pç. das Amoreiras, 58. Tel.: 213 880 044  
3ª A DOM., DAS 10H AS 18H; ENCERRA 2ª E FERIADOS  
**E Atelier Teresa Magalhães**  
até 31 de janeiro

**Fundação Calouste Gulbenkian**  
Av. de Berna, 45ª. Tel.: 213 880 044  
2ª, 4ª A DOM., DAS 10H AS 18H  
**E António Cruz**  
até 19 de outubro  
**E Olhos nos Olhos: O Retrato na Coleção do CAM**  
até 19 de outubro  
**E X de Charrua**  
até 26 de outubro  
**E Tensão e liberdade. Tensión y Libertad. Tension and Freedom**  
até 26 de outubro  
**E Fantin Latour e Manuel Botelho: Meeting Point**  
até 26 de outubro  
**E Todos os Livros**  
até 26 de outubro  
**E Próximo Futuro: Arte em Rede – Lugares-entre-lugares**  
até 19 de novembro

**Galeria Boavista**  
R. da Boavista, 50.  
**E Madrid Abierto em Lisboa: Ativando o Espaço Público**  
até 22 de novembro

**Mosteiro de Jerónimos**  
Praça do Império. Tel.: 213 620 034  
**E Alqueva 20 Anos de Obra, 200 Milénios de História**  
até 15 de novembro

**Núcleo Arqueológico**  
R. dos Correios, 21. Tel.: 211 131 004  
2ª A SÁB., DAS 10H AS 12H E DAS 14H AS 17H  
**E Fragmentos Iridescentes: os Vidros do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios**  
até janeiro 2016

**MUDE - Museu do Design e da Moda**  
R. Augusta, 24 . Tel.: 218 88 6 117  
3ª A DOM., DAS 10H AS 18H  
**E Tap Portugal: Imagem de um Povo**  
até 1 de novembro

**Museu de Lisboa - Torreão Poente**  
Terreiro do Paço. Tel.: 217 513 200  
3ª A DOM., DAS 10H AS 20H (ATÉ 25 DE OUTUBRO)  
3ª A DOM., DAS 10H AS 18H (A PARTIR DE 27 DE OUTUBRO)  
**E A Luz de Lisboa**  
até 20 de dezembro

**Museu de São Roque**  
Lg., Trindade Coelho. Tel.: 213 235 444  
2ª, DAS 14H AS 18H; 3ª A DOM., DAS 10H AS 12H15 E DAS 13H30 18H  
**E De Roma Para Lisboa: Um Álbum Para um Rei Magnânimo**  
até 25 de outubro

**Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado**  
R. Serpa Pinto, nº 4. Tel.: 213 432 148  
3ª A DOM., DAS 10H AS 18H  
**E Echoes on the Wall: Outro dia**  
Intervenções artísticas de Marco Godinho.  
até 18 de outubro  
**E Sousa Lopes 1879-1944. Efeitos de Luz**  
até 8 de novembro

ANÕES ÀS COSTAS  
DOS GRANDES  
GIGANTES DO PASSADO

**EXPOSIÇÃO**

**PODER, MITOS E MEMÓRIAS NA SOCIEDADE MEDIEVAL**

CONTRIBUTOS DE LUÍS KRUS

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
1 a 31 de Outubro de 2015

<http://iem.fcsh.unl.pt>

Logo: IEM



**E Rui Toscano**

até 15 de novembro

**E Echoes on the Wall: Oikonomia: uma Questão de Confiança**  
 até 21 de fevereiro 2016

**E Narrativa de uma Coleção - Arte Portuguesa na Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (1960-1990)**  
 até 12 de junho 2016

**E Temps d'Images Loops.Lisboa**  
 15 de outubro a 24 de janeiro 2016

**Museu Coleção Berardo**

 CCB. Pç. Do Império. Tel.: 213 612 878  
 3ª A DOM., DAS 10H ÀS 19H

**E Your Body is My Body — O Teu Corpo é o Meu Corpo**  
 até 3 de abril 2016

**Museu do Oriente**

 Av. Brasília, Doca de Alcântara. Tel.: 213 585 200  
 3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H; 6ª, DAS 10H ÀS 12H

**E So Far, So Close**  
 Exposição de Cincy NG.  
 até 23 de outubro

**Museu Nacional de Arqueologia**

 Pç. do Império. Tel.: 213 620 000  
 3ª, DAS 14H ÀS 18H; 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

**E Quem nos Escreve Desde a Serra**  
 Exposição sobre a escrita do Sudoeste e a Idade do Ferro.  
 até 27 de setembro

**E A I Idade do Ferro no Sul de Portugal: Epigrafia e Cultura. 35 anos, 1980-2015**  
 até 29 de novembro

**E (a)Riscar o Património**  
 até 30 de novembro

**Museu Nacional de Arte Antiga**

 R. das Janelas Verdes. 213 912 800  
 3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

**E Luca Cambiaso e o seu Círculo. Desenhos**  
 até 18 de outubro

**E Obra Convidada:**
**A Sagrada Família com Santa Ana**  
 De Domenikos Theotokopoulos, El Greco (1541-1614).  
 até 10 de janeiro 2016

**Museu Nacional de Etnologia**

 Av. Ilha da Madeira. Tel.: 213 041 160  
 3ª, DAS 14H ÀS 18H, 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

**E 10 Anos Depois: Objetos de Outros Lugares. Doação Francisco Capelo**  
 até 31 de outubro

**E Artes de Pesca: Pescadores, Práticas, Objetos Instáveis**  
 até 31 de outubro

**Museu Nacional de**
**História Natural e da Ciência**

 R. da Escola Politécnica, 56/58. Tel.: 213 9121 800  
 3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 17H; SÁB. E DOM., DAS 11H ÀS 18H

**E Allosaurus: um Dinossáurio, Dois Continentes**  
 até 31 de dezembro

**E A Aventura da Terra: Um Planeta em Evolução**  
 até 31 de dezembro 2016

**Museu Nacional do Azulejo**

 R. Madre de Deus, 4. Tel.: 218 100 340  
 3ª A DOM., DAS 10H ÀS 18H

**E Residência Ibérica de Cerâmica**  
 até 18 de outubro

**E A Arte Interior. Siza Vieira e o Desenho de Objetos**

até 15 de novembro

**Palácio Nacional da Ajuda**

Lg. da Ajuda. Tel.: 213 620264

**E Ricordo di Venezia. Vidros de Murano da Casa Real Portuguesa**  
 até 20 de novembro

**E Fotografia Tirée par... a Rainha e a Fotografia**  
 até 20 de janeiro 2016

**Sociedade Nacional de Belas-Artes**

 R. Barata Salgueiro, 36. Tel.: 213 138 510  
 2ª A 6ª, DAS 12H ÀS 19H

**E Índios e Outras Gentes**  
 Exposição de pintura de Ema Berta.  
 até 27 de outubro

 Teatro Nacional D. Maria II acolhe *Entraria Nesta Sala...*
**E Tapas. Spanish Design for Food**

até 1 de dezembro

**E No Atelier de Teresa Magalhães**  
 até 31 de janeiro 2016

**E Romy Castro: A Terra como Acontecimento**  
 17 outubro de 2015 a 3 janeiro de 2016

**Teatro da Politécnica**

 R. da Escola Politécnica, 58. Tel.: 213 916 750  
 3ª A 6ª, DAS 17H ATÉ FINAL DO ESPETÁCULO;  
 SÁB., DAS 15H ATÉ FINAL DO ESPETÁCULO

**E Que Grande Pouca – Vergonha! (Morde Com Todos os Dentes que Tens na Língua)**  
 Exposição de pintura de Sofia Areal.  
 até 24 de outubro

**Teatro Nacional D. Maria II**

 Pç. D. Pedro IV. Tel.: 213 250 800  
 3ª A SÁB., DAS 15H ÀS 18H; 4ª E DOM., 30 MIN. ANTES DO INÍCIO DOS ESPETÁCULOS NA SALA GARRETT.

**E Música no D. Maria II: a Coleção de Partituras**  
 até 31 de dezembro

**E Graça Morais. Cenários e figurines**  
 até 12 de janeiro 2016

**Centro Cultural de Belém**

Pç. do Império. Tel.: 213 612 400

**E The Happy Mess**

15 de outubro – 21h

**E Há Fado no Cais: Luísa Rocha**  
 16 de outubro – 21h

**E Red Trio**

17 de outubro – 21h

**E Escola Superior de Música de Lisboa: Harmoniemusik – Renovando a Tradição**

 Pela Camerata de Sopros Silva Dionísio, sob a direção artística de Alberto Roque.  
 Obras de Mozart, Cachão. Krommer e D. Davis.  
 18 de outubro – 17h

**E Orquestra Metropolitana de Lisboa**

 Bertrand Chamayou – piano.  
 Eivind Gullberg Jensen – maestro.  
 Obras de M. Ravel e J. Sibelius.  
 25 de outubro – 17h

**Culturgest**

R. Arco do Cego, 1. Tel.: 217 905 155

**E Oy Division**

15 de outubro – 21h30

**Teatro da Politécnica**

R. da Escola Politécnica, 58. Tel.: 213 916 750

**T Jogadores**

 De Pau Miró. Encenação de Jorge Silva Melo.  
 Interpretação de Américo Silva, António Simão, João Meireles e Pedro Carraca.  
 3ª E 4ª, AS 19H; 5ª E 6ª, AS 21H; SÁB., AS 16H E 21H  
 até 24 de outubro

**Teatro da Trindade**

Lg. da Trindade, 7A. Tel.: 213 423 200

**T Don Giovanni ou o Imorigerado Imortal**

 Adaptação de textos originais e encenação por Paulo Sousa Costa.  
 Interpretação de Ângelo Rodrigues, Liliana Santos, António Machado, Júlia Belard, Tiago Costa, entre outros.  
 4ª A SÁB., AS 21H30; DOM., AS 18H

até 25 de outubro

**T A Cantora Careca**

 Criação e interpretação de Alexandra Sargento, Andresa Soares, Fernando Rodrigues, João Cabral, Sofia Brito e Rogério Jacques.  
 5ª A SÁB., AS 21H45; DOM., AS 17H

15 de outubro a 1 de novembro

**Teatro do Bairro**

R. Luz Soriano, 63. Tel.: 213 473 358

**T Tempestade**

 Composição dramática a partir de Shakespeare.  
 Encenação de Bruno Bravo. Interpretação de Ana Rosa Mendes, António Mortágua, Daniel Martinho, Giovanni Lourenço, entre outros.  
 5ª A SÁB., AS 21H30; DOM., AS 16H

até 1 de novembro

**Teatro Municipal de S. Luiz**

R. António Maria Cardoso, 38. Tel.: 2132 57 650

**T Carta de uma Desconhecida**

 De Stefan Zweig. Adaptação, dramaturgia e encenação: Patrícia André e Sandra Barata Belo. Interpretação de Sandra Barata Belo e Félix Lozano.  
 4ª A SÁB., AS 21H; DOM., AS 17H30  
 14 a 18 de outubro

**Teatro Nacional D. Maria II**

Pç. D. Pedro IV. Tel.: 213 250 800

**T Ricardo III**

 De William Shakespeare. Direção artística Tónan Quito. Interpretação de António Fonseca, Márcia Breia, Miguel Loureiro, Miguel Moreira, Miguel Sobral Curado, entre outros.  
 4ª, AS 19H; 5ª A SÁB., AS 21H; DOM., AS 16H  
 15 de outubro a 1 de novembro

**T Entraria Nesta Sala...**

 Texto de Ricardo Neves-Neves.  
 Encenação de Sandra Faleiro. Interpretação de Cristina Carvalhal, Joana Campelo, Ricardo Neves-Neves, Rui Melo.  
 4ª, AS 19H30; 5ª A SÁB., AS 21H30; DOM., AS 16H30  
 22 de outubro a 8 de novembro

**Teatro Politeama**

R. Portas de Santo Antão, 109. Tel.: 213 405 700

**T A Republica das Bananas**

 Um espetáculo de Filipe La Féria.  
 4ª A SÁB., AS 21H30; SÁB. E DOM., AS 17H

## MAFRA

**Palácio Nacional de Mafra**

Tel.: 261 817 550

**M Orgão. Festival Internacional do Porto e Grande Porto: Concerto Coral Sinfónico**

 Homenagem a Georg Jann.  
 21 de outubro – 21h



**M V Ciclo de Concertos a 6 Órgãos**  
6 de dezembro – 16h

## ÓBIDOS

Museu Municipal de Óbidos  
R. Direita.  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 13H E DAS 14H ÀS 18H  
**E Gravuras de Vieira da Silva**  
até 26 de outubro

## OLIVAL BASTO

Centro Cultural Malaposta  
R. Angola. Tel.: 219 383 100  
**T Circo Malaquias**  
Teatro para a infância pela Trupilariente.  
SÁB., ÀS 16H; DOM., ÀS 11H  
até 8 de novembro  
**T O Patinho Feio**  
Teatro para a infância pela companhia Cativar.  
SÁB., ÀS 16H15; DOM., ÀS 11H15  
até 8 de novembro

## PONTA DELGADA

Museu Carlos Machado  
Convento de Sto André  
R. João Moreira. Tel.: 296 202 930  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 17H30; SÁB. E DOM., DAS 14H ÀS 17H30  
**E Natureza em Diálogo**  
até 18 de outubro  
**E Canto da Maya**  
até 31 de dezembro

Teatro Micaelense  
Lg. S. João. Tel.: 296 308 340  
**M Banda Harmonia Mosteirense**  
25 de outubro – 17h  
**T Uma Noite na Lua**  
Argumento de João Falcão.  
Interpretação de Gregório Duvivier.  
16 de outubro – 21h30

## PORTIMÃO

TEMPO - Teatro Municipal de Portimão  
Lg. 1.º de Dezembro. Tel.: 282 402 470  
**T Festival verão Azul**  
15 a 24 de outubro

## PORTO

Casa das Artes  
R. Ruben A, 210. Tel.: 226 000 454  
SÁB., DOM., 3ª E 5ª, DAS 14H ÀS 19H30  
**E Às Coisas Vivas**  
Exposição de artes plásticas de Helder Sanhudo.  
até 25 de outubro  
**E Onze Fábulas de La Fontaine**  
até 25 de outubro

Culturgest Porto  
Av. dos Aliados, 104. Tel.: 222 098 116  
**E Florian Hecker: Formulações**  
até 19 de dezembro

Fundação de Serralves  
R. D. João de Castro, 210. Tel.: 226 156 500  
3ª A 6ª, DAS 10H ÀS 13H E DAS 14H ÀS 17H;  
SÁB., DOM. E FERIADOS DAS 10H ÀS 19H  
**E Da Coleção - Aquisição Recente: Tacita Dean, Craneway Event [Acontecimento no Craneway], 2009**  
até 8 novembro

**E Como (...) Coisas que Não Existem – uma Exposição a Partir da 31ª Bienal de São Paulo**  
até 17 de janeiro 2016  
**E Déjà-vu. Repetição e Diferença**  
até 14 de fevereiro 2016  
**E Helena Almeida: A Minha Obra é o Meu Corpo, o Meu Corpo é a Minha Obra**  
17 de outubro a 10 de janeiro 2016

Teatro Nacional São João  
Pç. da Batalha. Tel.: 223 401 900  
**E Helena Almeida: Sem Título, 1994-1995**  
17 de outubro a 13 de dezembro

Casa da Música  
Av. da Boavista, 604-610. Tel.: 220 120 200  
**M Fausto na Música**  
Pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob a direção musical de Takuo Yuasa.  
Obras de R. Wagner, C. Gounod e F. Liszt.  
16 de outubro – 21h  
**M Outono em Jazz: Carlos Martins Quarteto | Javier Paxariño Trio**  
17 de outubro – 21h

**M Brigada Victor Jara**  
17 de outubro – 21h30  
**M À Descoberta de Fausto**  
Pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Direção musical de Takuo Yuasa.  
Concerto comentado por Daniel Moreira.  
Obras de R. Wagner, C. Gounod e F. Liszt.  
18 de outubro – 12h  
**M Carla Bley “Trios” | Black String**  
18 de outubro – 21h  
**M Élide Almeida**  
19 de outubro – 21h  
**M 15 Velas para o Remix**  
Pelo Remix Ensemble Casa da Música, sob a direção musical de Peter Rundel.  
Obras de N. da Rocha, E. Nunes, entre outros.  
20 de outubro – 19h30  
**M Mário Laginha & Tcheka | Tristano / Khalifé / Schumacher**  
21 de outubro – 21h  
**M Fado à Mesa: Diogo Aranha, Patrícia Costa e Rodrigo Costa Félix**  
23 de outubro – 20h30  
**M Descoberta Clássica**  
Pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob a direção musical de Balduur Brönnimann e a participação de Pedro Burmester (piano) e Shizuyo Oka (clarinete).  
24 de outubro – 18h

**M Poemas Cantados: Concerto de apoio aos Refugiados**  
Pelo Coro Casa da Música, sob a direção musical de Paul Hillier.  
Obras de C. Debussy, M. Ravel, E. Carter, B. Franke, entre outros.  
25 de outubro – 18h  
**M Veloso Lancellotti Sá**  
25 de outubro – 22h  
**M A. Bel Nova Música Interativa**  
26 de outubro – 21h30  
**M Novos Valores da Guitarra Portuguesa**  
Ricardo Dias - guitarra portuguesa  
Ni Ferreirinha - guitarra clássica.  
27 de outubro – 19h30  
**M Júlio Pereira: Cavaquinho.PT 2015**  
27 de outubro – 21h30

Teatro Nacional São João  
Pç. da Batalha. Tel.: 223 401 900  
**T O FIMP no TNSJ: Punch & Judy**  
Ator-manipulador: Rod Burnett.  
17 de outubro – 11h e 16h

**T Ifigénia + Agamémnon + Electra**  
Texto e encenação de Tiago Rodrigues.  
Interpretação de Ana Água, Ana Tang, Ana Valente, Flávia Gusmão, entre outros.  
4ª, ÀS 19H; 5ª A SÁB., ÀS 21H; DOM., ÀS 16H  
22 de outubro a 1 de novembro  
**T O FIMP no TNSJ: Escombros**  
Conceção de Joclécio Azevedo, em colaboração com Catarina Miranda, Ece Canli, Jonathan Uliel Saldanha. Interpretação de Catarina Miranda, Ece Canli, Joclécio Azevedo.  
17 de outubro – 21h  
18 de outubro – 16h

## SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago do Cacém  
Pç. do Município. Tel.: 269 827 375  
3ª A DOM., DAS 10H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 16H30; SÁB., DAS 12H ÀS 18H  
**E Dom Frei Manuel do Cenáculo - Itinerários por Santiago do Cacém**  
até 26 de maio 2016

## SÃO JOÃO DA PESQUEIRA

Núcleo Museológico do Vinho  
Tel. (info.): 254 310 190  
**E O Douro da Casa Alvão**  
até 27 de dezembro

## SINES

Centro de Artes de Sines  
R. Cândido dos Reis. Tel.: 269 860 080  
TODOS OS DIAS, DAS 14H ÀS 20H  
**E Ignoto**  
Projeto expositivo de Carlos No e Pedro Valdez Vasconcelos repartido entre o Centro de Artes e o Centro Cultural Emmerico Nunes.  
até 25 de outubro

## SINTRA

Quinta da Regaleira  
Tel.: 219 106 656  
**D Narrativa Interior**  
Coreografia de Clara Marchana. Interpretação de Ângela Diaz Quintela, Clara Marchana, António Torres e Tiago Correia.  
6ª E SÁB., ÀS 19H  
até 31 de outubro  
**M Saraus de Ópera Com Jantar**  
Com Isabel Moreira e Angelo Martino.  
6ª E DOM.  
até 15 de novembro – 19h30  
**M Fado na Regaleira: Isabel Moreira.**  
SÁB., ÀS 18H  
até 28 de novembro  
**T Macte Animo**  
Conceção e Coordenação de João Cruz Alves.  
SÁB., ÀS 19H30  
até 12 de dezembro  
**T Os Lusíadas - Viagem Infinita**  
Encenação de Paulo Campos dos Reis e Ricardo Soares. Interpretação de Ricardo Soares.  
SÁB., DOM. E FERIADOS, ÀS 17H  
até 20 de dezembro

## TOMAR

Convento De Cristo  
Igreja do Castelo Templário. Tel.: 249 313 481  
TODOS OS DIAS, DAS 9H ÀS 18H30  
**E Erosão**  
até 22 de novembro

## TORRES NOVAS

Teatro Virgínia  
Lg. José Lopes dos Santos. Tel.: 249 839 300  
**D Linhas de Newton**  
Conceção e criação de Aldara Bizarro.  
Interpretação e cocriação de Yola Pinto.  
23 de outubro – 14h30 (escolas)  
24 de outubro – 11h30 (público geral)  
**M Sopé**  
De Augusto Brázio e Nelson d'Aires com Lavoisier.  
17 de outubro – 21h30

## VILA REAL

Teatro de Vila Real  
Al. de Grasse3. Tel.: 259 320 000  
**E Cindy Ng: So Far, So Close**  
até 30 de outubro  
**M Philippe Séranne**  
24 de outubro – 21h30  
**T Os Acontecimentos**  
De David Greig. Encenação de António Simão.  
Interpretação de Andreia Bento, João Pedro Mamede, Maria Jorge, Diana Narciso, entre outros.  
16 de outubro – 21h30  
**T Uma Noite na Lua**  
Argumento de João Falcão.  
Interpretação de Gregório Duvivier.  
20 de outubro – 21h30  
**T Rosas de Sangue**  
Texto e encenação de Fábio Timor.  
Interpretação de Isabel Feliciano, Glória de Sousa, Paula Rios e Anabela Nóbrega.  
21 de outubro – 10h30 e 14h30  
22, 23 de outubro – 14h30 e 21h30

## UISEU

Teatro Viriato  
Lg. Mouzinho de Albuquerque. Tel.: 23 2480 110  
**A O Fabuloso Espetáculo de Lanterna Mágica do Professor Heard**  
Acompanhamento musical do pianista Filipe Melo e narração em português por Vanessa Sousa Dias.  
15 e 16 de outubro – 10h30  
17 de outubro – 16h

Museu Nacional Grão Vasco  
Adro da Sé. Tel.: 232 422 049  
3ª, DAS 14H ÀS 17H30; 4ª A DOM., DAS 10H ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 17H30  
**E Entre Deus e os Homens. A Arte na Igreja de Viseu**  
até 18 de fevereiro 2016

Teatro Viriato  
Lg. Mouzinho de Albuquerque. Tel.: 23 2480 110  
2ª A 6ª, DAS 13H ÀS 19H E EM DIAS DE ESPETÁCULO  
**E Viseu A... Não Tropeçar na Cultura**  
Exposição de fotografias de José Alfredo.  
até 19 de dezembro  
**T Viajantes Solitários**  
Texto e direção de Joana Craveiro.  
Interpretação de Estêvão Antunes e Simon Frankel.  
4ª A SÁB., ÀS 21H30; DOM., ÀS 18H  
21 a 25 de outubro